

VELHICE



fase de regeneração do espírito

Abel Glaser e Adriana Glaser

Pelo Espírito

Cairbar Schutel

CASA EDITORA
O CLARIM

Velhice

Fase de regeneração do espírito

Abel Glaser e Adriana Glaser, pelo Espírito Cairbar Schutel

Velhice

Fase de regeneração do espírito

Matão, SP

1ª edição

2021

**CASA EDITORA
O CLARIM**

Copyright © 2021 by

CASA EDITORA O CLARIM

Propriedade do Centro Espírita O Clarim

1ª edição: agosto/2021, 4 mil exemplares

Impresso no formato 14x21 cm

ISBN do livro impresso: 978-65-88278-06-2

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada num sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico sem autorização do detentor do *copyright*.

Casa Editora O Clarim

Rua Rui Barbosa, 1.070 – Centro – Caixa Postal 09

CEP 15990-903 – Matão-SP, Brasil

Telefone: (16) 3382-1066; WhatsApp: (16) 99270-6575

CNPJ: 52.313.780/0001-23; Inscrição Estadual: 441.002.767.116

www.oclarim.com.br | oclarim@oclarim.com.br

Facebook: [@casaeditoraoclarim](https://www.facebook.com/casaeditoraoclarim); Instagram: [@o.clarim](https://www.instagram.com/o.clarim)

Capa e projeto gráfico: Equipe O Clarim

Revisão: Thais Chinelatto e Cássio Leonardo Carrara

Catálogo na Editora

G584v Glaser, Abel; Glaser, Adriana

Velhice: fase de regeneração do espírito / Abel Glaser e Adriana Glaser. Pelo Espírito Cairbar Schutel. – 1.ed. – Matão: Casa Editora O Clarim, 2021.

240p.; 21 cm

ISBN 978-65-88278-06-2

1. Espiritismo. 2. Estudo doutrinário. 3. Velhice. 4. Terceira idade. I. Casa Editora O Clarim. II. Título.

CDD. 133.9

Apresentação

COM IMENSA ALEGRIA, o Grupo de Estudos Cairbar Schutel apresenta mais uma obra da série de Alvorada Nova, a Colônia Espiritual coordenada por Cairbar Schutel.

A ONU prevê para 2050¹, aproximadamente, dois bilhões de pessoas com mais de 60 anos, ultrapassando o número de adolescentes e crianças menores de 14 anos.

O Brasil apresentava, no quarto trimestre de 2019, 34 milhões de idosos. O número corresponde a 16,2% da população do país (IBGE).²

Esta obra é um convite à reflexão sobre a velhice — o último estágio material do encarnado.

Cairbar Schutel pauta-se, como sempre e de maneira indiscutível, no alicerce do Espiritismo brilhantemente traduzido pelas obras de Allan Kardec.

Entre mensagens teóricas, relatos e histórias de alguns moradores de Alvorada Nova, aborda temas como fases da vida, materialismo, evolução, sexo, solidão, trabalho, doenças, asilo, envelhecimento físico, rugas, luto e regeneração.

Vem ampliar a compreensão dessa relevante fase da vida terrena, já retratada na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, quando Kardec

esclarece: “Honrar a seu pai e a sua mãe, não consiste apenas em respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância.”³

Ou na obra *O Livro dos Espíritos*, questão 685: “Tem o homem o direito de repousar na velhice? — Sim, que a nada é obrigado, senão de acordo com as suas forças.”

“a) — Mas, que há de fazer o velho que precisa trabalhar para viver e não pode? — O forte deve trabalhar para o fraco. Não tendo este família, a sociedade deve fazer as vezes desta. É a lei de caridade.”⁴

E no capítulo *Velhice* em sua obra *Reforma Íntima, Teoria e Prática da Evolução Espiritual*.⁵

A velhice é uma fase tão importante quanto as da infância, juventude e adulta. O idoso pode buscar as mesmas oportunidades e aprendizado espiritual, assim como os mais jovens, visto que somos todos Espíritos em evolução.

Cairbar Schutel reitera a importância do bom uso de nosso livre-arbítrio em todas as fases desta existência.

Trazemos de vidas passadas hábitos e tendências negativas, que podem e devem ser combatidos na encarnação presente, através da busca pela reforma interior.

Na série de obras intituladas *Reforma Íntima*, apresentam-se ferramentas que auxiliam nesta constante tarefa transformadora.⁶

Esta obra é um estímulo à busca da almejada felicidade no convívio com idosos e em nossa própria velhice, na qual rugas contam ou contarão histórias e passos lentos refletem ou refletirão firmeza e vivência interior.

Não há por que ter medo de envelhecer. Que possamos levar na bagagem espiritual atributos positivos, otimismo e exemplos de uma vida dentro da caridade e dos ensinamentos do Criador.

A reencarnação é uma oportunidade de amadurecimento espiritual. O Espírito pode evoluir através dessas vivências em toda e qualquer ordem cronológica.

A velhice é um presente incontestado.

Agradecemos aos moradores da Colônia Espiritual Alvorada Nova que se dispuseram a enriquecer esta obra, qualificando nossas reflexões com preciosos relatos.

Agradecemos à equipe material todo o esforço, representado em linhas.

E principalmente todo o apoio espiritual que nos permite a continuação deste trabalho há mais de 30 anos.

Abel Glaser e Adriana Glaser

-
- ¹ *Demographic and Social Statistics*, <http://unstats.un.org/unsd/demographic>. Contido em “Corpo, Envelhecimento e Felicidade” GOLDBERG, Miriam, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, pg 84/85, 2011.
 - ² DIEESE — Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. <https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial01.html>
 - ³ *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Capítulo XIV, Honrai Vosso Pai e Vossa Mãe, Piedade Filial.
 - ⁴ *O Livro dos Espíritos*. Capítulo III, Da lei do trabalho. II Limite do trabalho. Repouso, questões 685 e 685a.
 - ⁵ *Reforma Íntima, Teoria e Prática da Evolução Espiritual*. Capítulo XXII, Velhice, Editora Alvorada Nova, 2010.
 - ⁶ *Fundamentos da Reforma Intima*. Casa Editora O Clarim, 1999.
Reforma Íntima — Teoria e Prática da Evolução Espiritual. Editora Alvorada Nova, 2010.
Reforma Íntima — A Evolução em Fase Regenerativa. Casa Editora O Clarim, 2018.

Capítulo I - Fases da vida

O ESPÍRITO, quando reencarna, passa ao longo de sua vida terrena, necessariamente, por quatro fases de desenvolvimento, passíveis de gerar pressão e angústia, fatores dispostos a provocar fortes emoções, positivas e negativas, flutuações bruscas de humor e alterações na fé.

Em linguagem simples, pode-se dizer que há quatro períodos de transformações para o encarnado. São os seguintes:

a) *Nascimento*: enquanto a vida transcorre durante a gestação, o Espírito adapta-se à sua nova família e, sendo bem recebido, vivencia um período de paz, apesar de coligado outra vez à carne. Conforme a lei da vida, o parto é um momento dramático já que haverá a completa ruptura do agora ser humano com qualquer laço mais profundo existente com o mundo espiritual (o que ainda havia durante a gestação). Ao nascer, é absolutamente normal o estresse, pois a criança experimenta, de pronto, os temores comuns aos encarnados, em especial, a falta de visão do futuro, o temor de sofrer os males da carne, o medo de não ser aceito ou amado, a busca por alimento e abrigo, enfim, o bebê é um encarnado totalmente amedrontado, por mais amor que receba. Por óbvio, quando nasce em família de amor e integração, tende a superar a primeira fase de estresse com maior celeridade. Nascendo em ambiente hostil, seu primeiro trauma vai persegui-lo por mais tempo do

que o ideal. A fase infantil, que segue desde o nascimento até por volta dos dez anos completos, é de relativa tranquilidade.

b) *Adolescência*: a passagem da vida infantil para a vida jovem é o segundo período de estresse do encarnado, visto consistir o período no qual o ser humano desapega-se das ingenuidades infantis, passando a construir raciocínios próprios e a ter opiniões pessoais. Alguns sofrem muito, pois não querem abandonar, inconscientemente, a tranquila e inocente vivência da infância. Outros sofrem demais, pois lhes parece muito longa sua jornada como adolescente até atingir a fase adulta, quando conquistará independência. Outros ainda sofrem pelos dois lados. Em suma, o Espírito angustia-se toda vez que sobe um degrau na escala da vida. A cada aniversário um ano se foi, repleto de novas vivências, constituindo um ser humano diferente em nível emocional e racional. A trajetória aproxima-se logo dos 16 anos, fase em que atinge o pleno livre-arbítrio, para que a reforma íntima seja implementada.

c) *Meia-idade*: o jovem adulto, a partir dos 20 anos completos, aproximadamente, pois sempre há variação de amadurecimento de pessoa para pessoa, sente-se forte, esperançoso e, por mais que sofra as mazelas materiais, envolvendo pobreza, enfermidade e percalços similares, acredita numa vida nova, a depender somente de sua juventude e energia. Esse mesmo encarnado, atingindo cerca de 45 anos chega à meia-idade e vê-se, outra vez, angustiado, amedrontado e temeroso de ter possivelmente completado mais da metade de sua existência. Retornam as ansiedades de quem ultrapassou um campo repleto de experiências positivas e negativas, ingressando em novas terras, cujas trilhas ainda não conhece e já não conta

com a juventude para o desbravamento destemido dessa novidade. Alguns se sentem completos nessa fase, embora muitas dessas sensações advenham de êxitos no cenário material; espiritualmente, a maioria que se dá conta disso ainda campeia em terreno inseguro. Mas existem aqueles cujo preparo no âmbito espiritual consolida-se, não somente pelo implemento da reforma íntima, mas sobretudo pela vontade de continuar praticando o bem e atuando em prol do seu aprimoramento interior. Começam a emergir os pensamentos acerca da velhice, embora ainda pareça distante.

O encarnado, durante o período denominado *meia-idade*, já padece de alguns males da velhice, ainda tem algum vigor da juventude, mas já perdeu toda a ingenuidade da infância. Pode apresentar comportamentos peculiares, ocultando-se por trás de pessoas, trabalhos, negócios, passatempos, enfim, é possível desenvolver a tendência ao isolamento precoce.

d) *Velhice*: atingindo os 65 anos, em média, está sujeito a sofrer outra carga de angústia, desesperança e temor. Cada um recepciona a entrada na velhice de uma forma, mas todos o fazem com cautela e muita atenção. Agora os encarnados se encontram, realmente, na última etapa da vida. Temem ser descartados, restar sem amor, enfrentar várias enfermidades, dificuldades financeiras e tornar-se um peso para seus familiares. Sentem não possuir mais o vigor da meia-idade, nem a esperança da juventude. Pior, quando solitário, pode tornar-se um peso para si mesmo. Emerge o estresse, traduzido de inúmeras maneiras, geralmente, em transtornos emocionais variados.

Esse é o ciclo normal da vida humana, atingindo a maioria dos encarnados. Não se computa o encurtamento da vida, provocado por determinismo ou livre-arbítrio, passando por acidentes graves, doenças incuráveis e até pelo suicídio. São modos anormais de findar a trajetória terrena. No entanto, pode fazer parte da programação enfrentar a morte precoce.

O que foi exposto é um retrato próximo da realidade de muitas vidas durante a reencarnação, mas não significa o ideal. Pode-se considerar a fase-padrão para quase todos a infância, por estar envolta na inocência espiritual, em face das limitações estabelecidas pelo corpo físico ainda pouco desenvolvido. Significa um estágio de igualdade para os Espíritos se prepararem a ingressar na adolescência, quando iniciarão o percurso regido pelo livre-arbítrio, separando-se os caminhos dos que pretendem trilhar vias diferentes, adotando e cultuando bons ou maus sentimentos. A família exerce um importante papel nesta fase, preenchendo de amor a insegurança natural do jovem, mas também dando-lhe relevantes conselhos, orientações e comandos. Sem a atuação familiar, torna-se a trajetória mais complexa e difícil, embora possa haver outras figuras adultas a ocupar essa lacuna, como professores, tutores e pessoas amigas mais velhas. Em suma, a adolescência é necessária para permitir ao Espírito encarnado desabrochar para a vida adulta, já tendo resolvido suas dúvidas e seus mais particulares problemas emocionais; nem todos conseguem, levando para muito além dos 16 anos — momento em que atinge o livre-arbítrio pleno, independentemente de continuar a desenvolver seu corpo físico — os

mesmos conflitos anteriormente vividos, o que provocará atraso na reforma íntima, fator indispensável para a evolução espiritual.

Em patamar ideal, deve-se vivenciar a fase da *meia-idade* com a típica alegria de quem atingiu o auge da vida material, desconsiderando-se fatores de riqueza ou sucesso profissional, mas levando-se em consideração o que se conseguiu, até ali, em matéria de projetos positivos bem desenvolvidos. Quem ainda não os obteve, porque enfrentou e ainda encara obstáculos complicados, refletidos em sua personalidade, dificultando o seu acesso à trilha do bem, terá tempo para sanar isso ao atingir a velhice. Esta fase, diversamente do espelho negativo que representa, é o estágio real da evolução, pois permite ao encarnado retornar ao ambiente neutro — tal como fora a infância — com mais ingenuidade, menos rancor e mais alívio por ter alcançado o período sênior da vida física.

A velhice, como caminhada final, precisa simbolizar a esperança na vida espiritual, que virá a seguir; sem isso, qualquer encarnado sofrerá as agruras da decadência física sem a compensação da leveza espiritual que haverá de sentir ao desligar-se da materialidade.

Muitos encarnados, a partir da meia-idade, até atingir a velhice e chegar ao desencarne, têm a tendência inconsciente de querer “voltar ao útero materno”, onde há proteção e carinho como regra; para tanto, isolam-se, e esse isolamento é um grande mal. Funciona como um veneno para a alma, como um vício impregnado de más vibrações; gera um turbilhão de emoções negativas, todas vividas paralelamente, provocando o que, no mundo material, se chama *depressão*, apta a causar inúmeros outros males, inclusive doenças mentais intensas e permanentes.

A fase sênior da vida no corpo físico depende de alegria interior para vencer os naturais obstáculos advindos pelo murchamento orgânico. Quem consegue ser feliz nessa idade? Eis o grande desafio ao qual todos os velhos devem dedicar-se.

Capítulo II - Relatos⁷

1. TER UM PROJETO DE VIDA ATÉ MORRER

O velho sofre porque não tem um projeto de vida. Até parece que vai morrer no próximo minuto. Ele considera que sua vida está em via de terminar, logo, é sentar e aguardar o momento dramático e final. Está errado, pois tudo não passa de um mero ponto de vista. A mais adequada proposta para o idoso é ter um *projeto de vida*, sem limite e sem condições.

Posso apontar que o velho deve ter uma meta, seja ela qual for, exceto ir para o túmulo. O que se pode construir, validamente, quando se chega à fase final da vida material? Lembro que o final é material, mas nunca espiritual. Logo, a meta à qual o idoso se apega pode continuar depois da morte do corpo físico em outras circunstâncias.

Existe uma velhice *bela*? Sem preconceitos ou rótulos, a resposta é afirmativa. Especialmente aos espíritas, o último estágio da vida material é somente o preparo para a vida espiritual, logo, há esperança, projetos e aspirações, que não terminam com o advento das rugas e dos cabelos brancos.

Velhos queridos, busquem um objetivo e lutem por ele. É o significado da velhice. Seja tolerante, humilde, bondoso... Pratique o amor e leia

bastante. Muitos livros. O conhecimento adquirido na velhice é um bálsamo ao Espírito.

Unam dois fatores: bela velhice e belo projeto de vida. Um apoia o outro. Ambos se sustentam e podem significar muita coisa para outras pessoas. Nessa meta, há a busca pela felicidade, que não tem idade. Ser feliz pode significar muita coisa, mas jamais se liga à idade. Algumas dicas para ser feliz: a) dê muitas risadas; b) respire fundo quando estiver nervoso; c) olhe para o horizonte e pense que não é a única pessoa do mundo material; d) lembre-se de seus amigos (tenha alguns pelo menos); e) aprenda a dizer não, pois nem tudo lhe é conveniente; f) aceite a sua idade, seja ela qual for; g) vença seus medos, afrontando-os.

Quando se trata de projeto de vida, é preciso lembrar que ele pode começar na juventude, estendendo-se até a velhice, afinal, ficar velho não significa nada em relação a isso.

Muitos idosos conquistam a liberdade na fase madura da vida. Antes, experimentavam muitos limites e controles; depois, passaram a ser eles mesmos e, com isso, mais libertos de limites sociais e outras tolices.

O velho é invisível... O que significa isso? Significa que, sob a órbita do materialismo, as pessoas contemplam com prazer a juventude, que parece dar menos trabalho — pelo menos quando se sai da fralda — e simboliza algo mais vibrante. Eis o equívoco do materialismo. Despreza-se o conhecimento e a experiência em nome de uma casca, cujo conteúdo não se sabe onde se encontra.

Meus amigos, o mundo, tal como é hoje, precisa de total reformulação.

As mulheres sofrem muito mais que os homens ao atingir a velhice. Por quê? Pelo fato de alguns homens possuírem poder aquisitivo, como regra, podendo “comprar” um amor feminino bem mais jovem. A mulher, no universo machista, não tem a mesma sorte. É mais cobrada em inúmeros sentidos. Um dos principais pontos é que ela sempre foi sustentada e, repentinamente, o ex-marido ou ex-companheiro passa a ignorá-la, gerando um estado de tristeza profunda.

O caminho ideal é que homens e mulheres idosos se encontrem e desfrutem o que lhes for possível; ao menos, uma amizade. Logicamente, há mulheres que possuem estabilidade econômica e, nesse caso, conseguem autonomia ao mesmo tempo em que atingem independência para ditar os rumos da própria vida.

Existe o idoso sozinho, abandonado, desamparado, fracassado e inseguro? Sem dúvida. Mas esse retrato não é exclusivo do velho. Por outro lado, grande parte disso advém da família, que procura renegar o idoso. A velhice desamparada é triste, sem dúvida. A esperança não pode jamais ser destruída. Cuidar bem dos seus idosos é a obrigação dos mais jovens.

A lição básica é: *não maltrate seus velhos*. Nem é por conta do egoísmo (no futuro, o mesmo pode ocorrer com você), mas por amor, solidariedade e fraternidade, critérios genéricos a todos os encarnados. Não contraia débitos por conta do maltrato àquele que lhe deu vida e cuidou de você até quando pôde. Dizer, simplesmente, que não obteve o carinho e o amor aguardados dos pais jamais justifica o abandono, visto que cabe à Justiça Divina a avaliação de todo o quadro.

O materialismo penetra — e muito — a fase idosa da vida. O desleixo atinge os velhos porque passam a desacreditar de tudo e acham realmente que se tornam *invisíveis*, o que não é verdade. É um desdobramento do materialismo pelo lado do avesso. Seja cuidadoso com sua aparência e higiene. Fuja do modelo de *velho largado* de si mesmo.

A velhice precisa ser programada como algo inevitável. Como vivenciar essa fase da melhor maneira possível? Basta lutar por um lugar vívido em sociedade e na família. Quando se ouve a voz de uma personalidade qualquer dando valor à velhice, desdenha-se. É o império da juventude, mas equivocado. A melhor fase da vida pode, sim, ser a da velhice. Cada caso é um caso diferente.

Alguns dizem que idosos ficam ranzinzas, mal-humorados e azedos. Pode acontecer, mas não é o ideal. O envelhecimento positivo advoga a tese de que todos precisam esboçar bom humor e tolerância, pouco interessando a idade. Rir, meus amigos, é fundamental. Rir de si mesmo. Rir dos outros. Rir sempre. Soltar gargalhadas e não apenas sorrir. Viver é ser feliz. Foi o que fiz e considero ter dado certo, visto que desencarnei com vários amigos e deixei uma imagem inesquecível.

Algo muito belo ao envelhecer é cultivar bons hábitos, fazer e realizar boas coisas, pensar positivamente, perdoar quem não sabe ou sabia o que faz ou fazia, ser leve e tranquilo. Consegue-se isso em qualquer faixa econômica? Lógico que sim, afinal, muitos passaram a vida em restrições materiais; não será por atingir a velhice que essa situação haveria de piorar.

Tudo que é velho joga-se fora? A resposta é óbvia no sentido negativo, como se pode constatar com objetos de arte e antiguidades em geral.

Mesmo com coisas sem valor econômico, o ser humano aprecia guardar lembranças de parentes e amigos já falecidos. Por que não? O que é velho para alguns pode ser a memória viva para outros.

Vamos todos tentar raciocinar assim: nada é tão velho que não possa ser aproveitado, de qualquer forma, por alguém.

Um dia, acontecerá o alvorecer da velhice. Quando todos se sentirem realmente garantidos quanto à continuidade da vida espiritual, chegaremos ao ponto de sentir o potencial da maior idade. Quanto mais idoso, mais sábio. Já foi assim no pretérito, em certas fases da humanidade, podendo tornar a ser. Quanto mais idoso, menor o número de erros. Quanto mais idoso, mais adequado à reforma íntima, em meu pensamento.

A velhice é longa e demorada? Sem dúvida as coisas acontecem devagar, diversamente da época da juventude. Eis o motivo pelo qual, hoje, a velhice ainda não é bem compreendida. Cabe a todos os encarnados transformá-la em sentimento transparente de vivência produtiva.

2. SALVANDO A VELHICE

Eu perdi a minha velhice...⁸ Agora, invejo os que a desfrutam bem e tranquilos, durante a jornada terrena. Desencarnei, amargo e melancólico, sofrendo por me julgar injustiçado, tanto por ter envelhecido quanto por ter experimentado um período de contínuos dissabores. Muito tempo passou até que eu percebesse ter *perdido* a minha própria velhice, com isto querendo dizer que poderia ter aproveitado a melhor fase da vida material — e não o fiz. Em primeiro lugar, quando jovem, desdenhava idosos; considerava-os inúteis e pesados fardos para seus familiares e amigos.

Nunca pensei em envelhecer justamente porque me afeiçoava à beleza do meu corpo físico, bem tratado, viçoso e vistoso, além de atraente a terceiros, no campo físico-sexual, que tanto prezava. Cuidei-me durante a juventude para tornar-me cada vez mais belo e saudável, de modo a causar inveja a quem me cercava. Conferia-me imenso prazer constatar os olhos vidrados em mim quando passava por um salão ou pela rua. Era jovem.

A cronologia da vida seguiu seu curso e me tornei maduro, começando a notar os primeiros cabelos brancos, as primeiras rugas da pele, a flacidez de minha beleza, tão duramente conquistada por anos a fio de investimento diário, algo que me horrorizava. Caminhei para o lado da ciência humana e dispus-me a sofrer qualquer tipo de intervenção para rejuvenescer, o que atingi por um tempo, embora os anos sejam mesmo implacáveis. É a força da natureza apertando as teclas da idade, algo impossível de parar.

O cansaço físico aumentou, enquanto o vigor juvenil perdia-se a cada pôdo sol. Na meia-idade, hoje sei, não me preparei para enfrentar a velhice, derrotá-la e viver a fase áurea da vida. Afinal, *velhice* é um estado de espírito e não somente uma realidade material. Por certo o corpo humano definha, mas a mente e o Espírito continuam ativos até onde seja admissível. Um dia, partimos. Um dia, podemos perder a consciência ou sofrer de enfermidade cujo sintoma é justamente afetar a mente. Mas por que temos de antecipar essa queda mental sem enfermidade alguma? Por que tive que me recolher em solidão por vergonha de ser idoso? Por que parecia um alienado, quando poderia ter utilizado o ápice do meu conhecimento para ensinar outras pessoas mais jovens? Quando acordei,

certa vez, sem vontade de me levantar da cama, pois havia perdido a curiosidade pela busca das novidades de um novo dia, senti-me velho.

De repente, noutra semana, detive-me no espelho, constatando ter-me tornado feio, enrugado, gordo, sem atrativo algum e acabei por enterrar o prazer material. Haveria outros prazeres? Nem me importava em buscar. Em determinada ocasião, recebi um convite para uma viagem a lugar onde nunca havia estado antes. Neguei, pois o que adiantaria, àquela altura da minha vida, conhecer algum local mundo afora? Iria desfrutar de que jeito? Acostumara-me a desbravar novas terras pela força do meu físico, cujo cartão de visitas era minha beleza jovial, captando, como um ímã, a atenção alheia. Eu era o centro das atenções; na velhice, virei periferia do interesse dos outros.

Mas, ao perder o interesse pelo mundo e pelas pessoas é que envelheci de verdade. Morrer é somente um ato da peça da vida. Fecham-se as cortinas daquele espetáculo para, depois, abrir a temporada com outro. Os atores ali estarão novamente, desenvolvendo outros papéis. No entanto, perdi minha velhice, pois reclamei, praguejei, revoltei-me... Admito que só piorou minha situação. Enfermidades me *escolheram* como alvo preferido e foi uma atrás de outra. Hoje, sei que a culpa foi minha, pois vibrações densas e escuras envolviam meu perispírito.

Terminei em cama de hospital ou no leito de meu solitário lar. Passava minhas noites em pesadelos e meus dias em suplício para que um fim chegasse depressa. Nem nisso dei sorte, pois minha velhice arrastou-se por anos a fio em imensa fase de irresignação de minha existência. Percebo, agora, a minha insensatez e todas as atitudes negativas que promovi contra

mim mesmo, estragando um período de paz, alegria, realização e contemplação da vida material como missão cumprida e pouco mais a cumprir. Essa é a verdadeira velhice: uma fase áurea de finalização da vida material, como quem chega ao final de uma corrida, vencedor.

Todos podem ser vencedores, pois essa corrida da vida é única, individual e cada um percorre a sua própria trilha. Por dentro, mesmo com doenças das mais graves, ninguém envelhece. O Espírito pode até experimentar uma trava de comunicação com o mundo exterior, vivenciando uma enfermidade mental, por exemplo, mas é exatamente o mesmo, ou seja, nunca foi bebê, adulto ou idoso. Nunca fomos, na essência, crianças, pessoas maduras e velhos. Sempre fomos um Espírito em evolução, que percorre vários invólucros corpóreos para conhecer diferentes estágios, participar de diversas formas de captação de conhecimento e sabedoria, bem como ter a oportunidade de praticar a caridade, vibrar o amor sincero, iluminar a vida de outras pessoas, tudo para ter sucesso no seu próprio aprimoramento interior. Perdi minha velhice *naquela* jornada. Não perdi a oportunidade de reviver a fase áurea da maturidade novamente. E quando o fizer, creio estar pronto para *ser plenamente feliz* quando velho.

3. SOFRIMENTO E APRENDIZADO

Espelhava-me numa estrela de cinema... Atuando em lindos filmes, nos quais a gente se sentia bem, porque as músicas eram belas e pareciam compostas para nosso encantamento. Eu tinha pouca idade àquela época em que era empregada doméstica de uma família rica, ganhando o suficiente para ter os meus luxos, como casa própria. Era um sobradinho na favela,

mas inteiramente meu. As pessoas pobres respeitavam-se umas às outras e ninguém invadia ou tentava tomar o que era meu. Senti-me feliz por isso, enquanto os anos passavam, mas não formei família, nem tive filhos. Era solitária nesse ponto, embora estivesse, quando jovem, sempre em bailes e festas de amigos e até mesmo dos patrões. Eles convidavam e eu me sentia uma princesa negra, sobrevivendo entre brancos endinheirados; alguns deles até me abordavam, já embriagados, para um par de horas num quartinho qualquer da casa para sexo. Isso me humilhava, mas o que fazer? Apenas rechaçar o pedido, com muita educação, para manter o emprego e desligar-me dali o mais depressa possível.

O tempo é um algoz dos nossos sonhos, pois passa raspando tudo e jogando fora qualquer meta construída durante a juventude. Ser jovem, na verdade, deveria ser traduzido por *estar jovem*, visto ser algo muito rápido e efêmero. Descobri que a velhice havia chegado, precocemente, quando frequentava as festas dos patrões e ninguém me propunha absolutamente nada, a não ser me confundir com a criadagem e entregar-me um guardanapo molhado ou prato sujo para eu levar à cozinha. É triste.

Voltava ao meu sobradinho e, ali, por um bom tempo, sentia-me a dona do pedaço, onde podia me vestir como quisesse e me portar adequada ou inadequadamente; estava em minha casa. Os espelhos que ali existiam obedeciam às ordens minhas, mostrando-me sempre bela e jovem... A minha imaginação era estupenda.

Um dia, aposentei-me. O que ganhava não era muito, mas servia bem ao meu sustento, já que tinha casa própria.

Engraçado... — pensei. Quando a gente fica sozinha, realmente solitária, parece que nem o vizinho te reconhece e o carteiro passa longe da sua casa. É uma sensação dolorida de encurtar a existência, como se a gente fosse um elemento em franca extinção, rápida e rude. Eu me levantava pela manhã, nos mesmos horários, como se fosse atender meus patrões, mas não havia nada para fazer. Então, saía para as compras, significando percorrer corredores de supermercados ou de feiras, comprando uma coisa ou outra, só para justificar ali estar. As pessoas empregadas correm de um lado para o outro e nem reparam em velhos aposentados. A minha dedução é que me havia tornado um fantasma, pois nem um cumprimento eu recebia por dias e dias.

Sem dúvida, jamais perdi de vista que o velho pobre, como eu, não é notado. O rico *precisa* ser valorizado mesmo que ele dê tanto ou mais trabalho que a gente. As pessoas são materialistas e estão interessadas no dinheiro. Refleti sobre isso num dos meus agudos dias de solidão. Para que ser velho e rico? Para ter bajuladores ao meu redor, embora o amor fosse minguado e, por vezes, quase inexistente? Parecia-me mais justo ser pobre e ficar solitária.

As rugas tomam o seu rosto do dia para a noite. Os ossos estratificam-se em conjuntos férreos, que, para se mover, requerem muito sacrifício. A visão decresce, a surdez aumenta e o paladar vai-se embora; enquanto isso, todos os seus órgãos passam a ter o direito de falhar vez ou outra — ou sempre. Esses são os aspectos materiais, parcelas pequenas do que vivi. Mas o pior acontece na sua mente e no seu coração. Este parece tornar-se uma pedra; a mente, um grande campo vazio. Não creio, sinceramente, que

esteja exagerando. Talvez, um pouco amarga, mas quem consegue chupar limão sem franzir a testa? A velhice é isso: um limão a chupar por dia...

Deveria ter-me casado. Hoje, estou sozinha e poderia ter um companheiro; entretanto, já me disseram que muitos homens agridem física, verbal e psicologicamente suas mulheres, tornando a vida um autêntico inferno. Eis que me dou por vencida e opto mesmo pela solidão.

O que é solidão? Em primeiro lugar, não conheço nada de instrumentos tecnológicos. Então, acompanho seriados e novelas pela televisão.guardo encomendas ou cartas que nunca chegam. Não tenho com quem conversar, pois nem mesmo um gato eu adotei. Os meus vizinhos nem sabem quem eu sou realmente: apenas aquela velha do barraquinho vermelho (é a cor das paredes do meu sobradinho). Voltando ao tema, a solidão é um abismo no qual nos metemos e do qual não sabemos mais sair; trata-se de um mundo paralelo ao da vida real, segundo me parece. Há vida por aí, mas ela não chega aonde eu estou e, por isso, valho-me do meu profundo precipício sentimental.

Quando era jovem, ocupei muitas noites em farras tolas, passageiras e incentivadoras de um ego fora do comum. Não amealhei amigos leais e duradouros; quando me aposentei, nunca mais voltei à casa onde trabalhei por décadas, pois não eram meus amigos, mas patrões, que logo arranjaram uma substituta mais jovem.

Um dia, na feira, resolvi comprar um peixinho dourado para me fazer companhia... Nem tinha ideia do estrago que aconteceria. O aquário e a comida vieram juntos. Não durou muito para eu perceber que um peixe é simplesmente um *nada* materializado dentro da água. Não fala, não se

comunica, nem mesmo abana o rabo para mim. Teve triste fim, pois resolvi fritá-lo e atirar para o gato da vizinha. Pírfida? Maldosa? Nem acredito que peixe seja animal, visto que, para mim, funcionou como vegetal. Decidi que não era apta a cuidar de outro ser qualquer além de mim mesma, o que envolvia qualquer espécie de bicho de estimação.

Levantar-me da cama e deitar-me para dormir era um ritual estúpido, pois repetitivo e constante, sem que eu tivesse a recompensa de belos sonhos. A mim, neste mundo, nada foi franqueado de graça; tive que lutar por tudo. Enfim, ir para a cama e dela sair era uma rotina, até o dia daquele temporal.

Estava deitada, pois nada tinha mesmo a fazer; nem sei a hora, mas passava da hora da novela. Mal tinha desligado o televisor, quando uma forte chuva começou a cair e as telhas do meu sobradinho não resistiram àquela força incomum. Vazaram e eu me desesperei, pois não tinha forças para tirar a água, ao mesmo tempo em que devia vedar o buraco que se abriu no teto. Sofri... Um homem fazia falta nessas horas. As águas do céu castigaram minha casa até inundar praticamente tudo. Chorei muito; era o que me restava.

Perdi os poucos aparelhos elétricos que tinha. Encharcaram-se mobília e cama. A cozinha virou um lixão, com comida boiando para todos os lados, originando-se do lixo e da geladeira. Os vidros da janela quebraram e eu não conseguia achar mais nada. Tudo o que eu conquistara em mais de 30 anos de luta foi-se embora tão rapidamente quanto um raio.

Eu me limitei a pegar uma cadeira, sentar-me na porta do meu barraquinho e chorar.

Ali fiquei por horas e horas. Anoiteceu e eu estava toda molhada, mas me recusava a trocar uma roupa encharcada por outra em igual posição.

De repente, surgiu uma luz no início da rua, o que ainda consegui identificar como um veículo. Ele vinha devagar como a procurar as vítimas do temporal e ali me encontrou. Era da assistência social do município, buscando pessoas exatamente como eu: velha, pobre, alguém que perdeu tudo. Nesses momentos, até o orgulho some; o egoísmo renasce evidente; o desamor é a sensibilidade natural. Pedi ajuda àquelas pessoas e, aproveitando que alguém me via como ser humano, chorei ainda mais e gritava por socorro, como se estivesse sendo sugada para baixo da terra. Eles me acolheram e, pasme-se, perguntaram meu nome. Meu nome? Acho que era *velha...* Ou *velha do barraco vermelho...* Não tinha mais nome desde que me aposentei e passei à solidão. Eles encontraram meu documento de identidade; foi sorte, porque eu não saberia dizer-lhes o meu nome completo. Lembrei-me apenas de Maria. Nada mais constava em minha mente desgastada pelo medo, pelo ocaso e pelo isolamento.

Fui levada a um asilo de velhos custeado pelo município. Mostraram-me um leito e disseram que, depois, arrumariam algumas roupas para mim. Deram-me uma sopa rala e aconselharam-me a dormir. Nesse instante, ri-me internamente, pois já me sentia uma palhaça. Dormir? Como? Iria sonhar com o quê? Por óbvio, passei a noite em claro, ouvindo uma velha no outro leito a choramingar o tempo todo. Eu não tinha forças nem para mandar que ela calasse aquela maldita boca, tampouco para virar para o lado e ignorar. Estava num estado de fúria típico de uma velha sem posses, fraca e solitária.

O dia nem bem amanheceu e pessoas estranhas entraram no quarto, abrindo cortinas e janelas. Tudo ficou claro e eu acabara de pegar no sono. Odiei tudo e todos. Não estava mais no meu sobradinho; estava entregue a terceiros, como se fosse um cão adestrado. É a pior das provas, achava eu.

Fui levada ao café da manhã, tomei um mingau ralo feito com leite azedo e maisena, acompanhado de bolachas duras e secas. Reclamar? Para quem? Estava ali *de favor* e não tinha mais absolutamente nada meu. Tudo era compartilhado com todos. Saindo daquele ambiente, colocaram-me numa sala onde havia um televisor ligado num canal qualquer em volume baixo — ou minha surdez havia aumentado. Não podíamos nem sair do recinto, pois a chuva persistia. Concentrei-me naquelas imagens da televisão, mas assim fiz para tentar ignorar os dez velhos que estavam sentados ao meu redor, sem nada falar, nada ouvir, nada sentir... Orei a Deus, o que não fazia há tempos, pedindo para morrer. Essas preces tendem a ser aceitas. Não passou muito tempo e um caroço graúdo surgiu em meu seio.

Vamos pular etapas desagradáveis. Era câncer. Não por vaidade, mas por uma questão de amor-próprio, doeu-me no íntimo a extração do seio direito. Os médicos o fizeram sem qualquer cautela estética, costurando tudo como se fecha o bucho de um boi, pois eu era velha e pobre. Para que precisaria olhar no espelho e ver ali um resto de seio? Chorei novamente. Não pelo meu seio, mas pela minha hombridade; senti-me humilhada e menosprezada. Quanto mais haverei de sofrer naquela vida material?

Se eu acreditava no mundo espiritual? Sinceramente, não. A minha vida foi honesta e pacífica; nunca fiz mal a qualquer um, mas também não admitia injustiças. Lutei muito, perdi meus pais quando era adolescente e

logo fui encaixada como babá numa casa de ricos e promovida a doméstica, onde gramei por 30 anos. Sou velha, sim, mas tenho a minha dignidade, esse sentimento horrível de orgulho misturado com amor-próprio.

Dizia-me uma ex-colega de trabalho, a lavadeira da mansão, que ficar velho era bom, pois as pessoas passavam a cuidar de você. Só se isso aconteceu com ela, porque o meu conceito de *cuidado* implicava um mínimo de amor ou fraternidade. Onde eu estava percebia o tratamento mecanizado e automático, como se fôssemos animais entrando e saindo de baias. Certa vez, assisti — quase não mais ouvia — a um documentário sobre cães abandonados e não contive as lágrimas. Não derramei uma única pelos cachorros, que eram *abençoados por Deus*, já que encontraram pessoas que os beijavam, alisavam, penteavam e acarinhavam, mas por mim mesma. Fui resgatada de uma favela sem um mínimo de contato pessoal; não somos cachorros, mas gostamos de carinho, sei lá, amor ou ternura. Sentir-se bem e querido.

Uma parte bem difícil do velho é o momento de ir ao banheiro. Dependendo da saúde e da idade, não se consegue segurar urina ou fezes e isso não representa apenas sujeira no lugar inadequado, mas uma ríspida correção de uma pessoa muito mais jovem que lhe demonstra asco e nojo. Não há, sinceramente, coisa pior do que alguém limpar o seu corpo como se virasse um bode nojento, morto, preparado para a buchada, de um lado para o outro, sem nem olhar em seus olhos. Luvas de borracha mantinham o recado de afastamento. Materiais descartáveis eram usados, pois éramos lixo. Um cheiro *maravilhoso* de álcool ou similar ficava no ar. Quando terminavam o nosso “banho” forçado, havia um recado: da próxima vez vá

ao banheiro ou ficará suja o dia inteiro. Por que falar isso? Será que essa pessoa imaginou que fiz de propósito?

Se Jesus carregou a cruz, cada velho pobre asilado carrega a sua. Um dia, naquela sala repleta de velhos decrepitos como eu, urinei na poltrona. A atendente veio de longe com uma bronca preparada, até que viu que se tratava de sangue. Acionado o pronto-socorro, retornei ao hospital e fui deslocada de maca a maca até fazer alguns exames. Constaram metástase do câncer, agora nos rins. Quando ouvi aquilo dividi-me: metade, chorou; metade, sorriu. Será que morreria logo? Tornou-se o meu desejo premente.

Mas o mundo decididamente não girava como eu sonhei. Sofri com aplicações de remédios horríveis e, pior, resistia bravamente. A solidão, naquele hospital, tornou-se um bálsamo. Não havia velhos fedorentos ao meu lado, nem atendentes racistas e insensíveis. As enfermeiras eram mais simpáticas, acho até que é um código de despedida. Já que vai partir, sejamos simpáticas — pensariam elas.

Em determinada manhã, tive cólicas, apertei a campainha e ninguém veio. Era um hospital público dos mais pobres que existiam. Levantei-me, segurando nas paredes e fui ao banheiro do corredor. Ninguém prestou atenção em mim. Sentei-me no vaso e fiz força. Nada saía. Mas as cólicas aumentavam o ritmo, até que eu enfiei meus dedos no ânus e comecei a puxar tudo para fora. Emporcalhei minhas mãos, mas já nem me sentia um ser humano, quiçá um animal, que necessitaria apenas de uma lavagem.

A enfermeira chegou aonde eu estava, porém, para avisar que aquele banheiro seria interditado, pois os vasos estavam entupidos. Com absoluta franqueza, depois de anos, comecei a rir muito, alto e forte, enquanto me

aliviava e nem ligava para o que iriam encontrar, pois o banheiro seria interdito.

Quando você está no fundo do poço, adquire um *humor bizarro*, fora de série; aquele humor que poderia ter pautado a sua vida mesquinha e horrenda. Entretanto, parece que ele só chega no fim da vida, quando você pode — e deve — rir de si mesma.

A risada é efêmera e amarga, deixando um gosto de fel na boca e um remorso terrível na mente. A gente sente que está rindo de si mesma e, ao contrário, deveríamos lutar por dignidade seja aonde for, em qualquer situação.

Ali, no quarto coletivo — quatro leitos para cancerosos —, foi um circo de horrores, pois uma vomitava sangue, outra se urinava, uma terceira gritava de dor e eu, comedida, já tinha retirado as fezes da maneira mais primitiva possível.

Certa vez, passou um grupo de voluntários pelo nosso quarto. Não eram contadores de histórias, nem palhaços, mas esteticistas. Ofereceram um trato para a pele, para o cabelo e para as unhas. Estávamos, afinal, num quarto só de mulheres. Eu aceitei e quem estava consciente, também.

Acho que aquele foi o momento de *amor e carinho* que mais tive a oportunidade de sentir. Uma besteira. Fazer as minhas unhas... A moça era gentil e *falava* comigo, via-me como ser humano, até perguntou meu nome. Contou-me um pouco da sua vida de recém-casada com um filho pequeno. Disse-me trabalhar numa clínica de estética, mas sempre teve vontade de fazer aquele trabalho voluntário para ajudar quem precisa. Sem mais uma única gota de orgulho correndo em minhas veias, eu peguei a mão dela e

disse um *obrigado* do fundo da alma. Acho que ela notou, pois lacrimejou. Sentir-me humana era um direito meu, que finalmente fora concedido por alguém.

Os dias passaram e eu piorei. Para fazer uma simples tomografia tive que ser levada a outro hospital público, pois a máquina, ali, estava danificada. Não fiz de propósito, mas vomitei o percurso inteiro, dentro da ambulância. Alguém haveria de limpar aquele nojo que eu gerei.

A metástase já atingira vários órgãos; eu estava *desenganada*. O médico, com muito tato, resolveu dizer-me isso. Novamente eu sorri e lhe disse que estava tudo bem, tudo ótimo, que ele ficasse tranquilo, pois eu estava. O jovem médico surpreendeu-se e ficou na defensiva, sem saber o que dizer. Não lhe facilitei as coisas, pois ele ainda tinha muito tempo à frente para dar essa notícia a vários pacientes. Deixei que adquirisse experiência. De minha parte, olhei para a janela e consegui ver o sol. Pronto. Ali fiquei por horas, até adormecer.

A partir desse dia, a minha história torna-se aborrecida. Eu dormi até desencarnar. Não lembro o que se passou nesse período. Uma grande lacuna.

Para onde fui? Como foi? Essa parte eu lhes contarei oportunamente. Hoje, atuando como enfermeira no Hospital de Alvorada Nova, sinto-me revigorada e até agradeço o sofrimento que experimentei na vida material. Não fosse assim, meus sentimentos negativos talvez tivessem predominado e atrasariam a minha evolução espiritual.

4. SEXUALIDADE EXPIATÓRIA

Nasci homossexual e ninguém precisou me contar nada a respeito disso. Desde pequenino, apreciava a beleza masculina e concentrava-me nos detalhes de corte de cabelo, unhas bem-feitas e polidas, um suave perfume, roupas elegantes, passadas, e um tom de voz forte e convincente. A homossexualidade não é doença, mas uma vivência do Espírito certo no corpo errado. Ou seria o Espírito errado no corpo certo? Em verdade, trata-se de uma prova para uns e de uma expiação para outros. Para mim, admito, foi uma expiação a maior parte do tempo.

Vou saltar os meus anos de luta pela dignidade em casa, na escola, entre meus irmãos e meus parentes. Atingi minha maturidade e, sem muita lógica, até porque sofria muita discriminação, atirei-me a relacionamentos sexuais fortuitos e constantes. Quando se é jovem, tudo compensa. Mesmo que se viva sozinho, o seu visual pode compensá-lo. Ele é o seu melhor amigo. Onde ingressa a sanção? Na época da maturidade e, depois, da velhice.

Quando passei dos meus 40 anos, já não era jovem para o mundo materialista homossexual, razão pela qual arranjei um companheiro de idade similar. Ambos trabalhávamos, não éramos ricos de família, vivíamos um padrão classe média. Acho que nós dois ignorávamos os perigos da sensualidade masculina e, fora de casa, nos entregávamos a algumas aventuras desprotegidas. Contraímos o vírus da AIDS, pouco importando como. Se ele ou eu. Ou ambos. Começamos o tratamento necessário.

A continuidade da vida, depois disso, tornou-se mais difícil, pois chegávamos aos 50 anos soropositivos e aquela chama de amor do começo se havia apagado. Estávamos juntos *por obrigação*. Quem adoecesse

primeiro, cuidaria do outro. Mas, para o homossexual, envelhecer é uma pena de elevado grau, pois no seu mundo gira a beleza material e esta é concentrada na juventude. A beleza intelectual existe também, mas em menor número.

Vamos levando a vida, frequentando festinhas de gays maduros; aniversários de gays idosos; encontros de casais, quase uma vida heterossexual *normal*. No entanto, assim não é, pois onde estamos, ali sofreremos as rugas a mais, a disposição física a menos, as agruras da maldita velhice.

Um dia, encontrei-me com um colega de faculdade, bem-nascido, rico e gay. Conversávamos sobre a vida, quando ele me disse ser *infeliz*. Sim, porque todos os que dele se aproximavam tinham o desejo de ser sustentados; o amor puro parecia não existir nesse meio — dizia-me ele. Instigado por mim, ele reconheceu que um caso ou outro poderia ser exemplo de amor verdadeiro, mas não a maioria. Nisso eu realmente acreditava.

Soropositivo — é bom que se destaque —, cheguei em casa de surpresa e surpreendi o meu companheiro com outro homem em pleno relacionamento sexual. Não proferi uma única palavra. Entrei, peguei minha mala e enchi com minhas roupas, enquanto ele me chamava a atenção e pedia perdão. Sinceramente, não era uma questão de desculpar ou não, mas um ponto de dignidade, visto que ambos éramos portadores do vírus da AIDS e *nunca se descobriu quem passou a quem*. Então, aquela cena de sexo embrulhou-me o estômago; senti-me enganado, ao mesmo tempo que humilhado. Parti daquela vida a dois. Não olhei para trás.

Tinha meus 54 anos, percorria os bares gays da cidade, mas nada encontrava. O universo homossexual é o mais restritivo campo do amor, porque a beleza física é o primeiro atrativo. O segundo é a riqueza. Os demais se dividem em mil parcelas, entre as quais existem a inteligência, a titulação acadêmica, o reconhecimento como artista etc. Mas aos enfermos resta praticamente *nada*.

Devo admitir que, quando ia a esses bares, nem sabia o que iria achar e, no fundo, ficava satisfeito de voltar inteiro para casa. Não foram poucos os gays assassinados por levar um estranho para onde moravam.

Mas, apesar disso tudo, um ponto doía no coração: a solidão. Eu tinha dois cãezinhos lindos da raça pug. Eram praticamente meus filhos e eu os mimava desse jeito. O cão é excelente companheiro, mas não conversa com você sobre as notícias do dia, nem faz avaliações de futuro. Isso significa que continuava lutando para encontrar alguém que pudesse preencher a minha carência de inteligência humana.

Não tive sorte. Ou pode ser que tivesse que ser exatamente assim.

Cheguei aos 60 sozinho, mas um vencedor sob o prisma da enfermidade latente. Aposentado, lia vários livros, mas não tinha com quem trocar ideias justamente sobre aquilo que tinha lido. Descobri as maravilhas da internet e ingressei em vários grupos, o que preenchia grande parte do meu dia. Porém, os próprios internautas avisam quanto aos perigos dos criminosos agindo sob nomes falsos. Na verdade, estava nos grupos, ao mesmo tempo em que não estava, pois poderia estar diante de um delinquente qualquer.

Eis que emerge sempre a bater forte a solidão. A minha família — pais e irmãos — morava muito longe de mim. Meus idosos pais já não saíam de

casa. Meus irmãos se comunicavam comigo, eram amistosos e sabiam da minha orientação sexual, embora nada suprisse o meu isolamento.

Passeando com meus cães, certa vez, cruzei com outro idoso — devo assumir os meus 60 anos — que trazia dois outros cãezinhos e nos entrelaçamos na rua. Foi divertido o encontro dos quatro cães — dois pugs e dois poodles. Rimos bastante e, dali, nasceu uma parceria muito boa.

Decidimos cada qual morar no seu local, mas estávamos sempre juntos nos fins de semana, feriados e épocas festivas, ora no apartamento dele, ora no meu. A minha solidão esvaiu-se, mas a velhice, não. Não mais conseguia ter um bom desempenho em academias de ginástica, razão pela qual as abandonei. Tentei correr e consegui por um tempo. Mas nunca fui atleta, logo, houve um limite.

Depois de mais de uma década, chegou a conta do HIV. A enfermidade fez-se presente e não havia mais prevenção no meu caso. Entrei e saí de hospitais diversas vezes. No começo, meu *companheiro* — se assim posso chamá-lo — participou de tudo. Quando a situação se tornou mais grave, ele não atendia o telefone e simplesmente sumiu. Fechou seu apartamento e foi para algum lugar incerto.

Estava solitário novamente. Uma irmã veio para me auxiliar. Vivemos bons momentos de recordação da infância e da adolescência, mas ela também teve que retornar à sua família.

Nada mais me impressionava. A única coisa que realmente me aborrecia era a raiva que eu carregava comigo e que corroía meu coração. Descontava, mentalmente, no meu ex-companheiro, que poderia ter-me

transmitido o vírus, sem ao menos lembrar que o contrário poderia ter acontecido. Estava em época de atritos internos, odiando o mundo.

O mundo rodou... Já ouviram essa expressão? Foi a finalização da minha vida. Não mais consegui ter contato com o amor, mesmo que físico. Perdi meus pais e os irmãos, todos sem tempo para mim, pois precisavam estar presentes nas suas próprias famílias. E eles estavam certíssimos.

Acomodei-me com a minha solidão. Saía com meus cães, passeando em parques públicos. Conversava com quem se dispusesse a um bom papo. Era gentil no meu prédio e tinha vizinhos amistosos. Senti que havia chegado um período muito delicado da minha enfermidade. Procurei uma vizinha muito querida e pedi-lhe que olhasse meus cães e, na minha falta, que ficasse com eles. Ela concordou com os olhos lacrimejantes. Foi praticamente a minha despedida da vida: entregar “meus filhos” e saber que seriam bem cuidados.

Voltei ao hospital e dali não mais saí. Dia após dia havia uma novidade.

Em face de todas as drogas que eu havia ingerido para controlar o vírus, afetou-me gravemente o fígado e eu teria que fazer um transplante para continuar vivo. Nem houve tempo. Meus rins faliram e tudo o mais feneceu.

Fechei um dia meus olhos e não mais os abri, a não ser na espiritualidade. Mas essa é outra história.

5. MÃE, VELHA E FELIZ

Casei-me muito cedo e tive dez filhos. Outros tempos. Era uma mulher preparada para ser *do lar*, agregando os filhos e atendendo ao marido, sempre. Nunca tive sossego na vida, pois quem tem tantos filhos, sem babás

e outros serviços, se torna uma pessoa especial, diferente de várias outras. Cheguei à conclusão de que uma mulher, na minha situação, é realmente uma heroína. Cuida do marido chato e mandão, além de uma penca de filhos com inúmeros desejos e malcriações.

Sim, eu fui essa mulher, que, hoje, seria um exemplo mundial, talvez merecedora de uma homenagem. A minha caçula chorava, enquanto o mais velho ameaçava sair de casa e o marido queria a refeição pronta, a tempo e hora.

Vivi assim o tempo inteiro. Nem sei como consegui. As minhas únicas horas de “lazer” eram ir às missas e ouvir os sermões, depois comungar. Nunca tive vontade de *confessar*, porque me achava sem pecados — pode ser uma pura pretensão.

Nem era meu nome, mas a vizinhança me chamava de *Cotinha*, talvez um arremedo de Constança. Eu respondia sempre e era solidária. Apesar de meus filhos, ainda ajudava as vizinhas a deixar comigo seus filhos para que pudessem sair com seus maridos. Ria-me disso, pois meu marido nem parava em casa; eu não sabia aonde ele ia ou com quem estava. Achava-me uma mera reprodutora; depois de dez filhos, fui totalmente esquecida. Não que o sexo me fizesse falta, ao contrário, não participar disso dava-me alívio. Só quem cuidou de dez filhos e das crianças dos vizinhos poderá saber o que digo.

As minhas filhas brigavam muito; os meus meninos davam-se melhor, mas isso não impedia competições e lutas físicas dentro de casa. Um dia, parei e pensei: *querem se bater, que o façam*. Parei de me meter em todos os

conflitos e isso acabou arrefecendo os ânimos de todos. Foi até engraçado pois parecia que eles queriam *audiência* para suas desavenças.

Meu marido era um rico fazendeiro, porém muquirana. Eu tinha apenas uma auxiliar na cozinha e uma arrumadeira. Nada mais. Enquanto isso, ele colocava a fortuna da família nos jogos de cartas. Falar com ele sobre a nossa vida conjunta? Acho que, desde a lua de mel, nunca mais trocamos palavras, inclusive para produzir dez filhos.

Teria eu uma vida difícil? Não sou capaz de julgar, porque tive um marido gélido e mulherengo, como sempre supus, além de jogador, que terminou com o patrimônio familiar. Tive dez filhos lindos, mas que viviam se estranhando, até atingir a maturidade. De mulher de fazendeiro passei a lavadeira para sustentar nossa família, quando tudo foi perdido no jogo. Além de cuidar dos filhos, lavava roupa para fora.

Nunca fui orgulhosa, razão pela qual não me sentia humilhada ao lavar a roupa de estranhos e quando certas famílias resolviam me dar um valor a mais pelo seu serviço. Todo dinheiro para os meus filhos era bem-vindo. Quando caímos na miséria, meu marido tornou-se alcoólatra e faleceu uns anos depois.

Continuei a dar conta da casa, agora alugada, e dos meus filhos, com a lavagem de roupas para terceiros. E daí? Era um trabalho honesto que eu desempenhava com muito amor. Pelo meu exemplo, mostrei aos meus filhos o que significa o trabalho *honesto*, assim como lhes ensinei o que era o *desperdício*. Nem tinha muitos conceitos religiosos; gostava das missas porque me aliviavam dos problemas domésticos, embora tivesse ínsito em

meu coração a vontade e a disposição de trabalhar muito pelo bem da família.

Aos poucos, meus filhos migraram. Cada qual adotou uma profissão e deixou a cidade natal, onde eu permaneci, lavando roupa para terceiros. Um dia, um filho que se tornou engenheiro veio visitar-me e tentou dar-me uma “lição”, dizendo que eu deveria largar a lavanderia e exigir que os filhos me dessem uma pensão para eu não ter que fazer esse trabalho *inferior*. Aquele foi o meu dia de fúria. Falei tudo o que estava preso em meu peito, dizendo-lhe que a honestidade é a melhor das virtudes, ao lado da humildade, algo que lhe deve ter escapado. Disse-lhe não precisar de pensão, pois sustentei todos os dez filhos com a minha lavagem de roupas para terceiros. E que ele não poderia vir à minha casa menosprezar a minha atividade laborativa. Não era um mau menino, mas crescera e, quando se tornou engenheiro, começou a ganhar bem, mudando sua visão da vida. Ele abaixou a cabeça, pediu desculpas e foi-se. É lógico que o perdoei, pois isso tudo faz parte da educação dos filhos.

Passado um tempo, surge-me uma filha, professora, casada com um médico, dizendo-me o que fazer: em síntese, que, para não os envergonhar eu deveria parar de lavar roupas e ficar em casa com uma empregada para mandar e desmandar. Foi outra lição de algumas horas. Ela voltou para sua cidade sem qualquer êxito.

Assim eu fui envelhecendo. De bem com a vida. Nunca culpei meu marido por ter perdido o nosso patrimônio. Nunca lhe desejei qualquer mal. Eduquei meus dez filhos à luz da honestidade e retidão. Mantive sempre o mesmo comportamento reto e lídimo. Enfim, sentia-me naturalmente

realizada. Não tinha medo da morte, embora nunca tivesse professado, de verdade, qualquer religião.

Atingindo os meus 70 anos, os filhos preocuparam-se por eu morar sozinha. Começou o famoso *jogo de empurra*. Nossa mãe vai para onde? Há dez lares dispostos a recebê-la. Mentira. Dos dez, se houvesse uns dois seria muito.

Feitas as considerações, os filhos decidiram que eu deveria viver como numa roleta-russa: um pouco de tempo com cada filho. Eis aí a velhice. Perde-se a voz, a opinião, o comando.

Na casa de meu filho primogênito, senti-me mais acolhida, pois ele também resolveu povoar o mundo e teve cinco filhos. Naquela mistura, estava bem, pois cuidava dos netos e meu filho e sua mulher nem percebiam que eu ali estava. No entanto, ele sofreu um problema financeiro grave. Quem se tornou o obstáculo? Eu.

Fui para a casa de outro filho, cuja nora, por razões ignoradas, não gostava de mim. Passei a sofrer assédios de toda ordem e foi uma época bem difícil. Com muita delicadeza, fiz chegar aos ouvidos do meu filho o meu descontentamento, mas sem imputar à sua mulher qualquer culpa, razão pela qual terminei no apartamento de uma das minhas filhas solteiras. Ela era cantora de ópera. Adorava a música, mas os ensaios diários quase me deixaram louca.

Tive que aguentar um tempo, pois esse é o papel da mãe dedicada. Quando ultrapassamos certo período, conversei com minha filha e fui transferida para a casa de outra filha, casada com um advogado. Eles tinham dois filhos. Entretanto, não eram apenas “dois filhos”, mas

basicamente uma *quadrilha* de dois indivíduos. Os meninos faziam tudo o que não era permitido no condomínio e nos arredores. Fui cobrada como avó liberal, que permite absurdos aos netos. Nem sabia exatamente o que eles faziam. Lá fui eu explicar-me à minha filha por não saber o que os netinhos tramavam.

Creio não ter sido convincente e fui enviada a outra filha solteira, que era médica e não parava em casa. Na minha mente, regoziquei-me diante da maravilhosa *solidão*. Ela saía umas 7 horas e voltava em torno de 22 horas. Quando saía, eu dormia. Quando voltava, dizia que não queria conversar pois estava exausta. Ali foi o meu melhor local.

Entretanto, emerge o paradoxo. Quando adoeci, minha filha médica *despachou-me* para a casa de outro filho, casado com uma mulher maravilhosa, onde consegui, finalmente, ter paz de espírito e viver momentos de felicidade.

Esse meu filho era bancário e sua esposa dedicava-se ao lar, com três lindas meninas. Foi a redenção de toda minha vida. Tive tudo o que uma avó velha merece. Obtive atenção das meninas, ternura da nora, amor do filho, enfim, ali podia morrer em paz.

O tempo passou e eu realmente tive uma velhice feliz.

Parece estranho dizer isso, mas foi o que aconteceu.

6. A REPULSA À VELHICE

Sou velho, e daí? Fosse somente uma frase de efeito, mas não é. Ser velho é ser um lixo social. Uma porcaria qualquer. Se o velho tiver dinheiro e não tiver consciência do óbvio, será paparicado exclusivamente pelo

dinheiro. Nunca será verdadeiramente amado. Se for pobre, a questão aparece rapidamente, deslocando-o para qualquer lugar bem longe da vida cotidiana.

O velho, com a mais absoluta franqueza, precisa estar ativo e produzindo. Se permanecer na posição passiva e dependente de cuidados, está encarcerado. A menos que seja rico.

Mesmo o rico, se tivesse escrúpulos, sofreria todos os dias, desde o momento de acordar até o instante de ir dormir. Mas a maioria “acha” que é querida e bem cuidada e padece do sonho do amor desprendido.

Não posso dizer que todos os ricos são paparicados porque têm dinheiro. Há pais que amam seus filhos e recebem também muito amor e são ricos. Mas a maioria dos casos no planeta é de pura enganação. Velhos ricos são tolerados. Velhos pobres são jogados ao escanteio da vida.

A velhice é igual à pobreza: uma coisa horrível. A pobreza material insere o encarnado em inúmeros problemas; o mesmo acontece com a velhice da classe média e das inferiores a esta.

O mundo materialista julga e condena quem não tem dinheiro suficiente para se fazer valer como um ser humano acima da média. Imaginem como isto funciona no campo da idade avançada.

Meus amigos, eu padecei demais na minha velhice. Estive em família de classe média, o que considero, hoje, a pior hipótese. Nem sei a razão, mas parece que o pobre zela mais pela mãe ou pai idoso. O rico interna logo em ambiente de primeiro nível. A tal classe média é o problema. Ela não tem poder aquisitivo para internar em local decente, para mostrar aos amigos e

outros parentes, mas também não quer abrir mão do cuidado, pois seria uma ingratidão vista e atestada pela sociedade.

A classe média sofre bastante. Geralmente, fica com o velho em casa, destinando-lhe um quartinho qualquer e as pessoas que ali moram, vez ou outra, vão visitar o idoso. Mil desculpas são arrumadas para justificar esse “desconforto”. É um horror em matéria de amor.

Fui um desses velhos de classe média. Tive um AVC e fui tratado. Depois, inválido, até porque era preguiçoso demais para tentar a vida útil, fui colocado num quarto. Alguém limpava minhas fezes e urina e outros “*alguéns*” davam-me alimentos. Via pouco a família. Muitos diziam que a culpa daquilo era inteiramente minha, logo, haveria de expiar um bom tempo na cama, jogado sentimentalmente às traças. Minha mulher já era uma gélida pessoa quando eu estava bem. Praticamente sumiu após a minha enfermidade.

Amigos, ser menosprezado pela família ou estranhos, seja como for, é uma prova e tanto. A gente necessita de muita perseverança para aturar e aceitar. A classe média é terrível com seus altos e baixos.

Um dia, acordei e não vi minha cuidadora. Estava borrado e necessitando de limpeza. Ninguém estava por perto, de modo que aprendi, na prática, o que significa conviver com as suas próprias entranhas, aquelas que são descartáveis. De súbito, passou pela porta do quarto uma filha minha. Chamei-a indicando problema, ao que ela respondeu não ser problema dela. E foi-se.

Pensei... realmente, nada é problema dela. Enquanto eu era o provedor da casa, tudo o que acontecia tinha relevo e era problema de todos, como num

lar democrático. Mas agora, minguido em fezes, ninguém assume nada. Deve ser normal. Descobri quando desencarnei e prometi que nunca faria isso quando fosse o filho de quem tanto precisa.

Somos egoístas. É a nossa natureza. Uma situação lastimável.

O velho é um cancro, algo que pode deixar a Terra rapidamente sem nenhuma perda. A não ser que sejam velhos ricos, cientistas, escritores de renome ou que tais.

Envelhecer é bom? Não, decididamente não. Todo o corpo humano faz questão de indicar a sua velhice, que começa, formalmente, aos 40 anos (gostem ou não).

Eu corria, eu fazia, eu podia, eu acontecia... Agora não mais. Um ou outro consegue manter o ritmo, mas essa mesma pessoa começa a perceber que tudo não passa de um sonho. Todos decrescem, sem exceção.

Uma das mais importantes lições que eu aprendi é que a aproximação com velhos é positiva. Não estou defendendo o asilo de velhos, mas estou mostrando que é mais adequado conviver com velhos do que ficar esquecido num quarto, numa casa de pessoas mais jovens que nunca vão conversar contigo.

Amigos, velhos precisam se unir.

Devo dizer a vocês que, se tivesse um grupo de parceiros da mesma idade, para chegar à velhice, estaria muito feliz. Mas não tive.

O AVC deixou-me prostrado e as visitas de amigos e familiares eram muito raras. Sentia-me um ser alienado do meu mundo. É uma tristeza imensa, mas não temos como contestar; eis que surge o fator monetário. Quem não tem como “comprar” amor e atenção sofre demais.

Outro dia, quando malcuidado no meu leito, cheguei à conclusão de que a velhice, no geral, fede e incomoda. Pensei, sozinho, por que não podemos simplesmente morrer? Por que Deus não quer? Porque os familiares gostam de nos exhibir aos amigos: eis meu pai podre, vítima de AVC, mas estamos cuidando dele. Seria uma mostra de caridade?

Estava cansado demais. Queria simplesmente morrer. O que poderia ser pior do que aquele cenário que eu estava vivendo?

Essa tristeza se torna latente, preenche nossa mente e todas as nossas entranhas. Não conseguimos explicar isso a quem nos dá alguma atenção. Parece algo que cada um deve sentir de per si.

Os cuidados com a higiene e o corpo, para quem sempre deu valor, continua a ser importante. Por que acham que velhos não precisam de banhos e outros cuidados similares? Ingressa nessa fase o egoísmo e o materialismo. Gastar com o velho? Para quê? É velho mesmo... Aguarda a morte...

Que situação complicada.

Sem dinheiro, não se consegue explicar aos parentes e amigos o quanto estamos sofrendo. O materialismo domina inclusive a morte. Que horror, penso eu.

Possam as famílias abdicar de tantos privilégios para visualizar o idoso como uma prioridade. É preciso ser muito materialista e egoísta para não participar da ideia de que o *velho é humano*, precisando de amor e cuidados como todos os demais.

Você cuida bem dos seus filhos? E dos seus velhos? Nem sempre as respostas coincidem e a gente nota a má vontade para com os idosos.

Entretanto, os mais jovens estão vendo como vocês tratam os seus idosos. Estão dando mostras de rejeição, repugnância, afastamento, rejeição e tantos outros sentimentos que, no futuro, serão usados com vocês.

Cuidar dos velhos, falando agora em sentido lato, é *fundamental*. Não é só a infância que precisa de amparo, mas os idosos também.

7. REALISMO

Quem, em sã consciência e liberdade de escolha, prefere ficar velho, ter seus cabelos caídos, enrugar-se inteiro, diminuir a força física, esquecer-se de muitas coisas, enfim, virar um *ente que anda*? Pode não falar, não ouvir e até nem mesmo andar, mas vive e incomoda, porque alguém precisa tratar daquele ser humano. Enquanto alguns idosos com seus 80 anos se veem, desde logo, como coisas descartáveis, inclusive pela família, outros acreditam que ainda têm algo a oferecer à humanidade. Uma coisa é certa: não é a idade cronológica que define caráter, comportamento e humor. Quem já era chato, tenderá a se tornar muito chato quando velho.

Há pessoas que fogem do contato com velhos, pois, na realidade, temem a morte, algo que os idosos lembram com mais facilidade. Vê-se que é uma questão comportamental e até mesmo de crença. A idade tem menos implicação que a falta de fé na vida espiritual e imortal. Mas, eu sempre me perguntei: esses jovens acham que velhice é transmissível? Se um indivíduo é idoso, não transmite o “vírus” ao jovem. Então, são mesmo paspalhos.

A sociedade *precisa* dos idosos para compreender inúmeras coisas e situações; para resolver vários problemas e auferir incontáveis conhecimentos. O termo “velho” ganhou a conotação de inútil, desprezível,

algo passível de ir para o lixo. O que se adotou com as coisas, infelizmente, migrou para os seres humanos.

De fato, é confortante dizer que “velhice é só um estado de espírito”. Mas não é. Está na cabeça e em todo o resto do corpo físico. Deve-se lidar com esse estágio da vida da melhor maneira possível, sem pretender milagres como rejuvenescer e voltar a ser um jovem como outro qualquer.

Se velho não quer dizer doente, infelizmente, há idosos que representam exatamente isso. Não ligaram a mínima, quando mais jovens, para ter uma vida saudável; quando atingem idades mais avançadas, não conseguem fazer quase nada e dependem da ajuda dos outros para quase tudo. O que mais sofrem? Julgamentos daqueles que dizem: “Custava ter-se cuidado melhor?” É uma triste realidade.

Ouvi de um velho: “Até mais baixos nós ficamos...” Eu olhei para ele e disse: “Logo você está reclamando disso? Você, que tem filhos lindos, saudáveis, todos altos e elegantes?” Devia envergonhar-se e ele, realmente, se retratou. Seus belos filhos eram muito mais altos que o pai. Há algo mais grandioso que isso? Qual orgulho maior haveria? Enfim, antes de nos queixarmos com situações pessoais, é preciso olhar para os lados e checar o mundo ao nosso redor.

Um alçoz da velhice é mesmo a depressão, pois implica perda de interesse pelas coisas ao redor, concentração da mente em perdas e fracassos, geração da solidão intelectual, podendo chegar a distúrbios psíquicos graves, com perturbações para dormir e problemas imaginários ao acordar. Porém, nos tempos atuais, os velhos são minoria nos problemas de depressão; há muito mais jovens e adultos nessa classificação. Sinal dos

tempos modernos? Eu diria que é sinal da falta de fé de alguns e falta de vergonha de outros. Mas não estou aqui para julgar.

O julgamento dos outros é algo perturbador. Se o velho esquece algo importante, muitos são seus detratores, acusando a sua idade pelo problema gerado. Se o jovem esquece o mesmo, salvo motivos especiais, como uso de drogas, ninguém liga. É o acaso. Essa é uma injustiça contra o idoso, pois nem sempre seus lapsos poderiam ser controlados, vale dizer, outros poderiam passar pela mesma situação. Antes de criticar, avalie e seja justo.

Poderia citar vários nomes de figuras ilustres, com mais de 70 anos, que produziram obras-primas em inúmeros setores das artes em geral. Adiantaria? Os jovens nem ligariam, até porque grande parte deles nem mesmo conhece quais são essas obras. Outro contingente considerável poderia dar valor momentâneo, mas nada que pudesse influenciar a sua própria vida. O mundo é constituído pela maioria de egoístas, o que justifica o abandono à velhice de um modo geral. Eu, eu e mais eu — este é o princípio jovial.

Sou mesmo implicante. Quem me disse “velhos são muito lentos”, ouviu em retorno “verdade, por isso cometem menos erros”. Mas é realidade. A rapidez é útil na corrida de carros ou na disputa no campo de futebol; mas não funciona assim na arte, na literatura, na política, na medicina, no direito e em várias outras atividades muito mais relevantes.

Outro ponto relevante é a repetição das histórias pelos idosos. Eles repetem e repetem os mesmos casos narrados. Antes de se irritar, lembre-se de você mesmo, na infância, e de seus pequenos filhos que repetem o

mesmo desenho animado ou determinado filme inúmeras vezes. Mas isso não o irrita. *São crianças* — você justifica.

Ocorre que, para ambos, o fenômeno é quase o mesmo: diz respeito à *segurança*. Uma criança assiste várias vezes ao mesmo desenho de que gostou para ter certeza de que sempre vai acabar bem aquela história; para ter certeza de que a vida tem momentos realmente bons. O idoso, em ambiente hostil ou estranho, pode fazer o mesmo. Repetir uma história que ele domina pode ser a sua escapada de uma situação vexatória ou o incômodo da mudez durante certo tempo. Ninguém faz nada por acaso.

Sob outro aspecto, repetir histórias pode trazer conforto aos idosos. Aliás, quanto menos amor e amparo ele sentir, mais repetirá coisas que já disse inúmeras vezes; afinal, ele não tem mais nada para narrar, pois sua vida estagnou-se em determinado momento.

Como regra, para a maioria dos encarnados a velhice representa um fardo. Perde-se o poder aquisitivo, chegam as mazelas do corpo físico, os assaltos à memória, a mudança na área profissional, enfim, um atropelo atrás do outro. O que fazer? Em primeiro lugar, contar com familiares e amigos para que esse momento seja aliviado. Pelo lado pessoal, absorver aquilo que, já se sabia, estava para acontecer. Mas há muitos velhos que se proclamam vencedores, pois veem o lado bom da vida. Criaram belos filhos, construíram profissões sólidas, investiram em bons negócios, mas, acima de tudo, foram honestos e leais. Os atributos comportamentais contam muito mais na velhice do que as conquistas materiais. Tenha a certeza disso.

Um fato histórico. No passado, o poder pertencia aos velhos. De algumas décadas para cá, transferiu-se aos jovens. Por quê? Pelo fato de o mundo envelhecer rápido demais em alguns pontos, sem chance de renovação, pela falta de filhos. Então, a juventude passou a ocupar um ponto de destaque — o mesmo *status* de que gozavam os velhos que sobravam na antiguidade para reinar e dominar a tribo. Certo ou errado, trata-se de um fenômeno mundial, logo, não é castigo, mas apenas a mutação da realidade.

Outro ponto polêmico diz respeito à *dependência*, que, para muitos, é humilhante. Depender de alguém para alguma coisa. Crianças são dependentes e não reclamam. Jovens podem ou não reclamar. Adultos sentem-se humilhados por depender de alguém. Idosos deveriam seguir o trajeto das crianças, mas muitos preferem o dos adultos e se sentem humilhados por precisar de ajuda. São as tolices do orgulho que, na fase infantil, não existem.

A angústia dos idosos não deve ser subestimada, pois eles acumularam emoções ao longo da vida e muito disso eclode na fase avançada dos anos. Eles enfrentam, de novo, problemas já vividos; têm expectativas que, um dia, já foram frustradas; sentem dramas e histórias conhecidas, que se renovam. Em suma, captam um dilema e replicam isso várias vezes, tantas quantas já vivenciaram antes e ninguém sabe disso.

O afeto na velhice não significa atividade sexual, mas representa muito mais o amor. Passar as mãos pelos cabelos dela; olhar bem nos olhos dele; entrelaçar firmemente as mãos; deitarem juntinhos; ter a calma condizente com a ternura e não com a libido; enfim, ser mais humano e sensível. Aliás,

se os jovens soubessem mesmo o que é o amor a maioria não daria milhares de cabeçadas por aí.

Surge a *senilidade* como adjetivação da velhice. Destina-se ao idoso decrepito, débil pela idade, tolo. É possível que muitos atinjam a senilidade com dificuldade de comunicação, estrita dependência de terceiros para viver o dia a dia e esquecimentos frequentes. Deve-se ter amor fraternal pelo velho senil, visto que ele, provavelmente, desencarnará em estado inconsciente. É uma criança de volta do útero materno, embora seja adulto, idoso e vivido. Faz muita falta, nesses momentos, a fraternidade. O amor voluntário pelos seres humanos em geral, chegando aos velhos, senis ou não.

Recomendo aos jovens e maduros muito cuidado com o abandono dos seus parentes idosos em asilos e sanatórios. O sentimento de culpa pode se tornar, no futuro, intratável, incomodando o dia após dia do adulto. Finalmente, tente compreender o luto do idoso. Quando ele perde alguém é como perder a si mesmo. Os jovens não sentem assim, o que é normal. Mas os velhos sentem. Respeite e seja solidário.

8. VALORIZANDO A VELHICE

Quem pode expressar o início da velhice com segurança? Há quem diga que bastou nascer já se começa a envelhecer, o que pode ter um conteúdo exagerado, mas evidencia a ideia de que a vida, na crosta terrestre, é limitada. Por outro lado, alguns associam a velhice ao momento em que a adolescência termina e inicia-se a idade madura, em torno de 20 e poucos anos. Outro exagero, porque, nesse caso, finda-se a fase da adolescência,

começa-se a juventude e depois se segue para a velhice. As demais concepções de velhice não se entendem: 40, 50, 60, 70 anos etc. Em verdade, há de se acompanhar a evolução da medicina e da vida contemporânea para registrar a expectativa de vida em determinado local; conforme essa expectativa, deve-se estabelecer a velhice dez anos antes. Ilustrando, se a expectativa de vida é, em certa localidade, de 75 anos, a velhice inicia-se aos 65. E assim por diante.

Algo que se pode sustentar com perfeição é que o idoso quer vivenciar fases da vida jovial, porque antes não conseguiu fazê-lo. Isto não significa um retrocesso à juventude, mas apenas uma nova oportunidade para quem atinge fases mais senis.

Longevidade é diferente de velhice? Falar em longevidade significa apontar uma velhice mais extensa, nada mais. É a aptidão de alguns encarnados de viver mais tempo que outros. Surgem, então, os conselhos médicos, fisioterapêuticos e fisiológicos para atingir a longevidade: exercícios físicos, controle do álcool, evitar o fumo, comer alimentos saudáveis, não sofrer com estresse, ter amigos, nutrir passatempos, em suma, ter *vontade de viver* a jornada material.

Se todos os encarnados cumprissem à risca as recomendações médicas, por exemplo, isto não significaria que a humanidade iria crescer, sem mortes, a um ponto inviável para a convivência. Com ou sem recomendações deste ou daquele profissional, desencarna-se. E dizemos mais: no exato momento em que está programado. Pode haver algum corte na programação, como suicídios conscientes ou inconscientes, mas não

haverá prorrogação alguma porque este ou aquele procedimento foi adotado.

Para quem despreza a velhice alheia, é preciso ressaltar que vários intelectuais, cientistas e prodígios de vários campos científicos somente desabrocharam na velhice. Isto é muito mais comum do que para uma criança ou adolescente prodígio. A explicação é simples: o acúmulo de experiência, para quem tem propensão a assimilar, vem somente depois de certa idade.

A fase da velhice, na jornada do encarnado, deve ser tranquila ou instável? Cuida-se de algo dependente do poder aquisitivo? Relaciona-se às condições físicas? Aposentou-se, atinge-se a calma da vida?

Nada disso é verdade ou mentira absoluta. O idoso continua a viver até o final de seus dias, de modo que inexistente *tranquilidade plena*, a menos que se busque um isolamento fora do comum e, mesmo assim, pode haver o abatimento pela solidão. Não há relação com o poder aquisitivo, nem com qualquer outro fator. A velhice é somente uma fase da vida encarnada, que terá seus altos e baixos, poderá ser mais feliz ou menos, poderá ser vivida de maneira mais saudável ou menos e assim por diante.

O velho vive como qualquer outra pessoa e quanto a isso deve ser bem compreendido e tratado. É impressionante como se desprezam idosos e enaltecem-se crianças. Os dois extremos da vida chegam a ter características comuns, mas o engrandecimento da criança se dá por puro materialismo: como ela tende a viver mais, deve ser mais bem tratada. Ledo engano dos que assim pensam.

As fases da vida não são estanques e rígidas. De um modo geral, aponta-se a infância até os 11 anos. A adolescência dos 12 aos 20. Depois, vem a juventude, que segue até os 40. A partir desse nível começa-se a ingressar na maturidade, que dura até os 65 anos, pelo menos. A partir disso, fala-se em terceira idade, até os 75 anos. A partir daí, sim, a velhice, o que não significa incapacidade ou esquecimento.

As condições de saúde são muito relevantes, pois quem atinge idades avançadas, *com saúde*, nem percebe a velhice. Quanto à atividade sexual, naturalmente diminui, mas a libido permanece sempre. Sob outro aspecto, a vontade de amar e ser amado não termina nunca. Nem após o desencarne.

Quanto mais velho, mais ranzinza, dizem muitos, com base na experiência de ter convivido com velhos chatos. Mas a chatice, em verdade, é inerente ao ser humano e não ao idoso. O que muitas vezes acontece é o enrijecimento dos hábitos e costumes, que nem sempre estão adequados à reforma íntima. Quem é, desde cedo, antipático, tende a ser assim até o fim dos seus dias. Quem é bem-humorado desde pequeno, assim deve levar a vida até seus derradeiros tempos.

Seja idoso e não imundo. Com razão, muitos objetam o fato de velhos não quererem tomar banho, nem adotar outras medidas básicas de higiene. Seja uma pessoa de boa aparência, higiênica, que não constranja quem está ou vive ao seu lado. Idade avançada não significa a perda dos valores éticos e materiais do ser humano. Em parca ilustração, o velho está obrigado ao banho diário como o jovem. Muito simples, assim penso.

Há, de fato, um aspecto importante a respeitar no tocante ao idoso. Ele tem valores mais estratificados e consolidados, de modo que não deve ser

contrariado a todo momento, somente pelo prazer de vê-lo derrotado em alguns argumentos. O jovem não precisa disso. Respeitar o modo de pensar do idoso é seu dever, a sua mostra de solidariedade, pois um dia chegará ao mesmo estágio.

A boa educação, hoje em dia, demanda que os pais digam expressamente aos filhos que os amam, dando-lhes força e equilíbrio. Ora, façam o mesmo com seus pais e avós. Digam, abertamente, que os amam. É preciso parar com essa tensão de usar o verbo *amar* somente para namoros e casamentos. Ama-se uma criança, um idoso, um vizinho, um amigo, animais, aves, a natureza e, acima de tudo, Deus.

Mudando um pouco o foco, quem tem merecimento pode escolher, no plano espiritual, entre apresentar-se como jovem, adulto ou idoso. A maioria escolhe entre adulto e idoso. Eu sou um velho espiritual. Adoro ser velho. Pareço sábio, embora não seja. E amo os jovens com mais facilidade e destemor. Os mais jovens são travados e relutam para viver a felicidade, enquanto o velho é feliz por ver um filme, assistir a um concerto ou passar horas apreciando a natureza.

Retornando à materialidade, compreendo a aposentadoria, mas sou contra. Desencarnaria sempre trabalhando, se me fosse possível. O importante a quem se aposenta, pelo menos, é não se entregar ao ócio. Arrume o que fazer, idoso!

Ouvi de alguém e gostei: “Se parar, a bicicleta cai...” E agora uso para vários amigos meus.

A idade avançada traz a solidão? Depende do velho. Ficou surdo, cego e mudo? É possível que enfrente a solidão, mas, pelo menos, não terá que

ouvir besteiras, ver bobagens e falar iniquidades. Do contrário, é uma postura de cada idoso. Comunique-se e sempre terá um ouvinte. Esse ouvinte vai lhe passar também uma comunicação. Pronto, foi-se a solidão.

A pessoa em idade madura — daí para a velhice — gosta de ser útil e até de fazer caridade a quem precisa. Nada melhor e mais indicado para o bem-estar. Porém, se estiver em plena atividade laborativa, vale a pena desenvolver esse critério caritativo no meio profissional. Será um velho trabalhador e caridoso.

O idoso pode desenvolver passatempos leves como tricô, bordado, pintura, tapeçaria e por aí vai. Pode também criar crocodilos, ter um aquário de piranhas, criar uma fera selvagem para devolvê-la à natureza, ter um canil de cães ferozes, fazer, enfim, o que quiser. Um idoso leve e manso ou um velho que pega pesado e arrisca tudo? Não há predeterminação de passatempo para pessoas maduras ou idosas. Cada um faz o que bem quer.

Não culpe os jovens se, por acaso, sentir-se solitário. Seus filhos e netos são maduros ou jovens e precisam viver a fase própria das suas vidas. Um dia também serão idosos. Qual a sua tarefa? Mostrar a eles que podem contar com você, de bom humor, para aconselhá-los e ajudá-los. Um ponto de apoio. No mais, tenha a sua vida e cuide da sua autonomia.

Alguns dizem que a velhice traz a *vida invisível*. Não se manda mais em ninguém, em lugar algum. Ah, digo eu, depende muito do seu poder aquisitivo. Há velhos que morrem mandando em meio mundo, assim como há jovens que nunca mandaram em ninguém e nunca o farão. Não é a velhice, mas o poder aquisitivo a pedra de toque dessa sensação humana.

Que dizer dos internatos ou asilos para idosos? Mais uma vez, depende do poder aquisitivo e do bom ou mau relacionamento com os familiares. Milagres não existem nesse tipo de convívio. Conforme a sua postura como idoso e seu *status* econômico, poderá optar entre um asilo e um cômodo principal na sua casa, servido por vários funcionários.

A convivência com o idoso é salutar, pois se aprende com a experiência alheia. Por fim, lembrar o óbvio: o idoso é um ser humano. Como tal, merece amar e ser amado. Compreender e ser compreendido.

Quem for capaz de desenvolver esse entendimento ainda na juventude terá, com certeza, uma velhice mais doce do que esperado.

9. UMA VELHICE TRANQUILA

O envelhecimento pode ser uma fase natural da vida, tão comum quanto se alimentar e dormir no dia a dia, mas, para tanto, é preciso um preparo emocional, em primeiro lugar, desde a fase da juventude. Esse preparo não acontece por mero acaso nem é fácil. Depende, em grande parte, do cenário onde se insere o jovem, em especial, na sua família. Quem possui um agrupamento familiar estável e equilibrado, contando com a convivência de pessoas idosas, como os avós, sendo estes bem estruturados psicológica e emocionalmente, tem uma possibilidade imensa de encarar a velhice com naturalidade. O jovem, espelhando-se nos seus amados avós, tende a assimilar a ideia de que será, igualmente, um avô ou avó muito querido e bem-vindo no núcleo familiar. Por outro lado, quando o jovem sente a repulsa que adultos sentem por pessoas idosas, especialmente quando são os

avós rejeitados pelos filhos, os netos sofrem muito e tendem a desenvolver uma ojeriza pela velhice.

O exemplo é um remédio ou um veneno para o jovem; no campo do envelhecimento isto funciona de maneira extremamente eficaz. O desprezo pela pessoa idosa, concretizado pelos pais, em qualquer nível — estranhos ou familiares — desperta no filho um alerta interno determinativo de que envelhecer é um mal e, por isso, *deve ser evitado*. Porém, logo esse filho nota que não se evita a velhice, gerando, então, revolta e inconformismo. Pais são responsáveis, em grande parte, pela rejeição a idosos em razão do mau exemplo dado aos filhos. Os netos precisam *aprender* a respeitar os avós e, com isso, amá-los tão profundamente como amam seus pais.

Outro fator a perturbar uma velhice tranquila é justamente a repulsa de filhos aos próprios pais, quando não há amor suficiente estruturando a família. Essa rejeição no tocante aos laços familiares tende a se estender ao processo de envelhecimento. Por isso, a família bem formada pode auxiliar de maneira eficiente no processo de amadurecimento de todos os seus integrantes.

Eu sempre me senti amado e bem cuidado pelos meus pais e avós. Não éramos ricos; vivíamos modestamente, sem passar necessidades de ordem material, porém, com orçamento controlado e um rigor bastante acirrado nos gastos familiares. Essa vida simples nunca nos abalou; ao contrário, segundo penso, nos uniu ainda mais. O amor não precisa de nenhum luxo material, nem abundância de bens ou riquezas; depende de compreensão, respeito e afeto.

Nutríamos, meus irmãos e eu, um profundo amor por nossos avós e os víamos como partes integrantes da nossa vida, não apenas da família. Tudo o que queríamos e almejávamos era compartilhado com eles, para obtermos os melhores conselhos, visto acreditarmos na experiência e na sabedoria da idade mais avançada. Afinal, quem já viveu bastante, por certo, tem melhores referências do que se passa no mundo do que nós, quando jovens. Partilhando os planos com os nossos avós e, certamente, com os nossos pais, desenvolvemos uma segurança sólida em relação ao que significa a pessoa mais idosa. Por isso, quando o tempo passou e levou embora nossos queridos avós, sentimos muito e voltamos os olhos aos nossos já idosos pais; a eles creditamos nossa segurança para ouvir bons conselhos e com isso os anos foram passando. Envelhecemos também. Perdemos nossos pais e restamos os irmãos, já com idade considerável. Entretanto, nem percebemos que havíamos envelhecido, pois o nosso foco sempre foi o presente: viver da forma mais intensa o dia a dia com a nossa família, sempre valorizando os mais idosos.

Perder um irmão agora; outro, mais tarde; terminar sozinho, mas não solitário foi o meu destino, visto estar sempre cercado de sobrinhos queridos. Não me casei, nem tive filhos, mas vivi com abundância o convívio familiar, junto aos meus irmãos, meus pais e meus avós, enquanto foi possível. Isso me tornou seguro e forte para encarar a velhice como uma situação natural e tão tranquila quanto foi toda a minha existência, desde que nasci.

Enfrentei enfermidades trazidas pelo avanço da idade, porém, contei com o apoio dos sobrinhos e, depois, dos sobrinhos-netos, todos interessados em

estar comigo e ouvir os mesmos *sábios* conselhos que os velhos podem dar.

Não posso reclamar da vida que tive; nem um senão me foi tão negativo a ponto de apagar os bons momentos, muitos superiores a todos os percalços. Sei que represento um caso singular em comparação aos tantos idosos sofredores em face do abandono material e sentimental de seus familiares e amigos. No entanto, meu relato é otimista e simboliza a viabilidade de uma velhice tranquila e, ousaria dizer, amistosa e bem-vinda. Tudo depende de como construímos nossa vida inteira, além de termos a dádiva de crescer inseridos numa família afetuosa e amorosa.

Em suma, a velhice não é um mal em si mesma; ela é a finalização de uma trajetória bem ou malsucedida. Meu relato presta um serviço positivo a quem pensa ser a avançada idade uma fase indeclinavelmente ruim; não é, posso afirmar com segurança. O que pode ser maléfica é toda a trajetória que a gente mesmo constrói ao longo da existência, redundando no óbvio: uma etapa final com a mesma índole negativa. Velhice é apenas um pontinho na longa e infinita caminhada da existência espiritual. Com amor, tudo fica muito mais simples.

10. OLHEI-ME NO ESPELHO

Eu nunca tinha ligado antes para os detalhes que o espelho pode retratar, registrar e nos transmitir. Quem inventou o reprodutor de imagem? Há milhares de anos, o ser humano se vê em reflexos de materiais polidos; há alguns séculos, o espelho tomou forma e somente há uns dois séculos é que chegou ao seu estado atual. Mas a história desse vidro polido e metalizado, capaz de refletir quem somos, parece indiferente e desnecessária.

Meu rosto espelhado é tão diferente do que era há algum tempo. Enxergo sulcos acentuados em torno de meu nariz, que agora alargou-se, expondo narinas esburacadas com pelos à vista, em superfície mais rude, com certos pontos vistosos, como se transpirasse continuamente. Os meus olhos afundaram-se nos seios da face e molduras cresceram ao redor, denotando dificuldade de visão, pois ali fixaram-se as marcas dos óculos, juntamente com as grosseiras sobrancelhas que me pareciam sutis antigamente. A testa franziu de vez e não mais nos momentos de preocupação, acompanhando a calvície instalada na cabeça, formando um capacete refletor do sol e da idade avançada, porque lustrosa e brilhante, como se nunca um fio de cabelo ali tivesse sido visto. Desgosto. As orelhas cresceram e alargaram-se, produzindo pelos similares a piaçabas e capazes de tornar feio o que um dia foi belo, compondo as auréolas da face. Parei um instante e me volvei aos lábios, que eram róseos e vibrantes, para observar a sua palidez minguada, formando um esquálido filete de beijo, quando resolvi abrir a boca e constatei a ausência de dentição natural, agora constituída por um amontoado uniforme de peças esbranquiçadas com as quais, todos os dias, estabeleço uma batalha para deglutir alimentos. Fechei a boca e segurei meu queixo, áspero e disforme, como se fosse um estranho na minha conformação facial, a ponto de me considerar outra pessoa.

Visualizei minhas mãos, franzidas, cheias de veias à mostra, com pintas claras e fulgentes, prontas a demonstrar a minha avançada idade, ajuntando-se às unhas foscas, quebradiças e lascadas. Os dedos eram esguios e formosos, mas se tornaram gordos, esquisitos, acho até que macambúzios, espremendo a aliança e o anel, de modo que nem mais fazia sentido usá-los.

Parecia outra pessoa que estava a fitar o espelho, porém era eu mesmo, fazendo uma análise mais minuciosa daquilo que nunca prestei tanta atenção antes. Um horror.

Os ombros eram nobres e altivos, um exemplo de manequim para qualquer roupa; agora, esqueléticos, vergados e deformados, empurravam a camisa para baixo, deixando-a solta no corpo, sem qualquer aprumo ou elegância. Segurei a visão ali por uns momentos até que tive coragem de elevar minhas mãos e segurar meu peito que, de um homem forte e másculo, transformou-se em fraco elemento de estabilidade do meu tórax; ele simplesmente definhou e os pelos brancos tomaram conta do resto, formando a visão de um monte nevado. Nem me atrevi a descer a mão até a protuberante barriga, imensa, redonda, dura e esteticamente pavorosa para quem já teve aquele ventre de atleta, apto a provocar suspiros das mais lindas mulheres que o visualizavam quando eu passava desfilando meu corpo jovem e vencedor. Desastre.

Nem sei como a minha combalida visão continuava ativa o suficiente para detectar tantas falhas refletidas naquele maldito espelho, que poderia ser o culpado de tudo isso, mas era somente o bode expiatório do ocaso de um corpo. Enfoco as minhas pernas, que estavam finas e frágeis, permitindo o balanço da calça como se nada contivesse de útil ali dentro. Segurei meus joelhos e os uni com firmeza para atestar a delicadeza de seu estado, incapaz de aguentar por muito tempo o peso de meu corpo já cansado de tanto andar. Os pés eram rugas adornadas por unhas compridas, repletas de fungos, amareladas e opacas, com um calcanhar grosso e uma pisada sôfrega.

Para onde mais deveria olhar? O que havia esquecido de fitar e constatar o declínio?

Estava desgostoso até então, procurando um único espaço sobrevivente a tamanha destruição pela ação do perverso tempo, quando ingressou na sala um dos meus netos:

— Vovô querido do meu coração, você está aí há muito tempo. Venha brincar comigo... Tenho um novo jogo e quero que seja o primeiro a conhecer. Venha, vovô, venha logo.

Levei um susto e um choque de realidade. Havia, sim, um ponto do meu combalido corpo que o espelho não era capaz de refletir. Meu coração brilhou quando meu netinho ingressou em meu quarto, convidando-me a ir com ele e tocando gentilmente em minha mão. Ali estava a prova de que a velhice do corpo físico tinha um reflexo no espelho totalmente diferente da vida real, pois o que senti, naquele instante, fez-me querer viver por mais mil anos, sem qualquer preocupação de como estaria o meu reflexo naquele espelho tão rude pregado em minha parede.

O meu Espírito nunca seria espelhado no mundo material. Os meus sentimentos jamais envelheceram. Eu era jovem para amar e ser amado até o dia em que partisse para a jornada eterna. Nunca mais senti necessidade de me fitar naquele espelho; ele, se quisesse, que desfrutasse da minha aura sempre brilhante.

11. O CONFORTO DO ÁLCOOL

Nunca liguei para o álcool, aquele estranho ingrediente que meus pais e tios colocavam nas suas bebidas para se sentirem diferentes. Achava que

era natural, algo que se equiparava ao açúcar ou ao sal para que a comida ou a bebida tivesse um gosto diferenciado.

Com o passar do tempo, chegando à adolescência, notei que essa atitude era mais que normal, pois representava um objetivo estranho para mim, simbolizando atingir um “bem-estar” esquisito. O álcool, presente em tantas bebidas, fazia com que as pessoas se soltassem mais, ficassem mais engraçadas ou até mais sérias, porém diferentes do que eram na realidade. Eu prestei muita atenção nisso, até o dia em que me senti apto a experimentar. E assim fiz. Não vou negar que gostei. Durante anos da minha vida adulta eu consumi álcool, livre de outras drogas similares, por vezes atingindo fases promissoras e alegres, por outras, alcançando momentos tristes e envoltos por atitudes que eu nunca teria tomado se não estivesse sob efeito do álcool.

Envelheci. Como todos os seres humanos, eu não escapei da ação do tempo. Continuei usando o álcool como escudo para minhas fraquezas.

Com amigos de igual propensão dava-me muito bem. Bebíamos num boteco qualquer, falando coisas inúteis, até que éramos resgatados cada qual por sua família. Mas havia um de nós que não tinha ninguém e era o que terminava na rua, bem ao lado do fechamento do bar. Ele ficava ali no frio e no calor, com fome ou saciado, mas sempre largado, abandonado, até que amanhecesse o dia e a gente voltasse à mesa do boteco, para beber, onde ele, então, se integrava.

Nunca o nosso grupo de bebedores se preocupou com aquele nosso *amigo* que não tinha ninguém e que passava maus momentos quando não estava conosco. Às vezes, sentíamos um odor estranho, fétido, vindo desse

companheiro, dizendo respeito à sua falta de higiene, mas o que fazíamos? Bebíamos mais e mais para esquecer problemas “tolos” como esse.

— Pessoal, Cantídio está muito fraco. Ele bebe com vocês, mas quando todos vão para as suas casas, ele fica aqui fora, na rua, depois que o bar fecha. Não se alimenta, não toma água como deveria nem se protege do frio. Vocês precisam pensar mais nisso — disse-nos o dono do bar.

— Bobagem! — gritou Cantídio. — Sou mais eu. Nada ou ninguém me abala. Esqueçam isso.

A voz da pessoa sofredora pode abalar a credulidade de quem tem o mínimo de racionalidade?

Em realidade, fingimos que a advertência do dono do bar não nos dizia respeito e continuamos a nossa rotina.

Um dia, Cantídio não apareceu. No primeiro momento, brincamos e dissemos que ele estava se ocultando. Passou um tempo e ele não apareceu. Assim foi por mais de um dia.

Estávamos numa tarde ensolarada, bebendo como sempre, quando chegou um delegado de polícia:

— Vocês conhecem Cantídio?

— Sim, conhecemos. Ele está bem?

— Morreu — disse a autoridade policial.

Todos ali naquela mesa fingimos naturalidade, mas era uma bomba emocional que fora detonada. E essa bomba tinha variados motivos, envolvendo não somente o hábito do álcool, que priva muita gente da realidade, mas também a falta de solidariedade e acima de tudo de amizade. Um amigo desencarnou sem que ninguém do grupo tivesse sido avisado

previamente do perigo? Não era verdade. Fomos avisados e não ligamos. Foi o efeito do álcool ou simplesmente o efeito da desumanidade?

Quem bebe regularmente não tem o direito de se escudar na inocência, na ignorância. Esse bebedor precisa ter em mente a humanidade dos seus atos; se perder esse aspecto, perde qualquer razão.

A ingestão do álcool jamais pode servir de desculpa para a perda dos laços mínimos de preocupação com o semelhante. Não pode redundar em uma espécie de anestesia da bondade. Não pode servir de alavanca ao mal. Enfim, se alguém ingerir álcool ou substância similar, sem julgamento preconcebido, precisa ter em mente que os cuidados humanitários com terceiros permanecem devidos e ativos.

A vida material proporciona regalias e presentes artificiais que iludem o encarnado. Restam ao bom senso e à fé os móveis para descortinar o que é real e o que é inverídico e falso, passível de levar o encarnado a maus caminhos.

12. MORRER É HORRÍVEL

— Vovô, por que o senhor anda tão chateado?

— Ah, meu querido, o vovô não anda bem. Estou doente. E fico triste com isso.

— O senhor tem dor?

— Um pouco.

— Mas um pouco é motivo para o senhor ficar tão isolado da gente?

Nem mais historinhas o senhor nos conta...

Reflexivo, Felinto respondeu:

— Ah, meu neto tão amado, o vovô não tem mais forças para nada.

— O que isso quer dizer? O senhor anda, come, dorme, mas não pode contar histórias para nós?

— É que é diferente... Eu como e durmo porque necessito para viver.

— Mas as suas histórias são muito importantes para a gente viver.

O avô sorriu diante do comentário infantil.

— Verdade, meu querido. Acho que eu preciso ler mais histórias para você e sua irmã.

— Ficaríamos muito felizes, vovô.

Alguns dias se passaram e Felinto não cumpriu sua promessa. Continuou, amargurado, no seu quarto, na casa de seu filho, sem falar com ninguém. Os dois netos estranharam, mas não voltaram a lhe pedir nada.

Um dia, à tarde, a luz do sol penetrou o quarto de Felinto e pareceu desenhar na parede uma figura conhecida, como de um parente já desencarnado.

— Meu irmão... É você? Nossa, parece tão real...

Não houve resposta.

Todas as tardes, a mesma figura desenhava-se no quarto de Felinto, deixando-o intrigado, mas sem ação, pois nunca nutriu qualquer sentimento religioso e nunca havia feito uma prece.

— Papai, o senhor parece muito cabisbaixo, entristecido... O que há? A enfermidade está sob controle.

— Estou irritado, meu filho. Todas as tardes desenha-se naquela parede, com a força do sol da tarde, o semblante do seu tio, meu irmão querido,

Anacleto. Isso me perturba muito, pois é extremamente próximo do que ele era.

— Pai, eu sou espírita e, embora o senhor não acredite em nada, devo lhe dizer que é um recado. Uma mensagem positiva do tio Anacleto para que o senhor, quem sabe, mude de opinião e passe a considerar a hipótese de haver vida após a morte.

— Plínio, pelo amor de Deus, pare com isso... Sou ateu. Tudo isso é bobagem.

— Fosse verdadeiramente ateu e não falaria “pelo amor de Deus...”
(risos)

— Você entendeu. Foi apenas força de expressão, dirigida a você, que acredita em Deus...

— De onde você retirou tamanha recalcitrância à vida espiritual, a Deus e à continuidade da vida após a morte física?

— Sei lá, acho que foi da sua avó. Nem interessa. Estou velho e doente. Agora é que não vou mudar mesmo o meu modo de pensar.

— Por que não? A qualquer momento da vida podemos alterar a forma como vemos alguma coisa. O senhor foi engenheiro a vida toda. Se descobrisse um novo método de construção, por acaso, não o aplicaria?

— Lógico que sim. Mas você está exemplificando com fatores materiais, comprováveis cientificamente.

— O seu coração não é científico... Mas não lhe diz nada?

— Lá vem você com argumentos metafísicos. Bobagens.

— Não, papai, o que você sente não é bobagem, é real. O mesmo que eu sinto e seus netos sentem. Por que tanto refuta isso?

O velho Felinto não respondeu. Pensou e ficou silente.

— Ok, papai. Vou deixá-lo descansar. E saiba que o amo muito, viu? Mas isso não é exato, nem matemático, é um sentimento.

As imagens do irmão desenhavam-se em todos os finais de tarde, deixando Felinto bastante apreensivo, pois, naturalmente, seu coração acusava algo real e presente.

Um dia, no cair da tarde, ele se descobriu de seu manto de incredulidade e resolveu arriscar.

— Estou vendo a sua imagem, meu irmão. Você está presente?

O silêncio fez-se presente.

Aquela tarde foi perdida.

Noutra oportunidade, após várias tentativas, Felinto obteve uma resposta, que invadiu diretamente a sua mente:

— Sim, meu querido irmão, sou eu, Anacleto, tentando contato com você, para lhe mostrar que estou vivo em Espírito e que a vida não termina nunca.

Felinto ficou confuso e temeroso com aquela resposta, captada por sua mente. Desligou-se por uns dias.

— Papai, o que houve? O senhor mal fala... Só se alimenta e dorme. Algo aconteceu? O que eu posso fazer?

— Meu filho, acho que seu tio Anacleto se comunicou comigo e isso é absurdo, irreal. Não posso aceitar.

— Pai, se não pudesse aceitar não estaria tão abalado. O que ele disse?

— Disse que a vida material não termina aqui e existe a continuidade espiritual, enfim, algo que sempre refutei.

— Mas lhe pareceu convincente?

— Um pouco...

— Então não fique tão entristecido. Ao contrário, anime-se para conhecer novos horizontes. Por que não? O que tem a perder?

Felinto via-se premido por argumentos racionais e isso o deixava sem ação.

— Ok, meu filho. Serei mais receptivo.

Em tardes posteriores, Anacleto retornou.

— Meu irmão, você vai dizer que não me vê? Nem que me sente?

Felinto, arrepiado, ficou silente, mas observador.

— Querido, a vida não está restrita nesse plano carnal. A sua engenharia não é restrita à sua atual vida. Sabia que você pode nos ajudar a desenvolver muita coisa no plano espiritual?

Mexido em seu sentimento, resolveu responder:

— Eu? Ajudar em algo depois de morrer?

— Sim, porque a morte, como um fim, não existe. Você passa a um novo plano e aqui pode colocar toda a sua experiência para nos auxiliar.

— Besteira. O mundo espiritual que eu aprendi na escola — e não aceitei — era um céu, com nuvens e anjos, nada a ver com construções e engenharia.

— Ah, esse é o ponto, meu irmão. Não há um céu com anjos. Existe a vida espiritual, mas ela é construída em torno de cidades espirituais que precisam evoluir tanto quanto o planeta Terra. Por isso, precisamos do seu *saber*. Eu estou aqui lhe falando. Não é motivo mais que suficiente para que acredite na vida após a morte do corpo físico?

— Sei lá... Estou muito confuso.

— Reflita, meu querido irmão, reflita com toda a sinceridade do seu coração.

Após algumas semanas, a enfermidade de Felinto agravou-se. Ele ficou inconsciente e, dias depois, desencarnou.

Foi recebido pelo seu irmão Anacleto e, mesmo sem credulidade, mas por ter sido uma pessoa bondosa e honesta, foi resgatado.

Ingressando no mundo das colônias espirituais, Felinto teve um único grande arrependimento: a sua não credulidade. No mais, por ter sido um indivíduo honesto, ético e cultor dos bons valores terminou fazendo parte do corpo de engenharia espiritual de uma das cidades espirituais.

É muito importante evidenciar que a bondade do coração é muito mais relevante do que a credulidade na vida após a morte. Afinal, acreditar nisso e agir de maneira negativa e implementando maus sentimentos de nada resolve.

Acreditar e ter fé facilita muito a fase terminal da vida material, mas não é só isso. É fundamental o cultivo aos bons sentimentos para que o resgate, após o desencarne, possa ser feito, impedindo a ida do desencarnado ao umbral.

A velhice não é final de nada, mas apenas uma das fases nas quais o Espírito pode descortinar o seu lado bom e honesto, conquistando assim um resgate promissor após o desencarne.

¹ Nota do autor espiritual: pedimos a companheiros que atualmente se encontram conosco na colônia espiritual Alvorada Nova para produzir um relato, expressando seus sentimentos em relação aos últimos anos da sua derradeira trajetória pelo plano terreno ou logo após o desencarne. Mantivemos os relatos tais como foram prestados. É importante destacar dois pontos relevantes na maior parte das narrativas: a solidão da velhice e o materialismo do plano

físico. Muitos foram até contraditórios em seus sentimentos, ora criticando um determinado aspecto, ora enaltecendo outro de maneira ilógica; porém, preservamos a fidelidade do conflito emocional de cada um na fase final de estágio no corpo físico. Os relatos foram realizados livremente, permitindo a quem os fez expressar-se no presente da narrativa e também rememorando o pretérito.

§ Relato retroativo à época do desencarne, embora, atualmente, o nosso irmão já esteja acolhido em Alvorada Nova.

Capítulo III - Materialismo

O MATERIALISMO cega e entorpece os sentimentos humanos. Não é à toa que a velhice é tão malvista por aqueles que a ela conferem adjetivos negativos, embora dela não escapem; o presente é cultuado como se o futuro não existisse. A elevada idade é o momento ideal de se julgar o passado, procurando enxergar os erros e acertos da juventude e da maturidade com o fim de aproveitar a sabedoria e a experiência para coroar os anos derradeiros.

Mas há os idosos que cultivam maus sentimentos, muitos dos quais se vinculam ao cultivo dos bens materiais. Chegar à idade anciã para vibrar negativamente é um dos maiores desperdícios do ser humano, razão pela qual a reencarnação se torna vital para o aperfeiçoamento de cada um desses encarnados céticos e ranzinzas. Por vezes, o conhecimento e o esclarecimento não são adquiridos pela leitura, pelo contato promissor com outras pessoas, pela experiência positiva, mas pela contínua e sequencial passagem pela velhice, ao longo de várias reencarnes. Há quem deva vivenciar mais existências terrenas que outros, pois a evolução é individual — e não coletiva. Faz-se por mérito avaliado de maneira particular e singular. A reforma íntima é pessoal e cabe a cada Espírito, encarnado ou desencarnado, implementar a sua.

A velhice deveria ser sempre enaltecida e respeitada, embora sem veneração ou exagero; o ser humano adulto precisa curvar-se ante as rugas da experiência e, sobretudo, da vivência. Necessita aprender e reaprender com os idosos um caminho de luz para o bom relacionamento entre as faixas etárias.

Observando-se com acuidade o desenvolvimento das relações humanas, pode-se concluir que as faixas mais frágeis da vida são as que mais sofrem com o descaso dos adultos. Crianças podem ser abandonadas e maltratadas, pois não sabem se defender a contento. Muitos idosos podem ser igualmente esquecidos e submetidos a maus-tratos, pois não mais conseguem se proteger. A covardia impera justamente no meio da trajetória reencarnada, quando o adulto se sente forte o suficiente para largar crianças e abandonar velhos.

Na linguagem comum, as coisas velhas devem ser descartadas. No entanto, quando se troca o termo, nota-se que as coisas antigas podem ser preservadas caso apresentem algum valor econômico — e não sentimental — na maioria das vezes. Embora possam ser considerados sinônimos para vários empregos — velho e antigo — o último conserva maior relevância e valor destacado por se associar ao cenário materialista. Um museu possui vários bens antigos — e não velhos. As antiguidades podem ser colecionadas; as velharias, jogadas fora. Deslocando-se para o universo humano, o idoso pobre, malcuidado, desamparado é o velho; o idoso bem cuidado, rico, bem amparado é o senhor de idade. Quando este desencarna, os comentários podem indicar que foi uma tragédia, pois *era jovem ainda; muito teria por viver*. Quando aquele desencarna, a indicação pode ser de

que *já foi tarde* ou, ainda, que é *melhor morrer do que sofrer*. Por que tanta diferença senão pelo foco do materialismo? Aliás, dentro deste prisma, o idoso afortunado pode ser preservado e bem cuidado quando oferta bens materiais aos que o cercam; no mais, ainda precisa enfrentar a cobiça de alguns que desejam interiormente a sua morte para colocar as mãos em seu patrimônio.

Há dedos apontados para os idosos quando dormem fora de hora, cochilam muito e nem se ligam à higiene; podem dar trabalho para se alimentar, além de gerar o incômodo de querer atenção. São os olhos materialistas, que somente conseguem visualizar cenários de interesse egoístico, sem levar em consideração o que a idade mais avançada significa para essas pessoas. Afinal, quando muitos desses resolvem ter filhos, suportam de maneira bem diversa as mesmas situações. Educar uma criança parece ser mais apazível do que tolerar um idoso, algo que gira em torno da perspectiva de futuro; enquanto a criança se desenvolverá, adentrando as fases da independência e servindo de orgulho aos seus pais e parentes, o idoso continuará a murchar até atingir o desencarne, que, para muitos, significa apenas e tão-somente o fim.

O materialismo retira o foco da verdadeira trajetória do ser humano, cujo desenlace do corpo físico representa o coroamento de um estágio relevante para o aprimoramento espiritual, de modo que a fase da senilidade deveria ser acompanhada com louvor e tolerância, visto conduzir o encarnado à sua despedida de um *papel* de vários anos, no qual experimentou erros, quedas, sofreu críticas e humilhações, mas também acertou, elevou-se em alguns pontos e colheu elogios. Nenhum trajeto deixa de ter obstáculos; nenhuma

caminhada exime-se de obter êxitos. Fosse a vida comparada a uma peça teatral, a velhice seria o epílogo, redundando no desligamento da matéria, representativa do fechamento das cortinas para que sejam colhidos os aplausos de quem assistiu ao espetáculo.

A vida material é sempre um estupendo espetáculo, reunindo as profícuas atuações dos encarnados, desafiando a reforma íntima para se aprimorar, consciente ou inconscientemente, embora sempre avante, nunca retrocedendo. Eis a magnitude da centelha vivente n'alma, donde se extrai a força do ser humano para ser criança, adolescente, adulto e idoso.

Outra visão materialista se liga à consideração e ao julgamento de quem foi aquele indivíduo quando jovem, para que seja avaliado na sua velhice, a ponto de se conceder a ele apoio ou rejeição. Ledo engano, visto que a fase da senilidade deve, perpetuamente, comportar suporte, consideração, benemerência e, acima de tudo, perdão. Pouco importa quem tenha sido ou como tenha atuado, se bem ou mal; de nada resolve tecer avaliações precipitadas para chegar ao ponto de condenar atitudes concretizadas na juventude, pois a velhice representa a fase da regeneração, emoldurando a reforma íntima pela alegria ou pelo sofrimento. É preciso compreender, uma vez mais, que a vida não cessa pelo desencarne, de modo que o indevido *julgamento* do idoso somente torna a sua derradeira fase na crosta terrestre mais difícil, quando, em verdade, precisa de apoio e afeto, seja quem for ou o que tenha feito, para partir mais leve e preparado a enfrentar a sua real vivência.

Em visão desprendida do materialismo, qualquer pessoa idosa merece amparo sensível e amoroso para que deixe a veste carnal livre de mágoas e

ressentimentos, sentimentos negativos que enfraquecerão o seu contato com o Plano Maior, permitindo o infortúnio de se encaminhar a cenários obscuros da espiritualidade. Pode-se argumentar com a imagem do indivíduo maldoso e de trato rude, cujo destino possa ser o Umbral de todo modo... Porém, esse juízo é divino e nunca expresso e consumado por outros encarnados; a Justiça de Deus destoa da justiça dos encarnados e assim sempre será, de forma a permitir a benevolência diante da idade avançada de qualquer um, como medida até mesmo de exemplo do que vem a ser o amor concretizado por meio de atos.

A fase final da vida no corpo físico precisa do mesmo afeto dedicado ao estágio inicial, cada um desses períodos por critérios e justificativas diferentes, embora possuindo em comum a idêntica necessidade de *amparo carinhoso* para a boa formação espiritual das etapas seguintes. A criança conduzida com amor tem maiores oportunidades para o desabrochar promissor da sua reforma íntima; o velho amparado com amor tem maiores chances para o desencarne suave, reingressando no plano espiritual de maneira confiante e esperançosa. O maltrato ao infante pode lhe custar a confiança no mundo adulto, com todas as negativas consequências daí advindas. O percufo ao idoso retira-lhe a esperança na humanidade, fazendo-o reviver agruras já olvidadas pelo tempo e reacendendo-lhe no coração o descrédito em si mesmo e a desesperança quanto ao futuro, algo triste para quem se desligará em breve do corpo físico, precisando estar ativo e aberto aos contatos com os Mentores Espirituais. Sem essa abertura, carregando ressentimentos e até mesmo ódio em seu âmago, reingressará no

plano da verdadeira vida sem a orientação ideal, podendo desviar-se do bom caminho e seguir por trilhas obscuras dos entes cultores do mal.

Nem se argumente que o mau destino do recém-desencarnado é consequência exclusiva do cenário no qual foi lançado em sua velhice; sem dúvida, a cada um a sua dose pessoal de responsabilidade pelo que fez e construiu. No entanto, a parte relevante é o auxílio que lhe pode prestar o encarnado mais jovem, quando o ampara no estágio senil da vida física, exatamente quando se abrem os flancos do coração empedernido para outra vez captar sensações, que, sendo positivas, somente engrandecerão o momento da partida.

Amparar o idoso é como embalar a criança. Para ambos se abrem as janelas do futuro, cada qual na sua seara. Enquanto a criança emocionalmente bem estruturada poderá tornar-se um adulto centrado na reforma íntima, promovendo relevantes melhoras quanto ao seu aprimoramento espiritual, o idoso sentimentalmente escorado poderá construir uma trilha segura rumo ao desencarne, onde encontrará a luz-guia para o levar a Planos Superiores. Se a criança quer e precisa conhecer a vida madura que se descortinará em breve, o velho necessita aguardar esperançoso o reencontro com a pátria espiritual; para ambas as situações somente o amor dos que estão ao seu redor formará o mais perfeito alicerce para tanto.

As crianças precisam ser educadas desde cedo a admirar e respeitar os idosos e estes necessitam ser orientados a dar valor e atenção aos infantes, pois ambos os lados da vida física têm seus pontos em comum. O adulto,

em pleno exercício de sua maturidade, tem o dever de levar as crianças pela mão e segurar o idoso pela mesma mão amiga e terna.

Outro aspecto importante é a longevidade da vida no corpo físico sem que se possa fixar um montante ideal, pois cada encarnado vem à crosta terrestre com uma programação individual e particular. Não se deve jamais tecer prognósticos ou previsões sobre a extensão dos anos passados em vivência terrena, a fim de proferir conclusões precipitadas e, muitas vezes, errôneas quanto a um desencarne precoce de pessoa jovem ou um desenlace tardio de pessoa centenária. Cada qual com seu fardo, visto que a passagem pelo planeta é sempre uma prova ou expiação, inexistindo, nesta fase, um caminho florido sem os indeclináveis espinhos. Buscar *interpretar* o desencarne constitui outra faceta inoportuna do materialismo, até porque alguns o fazem para manifestar o seu inconformismo ou a sua contrariedade, olvidando a Justiça Divina.

A riqueza material é um poderoso instrumento de encantamento apropriado para iludir encarnados desavisados e imprudentes; quando emerge nos bolsos do idoso pode terminar atraindo cuidadores interesseiros, os quais de nada servirão para imantar a finalização da estrada na crosta terrestre de modo promissor, espargindo amor e carinho sem buscar retorno financeiro; quando ingressa no mundo do cuidador do velho materialmente abonado faz com que seus gestos possam ser tecidos cuidadosamente para fantasiar uma relação afetuosa em verdade inexistente, o que também termina por atrapalhar o desenlace em ambiente fértil à elevação espiritual. A pobreza material é uma prova particularmente penosa, escolhida por muitos Espíritos elevados para demonstrar a outros encarnados como se

pode viver honestamente, dentro da padrões morais e éticos, sem necessidade de perfilhar o materialismo como meta para ser feliz. Pode representar, ainda, a expiação indispensável para todos os que, no passado reencarnatório, tiveram bens em quantidade mais que suficiente para a sobrevivência e os cultuaram com egoísmo, tornando o materialismo a escola preferida para si e, pior, para sua família.

Envelhecer é inexorável, tanto quanto o é nascer, crescer e desencarnar. Faz parte da longa e necessária trajetória do Espírito rumo à evolução, motivo pelo qual deveria ser um processo tranquilo, sereno e bem acolhido. Afinal, sem envelhecimento, como regra, não há desenlace para atingir a verdadeira vida e, com isso, assegurar mais um passo de aprimoramento espiritual. Outro enfoque, voltado aos aspectos negativos da natural decadência do corpo físico é face aberta ou oculta do materialismo.

Como resgatar o valor da velhice sem o desprendimento dos bens materiais? Torna-se tarefa inglória e tendente ao insucesso; quanto mais apego à *matéria* de todas as formas e espécies mais dificultosa se transforma a vida atrelada ao corpo físico, bastando a recordação de líderes do passado, notórios construtores de luxuosos túmulos para onde carregavam riquezas com as quais nunca iriam lidar e das quais jamais tornariam a desfrutar.

A percepção da *boa velhice* é fruto adocicado que se desprende da árvore da vida, projetando-se em solo fértil, onde proporcionará a germinação de outra planta, que renascerá no plano espiritual, transmudando-se novamente em frondosa árvore da evolução.

Capítulo IV - Evolução

As fases de um evento, um acontecimento, uma situação, um fato, enfim, implicam uma narrativa com começo, meio e fim. A vida humana é uma situação transitória, que também possui começo, meio e fim, algo tão natural quanto qualquer outro acontecimento. A Justiça Divina está presente nesse processo rico de elementos e detalhes, pois sucessivo, contínuo e permanente. Por meio da reencarnação, assegura-se a intermitência do processo de aprimoramento espiritual, levando cada Espírito a nascer, viver e morrer, sob o prisma material. Certamente, pode-se questionar o objetivo final, pois o *durante* é nítido: evoluir. Reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias para atingir um patamar mais puro em relação ao perispírito, permitindo então a ascensão a mundos mais evoluídos.

Retorna-se à dúvida: qual o objetivo disso? Eis a pergunta que não se pode responder de maneira simples ou clara, pois depende de *sentidos* humanos inexistentes no atual estágio de evolução dos habitantes do planeta Terra. Todos saberão os motivos da escalada evolutiva e até quando ela seguirá por intermédio das *reencarnações*. Essa resposta será dada, por merecimento, a quem evoluir suficientemente para habitar colônias espirituais regenerativas. E, a partir dessas cidades de luz, alcançar mundos ainda mais elevados.

O imediatismo humano é típico obstáculo de vários encarnados para refutar uma resposta, que depende de sua própria evolução espiritual, além de significar um esclarecimento futuro. Esse imediatismo atrela-se a desculpas ligadas à falta de comprovação científica. Porém, esta última é basicamente cega, surda e muda em relação ao que se passa em mundos superiores e jamais poderá auxiliar a responder tal indagação. Sob outro prisma, o imediatismo é somente mais uma forte carga materialista, em sentido estrito, demonstrando o inegável apego do encarnado aos bens materiais e apenas ao que consegue visualizar e entender com seus próprios recursos corporais.

A fé, para muitos, é vazia de conteúdo, pois não se comprova, cientificamente, o seu destinatário maior, que é Deus (sob várias outras denominações e suas diferenças linguísticas entre os povos). Alterando-se o foco, a fé é desprezível, para tantos, porque parece ferramenta de manipulação de pessoas, controlando-as com argumentos invisíveis e indeterminados. Finalmente, outros ignoram a fé porque lhes parece um instrumento de conforto para pessoas fracas, em todos os prismas.

Ocorre que, justamente a fé, sentimento que parte do coração, é apta a provocar a evolução espiritual. Muito fácil seria *evoluir* se o Mundo Espiritual se tornasse visível e apresentasse *documentação* suficiente para comprovar a sua existência. Mesmo assim haveria o cético a duvidar disso, pois o seu âmago teme a Justiça Divina. Esta é a autêntica situação. O ateu faz par com o agnóstico e ambos negam ou preferem ignorar um Ente Elevado, superior a tudo e a todos, controlador do Universo, pois essa

crença os tornaria fracos e expostos. Reitera-se, então, o temor à Justiça Divina.

O mais importante fator da evolução espiritual é que ela é inexorável. Acontecerá com todos, sejam ateus, agnósticos ou religiosos de outras crenças.

O Espiritismo é uma religião nova e veio na época certa, quando os humanos estavam preparados para compreendê-la e aceitá-la. No entanto, o acolhimento de mandamentos inéditos demanda tempo e preparo espiritual. Não há pressa; este é o roteiro natural da vida.

A velhice configura o final de cada jornada reencarnatória do ser humano, como regra. É a fase da sabedoria, entendida esta como o acúmulo de todos os ensinamentos colhidos ao longo da vida material, refletidos na longa experiência vivenciando situações complexas e concretas que precisaram de resolução. Essa sabedoria não equivale ao acúmulo de informações terrenas das ciências humanas; não simboliza a cátedra universitária ou acadêmica; não representa o reino dos materialmente privilegiados pelo acesso aos livros e, em face disso, a inúmeras descobertas registradas nos sucessos de pesquisas humanas.

O *velho* tem, pelo menos, duplo sentido na linguagem dos encarnados: significa aquilo que ficou ultrapassado, não funciona ou desgastou-se, devendo ser jogado fora; significa também, sob o manto do *antigo*, algo a ser preservado, rico em história e tesouro da humanidade.

Ambos os conceitos são ligados a coisas, não a humanos. Como visualizar o *velho humano*? O correto: *nem como algo ultrapassado e desprezível, nem como algo a ser preservado como tesouro da humanidade.*

No entanto, em decorrência dos reflexos materialistas, os encarnados atuam exatamente como não deveriam, ora considerando a pessoa idosa como inútil e descartável, ora valorizando-a de tal monta que pode ser embalsamada — mesmo morta — para servir de símbolo a muitas gerações.

A velhice precisa ser vivenciada, pois é uma das fases indispensáveis do aprimoramento espiritual. Aqueles que não a sentem, nem por ela passam, de maneira positiva, esquecem-se de que também a juventude foi fundamental para o aprendizado; olvidam que a maturidade da fase adulta igualmente forneceu-lhe mais elementos para atingir a fase derradeira de modo pleno.

O que se faz durante a velhice? Em linguagem simples e vulgar, *curtir* a fase da sabedoria, ocupando-se do que mais gosta, pois para isso se preparou durante a existência — esse é o ideal —, dedicando-se mais à caridade, ao amor ao próximo, mas também às prazerosas atividades individuais, como pintura, leitura, jogos de lazer, esportes, coleções, trato com animais, cuidados com plantas, dentre tantas outras.

Deve-se trabalhar em atividade resultante em ganho material? Nada impede a continuidade da profissão ou o alcance de outra, pois o labor é dignificante quando honesto, ético e edificante. Um profissional idoso pode concentrar sua vasta experiência, auferida durante a maturidade, diretamente no acúmulo de conhecimento técnico que somente o tempo é capaz de produzir, tornando-se um espetacular operador da sua arte laborativa.

Existe a opção de iniciar ou reiniciar um sonho do passado, algo que não pôde ser realizado na juventude ou na fase adulta. Inexiste limite físico

superior para inaugurar um novo estágio de aprendizado de ciências ou artes terrenas, bastando querer e ter força de vontade para atingir.

Há maior proximidade com enfermidades, sem dúvida, pois o corpo físico está mais cansado e definha pouco a pouco, o que é, reiterar-se, perfeitamente natural. É tão natural quanto o bebê aprender a andar e a falar aos poucos. Esta fase da infância é gratificante para a maioria dos encarnados porque simboliza o futuro. A outra, referente à velhice, *aparenta* ser desesperançosa, não havendo futuro. Mas este futuro do Espírito existe, sem dúvida. Situa-se no plano da verdadeira vida e quanto mais se desfrutar da velhice, de bom grado e humor, aceitando as provas e agindo humildemente, mais mérito será considerado no período do pós-desencarne.

A pessoa idosa que se entrega à velhice, largando afazeres gerais, suprimindo responsabilidades, vivendo do passado e optando pela preguiça e pelo ócio, a pretextos variados, inclusive no campo das *dores imaginárias* ou *depressões forçadas*, colaborará com a triste partida do mundo material, reingressando no plano espiritual com débitos recém-conquistados.

Eis um paradoxo interessante. Muitos creem que jovens e adultos contraem maiores dívidas do que idosos, mormente quando enfermos. Ledo engano. Todos os seres humanos são *absolutamente iguais* diante das Leis Divinas. Por isso, transformar a velhice na fase da cizânia, do ódio, do rancor e, sobretudo, da irresignação aponta unicamente para o acúmulo de débitos, por vezes mais e mais intensos do que foram contraídos nas fases juvenis e de maturidade.

Ainda no campo das enfermidades, por certo, na velhice as doenças tendem a avolumar-se, o que não significa — e nunca significou — que essa provação não possa ocorrer nos períodos infantojuvenil e adulto. Ademais, quando uma criança apresenta-se gravemente enferma, podendo chegar a óbito, os familiares e amigos sofrem muito, alguns apontando para a *injustiça* de Deus e outros para o sofrimento de saber que aquela pessoa *tinha a vida toda pela frente*. São situações tão naturais para a evolução espiritual quanto as enfermidades que chegam na fase da velhice. Alguns Espíritos precisam vivenciar doenças graves na infância; outros, na juventude; alguns, na fase adulta; a maior parte, na velhice.

Tudo faz parte da indispensável *evolução* espiritual.

Capítulo V - Sexo é apenas uma das opções de amor

SEXO representa as características distintivas entre os seres humanos e os animais no tocante ao sistema reprodutor, mas no sentido figurado simboliza a relação sexual, a prática do sexo, o encontro entre duas pessoas para sentir prazeres ligados à lascívia, ao prazer físico extraído desse contato. As pessoas se relacionam sexualmente para auferir essa espécie de prazer, que pode levar, igualmente, à concepção de filhos.

Velhos podem — ou devem — praticar sexo? A resposta é muito simples: podem. O *dever* é algo muito impositivo, constituindo uma obrigação. Na verdade, nenhum ser humano *deve* sentir-se obrigado a relacionar-se sexualmente. Todos *podem* fazê-lo, desde que achem adequado e necessário.

Sob o prisma da *faculdade* de relacionar-se sexualmente, os idosos podem desempenhá-la tanto quanto qualquer outro. Não há de existir obstáculo a isso, nem mesmo qualquer dever.

O relacionamento sexual, acima de tudo, precisa simbolizar prazer, mas, também, amor. Eis o dilema da humanidade: saber separar e entender o prazer e o amor. Não se nega que, no atual estágio de evolução dos seres

humanos, muitos prazeres materiais suplantam os espirituais — onde se encontra o amor. Portanto, é possível que muitos vivenciem a relação sexual por mero alcance do prazer físico. O ideal é para ser vivido por quem está preparado e evoluído a tanto: sexo sem amor não glorifica prazer algum.

O ponto não é debater o grau evolutivo de cada um para indicar ou não o que o idoso pode fazer em matéria sexual. Se quiser ter relacionamento sexual que o faça, pois a idade avançada não o impede, por si só. De outra parte, em face do amadurecimento e do aprendizado, muitos idosos captam o autêntico sentido da relação sexual, que é a *prática do amor*. Um sentimento tão elevado, espelhando afeição, carinho, estima, pode realizar-se, plenamente, no contato sexual, embora nem todos consigam sentir do mesmo modo, visto que tudo isso depende de evolução espiritual.

O velho possui uma evolução natural, um aprendizado e um amadurecimento advindos da experiência que a vivência material transmite. Por isso, muitas pessoas de idade avançada sentem que a relação sexual não é satisfatória da maneira como experimentada quando eram jovens. Afinal, até mesmo pessoas casadas relacionam-se sexualmente por mero prazer físico, sem nem mesmo dar-se conta do amor. O sexo — entendido como relacionamento — é um ponto sensível e espalhado por todo o mundo material, gerando inúmeras circunstâncias positivas e negativas, muitas dívidas e algumas boas conquistas, mas sempre um aprendizado, pelo bem e pelo mal.

A velhice propicia o entendimento de que o prazer sexual pode dar-se em toques, olhares, companheirismo, entendimento, interligação espiritual e tantos outros fatores delicados e sensíveis, nem mesmo inteligíveis por

quem é mais jovem. Até a sólida amizade pode gerar o prazer sexual entre idosos, porque são auferidos gestos diversos do intercuro do sexo.

O sentimento afetivo transborda no idoso, que se permite isso viver, porque o seu aprendizado atingiu pontos mais elevados, fruto da experiência, de modo que ele consegue saber que sexo nem sempre é prazer físico apenas, entendido como orgasmo, mas pode simbolizar um prazer espiritual, bonito e digno, tanto quanto qualquer jovem pode auferir em seu contato amoroso com a pessoa amada.

Em verdade, o relacionamento sexual foi banalizado há milênios pela humanidade. Depois de tantos erros e desvios, corrompendo pessoas de diferentes níveis até o presente, os encarnados não conseguiram desvincular-se do prazer físico, separado do espiritual, de modo que o sexo chega a significar um entrave ao progresso de muitos, em lugar de representar algo positivo.

O mais importante é apontar ao idoso que o sexo, entendido como relacionamento ou prática sexual, é uma opção, como sempre foi em toda a sua juventude. Em segundo lugar, essa relação pode ser vivida de maneira mais delicada e espiritual, sentindo o amor, acima do prazer, favorecendo a sutileza e a leveza do relacionamento humano. E, finalmente, o desfrute do prazer sexual precisa ser compreendido como algo facultativo e nunca obrigatório, pois o ser humano é capaz de inúmeras vivências maravilhosas conquistadas pelos valores intrínsecos ao Espírito.

Mas não se pode perder de vista a realidade. O velho é um ser humano como outro qualquer e a idade mais avançada pode amenizar sua libido, mas não a elimina. Portanto, a responsabilidade sexual é exigida tanto dos

jovens quantos dos idosos. Qualquer um é capaz de exceder-se nesse campo, causando males a terceiros, o que não se pode admitir como correto. Enfim, a sexualidade para o idoso pode ser atenuada pelo menor vigor da idade, mas não a elimina.

Que cada um a exerça dentro da sua esfera de livre-arbítrio e responsabilidade.

Que o idoso possa lembrar-se dos ganhos auferidos pela idade mais avançada e da delicadeza humana no trato com os outros. Disso pode resultar que o relacionamento sexual seja substituído por fórmulas renovadoras do amor, sentimento mais nobre e mais satisfatório.

O idoso, pela sua experiência, detém dados captados ao longo da vida que o jovem não tem, razão pela qual pode exercitar a sexualidade de maneira bem mais responsável e, acima de tudo, prazerosa, sem se ligar a tantos aspectos materiais e subordinados à aparência.

O sexo com amor é o esplendor do amor em sua plenitude.

Capítulo VI - Solidão: momento ou sentimento?

ESTAR SOZINHO, em determinado ambiente, em certo momento, significa estar desacompanhado de outras pessoas. Mas esta situação, por si só, não caracteriza o que se entende por *solidão*.

Muitos podem vivenciar instantes de isolamento por variadas razões, dentre as quais coexistem as profissionais (como um pesquisador num laboratório), as naturais (aquele que está se banhando no chuveiro), as opcionais (momento de meditação), além de tantas outras escolhas a espelhar um período determinado na existência humana.

Nada disso representa o despertamento de um sentimento denominado *solidão*.

Seria este sentimento positivo ou negativo? Considerando-se a natural sociabilidade dos seres humanos, tende a constituir-se um sentimento negativo; porém, levando-se em conta a livre opção por um estilo de vida, conforme a individualidade que distingue cada um, pode significar um sentimento positivo. É preciso, no entanto, conceituar, para esse fim, o que vem a ser *positivo* e *negativo*; o positivo exprime otimismo, esperança e confiança, enquanto o negativo representa introversão pessimista, contrariedade duradoura e desesperança. Um é espelho do benefício ao Espírito; o outro, malefício.

Conjugando-se esses dados, projeta-se na solidão um sentimento de quem se considera isolado espiritualmente, mesmo que rodeado de pessoas, abandonado em seus reclamos e anseios, desprovido de afeto e carinho, alheio ao amor de terceiros.

O termo *solidão* aponta para o indivíduo solitário, ou seja, aquele que opta por viver desacompanhado de sentimentos humanos coligados aos seus, coligação esta apta a formar uma comunhão de vibrações, cuja variabilidade atinge picos de positivo e instantes de negativo, embora sempre mutável. Noutros focos, o solitário, vivente da solidão, abandonou o contato pessoal ou se sente por este abandonado; cuida-se de um ser humano de sentimentos introspectivos maléficos ao seu Espírito. Não há avanço na evolução que se espera do encarnado quando este se coloca em posição de imunidade ao amor alheio, gerando, com isso, igualmente, a sua desobrigação de amar o próximo.

Retornando ao princípio, *estar sozinho*, isoladamente considerado, não reflete nenhum negativismo, visto ser, como regra, situação momentânea, de maior ou menor durabilidade. No íntimo, entretanto, o encarnado sozinho se sente acompanhado do afeto de terceiros, que podem estar por perto ou distantes, mas presentes em seu coração. *Estar solitário* provoca a impressão de cultivo da solidão e esta purga as impurezas do Espírito de maneira continuada e prejudicial. Inexiste programação espiritual ideal apontada para a solidão, podendo-se até mesmo reputá-la uma fase de expiação para determinado ser humano ou, conforme a situação individual, uma prova a ser vencida.

A solidão é inadequada ao progresso espiritual na fase atual de desenvolvimento da humanidade neste planeta. Sentir-se desamparado e abandonado instiga maus sentimentos, ainda que de forma inconsciente, empurrando o encarnado a imersões na tristeza e na melancolia. Eis por que o retraimento do Espírito provoca a migração de um ambiente equilibrado para um cenário de influxos vibratórios pesados, atraindo, por certo, Espíritos inferiores e, de igual modo, sofredores. A carga se torna por demais pesada ao ser humano solitário e ele nada consegue desenvolver no âmbito da caridade e da fraternidade, visto estar ocupado na luta com seus próprios temores, ansiedades e desatinos.

O ermitão deve constituir apenas um personagem de história, mas não a meta a ser atingida por qualquer encarnado engajado na reforma íntima, em busca do seu aprimoramento espiritual. A vivência solitária não é indicada nem traz frutos positivos, mesmo quando partilhada com animais ou plantas.

Não se confunda *morar sozinho* com solidão, visto que essa vivência tem o mesmo significado de *estar sozinho*, de caráter transitório, obedecendo o espaço temporal no qual o ser humano desenvolve certas atividades do seu cotidiano afastado de outras pessoas; nada se liga ao seu íntimo, mas somente à sua aparência. Quem reside sozinho pode ter mais contatos fraternos do que aquele residente em ambiente familiar, cuja introspecção excessiva o leva à solidão.

Viver no ermo, quando indispensável, deve ser uma opção necessária a atingir um objetivo salutar, sem que se carregue no âmago a mesma acepção

de sentir-se desamparado, desenvolvendo o sentimento de hostilidade ao afeto humano.

Ficar isolado pode ser útil ou inútil, a depender dos fins buscados por quem assim se coloca; porém, há de levar-se em grande conta que as comunidades espirituais elevadas são a mais nítida prova de que o convívio entre Espíritos é indeclinável para quem pretenda despir-se dos maus sentimentos, aprendendo o bem com o próximo e cultivando o amor universal. O isolamento moral é fruto inóspito do egoísmo, ainda que camuflado por querências idiossincráticas em tentativa vã de espelhar o livre-arbítrio e, com isso, a liberdade de ser, agir e de expressar-se.

Diante disso, a velhice não exprime solidão; pode representar mais frequentes momentos em que se está sozinho, por causas diversas, embora o Espírito possa e deva manter-se conectado à vibração universal de união entre os seres humanos. O pensamento é uma potente arma, apta a colecionar boas memórias, com o fito de incentivar o convívio, buscando tornar o ser pensante mais afável, maleável, tolerante e equilibrado em face dos que o cercam em que nível de ligação for. Por outro lado, pode constituir um eficaz instrumento de destruição das memórias positivas, instigando o fomento ao passado entristecido, tudo a demonstrar que a solidude é o caminho correto a ser perseguido, enganando o ser pensante por meio de um raciocínio tortuoso, repleto de teorias secundárias, buscando evidenciar que a maldade reina no convívio, em pura enganação maléfica.

A velhice não é uma cabana no ermo da vida, onde se cultua apenas a individualidade até se atingir o desencarne; ao contrário, cuida-se da fase derradeira da reencarnação, de onde se devem extrair todas as forças

possíveis para *conviver*, aprendendo o bem que deixou de ser vivido e desprendendo o mal porventura praticado.

A alma desértica é fruto da tristeza, que tem ligação infeliz com os mais sérios desvios da bondade: o orgulho e o egoísmo. Se, em instantes de glória material, o encarnado se sente poderoso e jovial, imaginando *ser assim de fato*, enganando-se como a criança diante da fábula, ao atingir a fase senil, na qual cessa a potência juvenil e é inaugurada a instância da fragilidade, como já fora na idade infantil, o sentimento humano cai na realidade e, num gesto aflitivo, magoa-se. Melindra-se com o destino, transformando-se em ser solitário e angustiado.

O idoso possui os mesmos sentimentos do jovem, de modo que cultivar o amor não lhe é inviável e muito menos um fardo; quer-se, com isso, apontar para a velhice como uma fase normal da vida encarnada, quando se permite ao Espírito o mesmo prazer de amar e ser amado, cenário que se estende para toda a eternidade.

O estágio da senilidade, por gerar a decrepitude do corpo físico, tende a proporcionar o advento de maior fraqueza físico-psíquica, dando origem a diversas espécies de enfermidades. Mas essas doenças são físicas; podem até ser mentais; nunca serão espirituais. O âmago humano é indevassável pela força do tempo, desde sempre, até que atinja a perfeição.

Quem, quando mais jovem, não aprendeu a incentivar o bom humor terá maior dificuldade de atravessar a velhice cultuando elevados sentimentos, visto ser uma natural fase de obstáculos materiais. Há uma tendência de visualizar o idoso como um ser humano mal-humorado e arredio; esse estereótipo necessita ser rompido pela união dos esforços de quem está em

plena velhice, com força para demonstrar o oposto e para se fazer notar não pela rabugice, mas pela simpatia e pelo sorriso convidativo à amizade.

Há duas espécies básicas de isolamento: ativo e passivo. O isolamento ativo é decorrência das atitudes do próprio idoso, que assim quer ficar, provocando o afastamento de terceiros. Recolhe-se dos familiares e amigos, maldizendo quem se mostra gentil e amigo. Além de ingressar numa forma de autoexpição, contrai dívidas, visto não ser adequado, para quem evolui interiormente, atuar desse modo. O isolamento passivo é o abandono, causado por quem o cercava, podendo ser decorrência das atitudes tomadas durante a vida, quando o idoso, mais jovem, maltratou pessoas e agiu com soberba e indiferença pelos sentimentos alheios. No entanto, esse isolamento passivo também pode ser fruto das más atitudes de familiares e outras pessoas, que largaram o idoso por considerarem-no um entrave, um peso e uma fonte de gasto inútil. A segunda modalidade de isolamento passivo não gera débito; torna-se uma expiação que, por força da lei de ação e reação, era devida e precisa ser superada com humildade e tolerância. A primeira forma de isolamento passivo gera dívidas, pois se torna muito similar ao isolamento ativo, diferenciando-se pela forma de agir do idoso. Seja como for, isolado, ativa ou passivamente, a meta é desatrelar-se da solidão e buscar, onde encontrar terreno fértil, o convívio humano, com quem deve trocar experiências e cultivar a fraternidade até o apagar das luzes do mundo material.

Tanto quanto a vida no auge da maturidade, a velhice não foge à regra, impondo ao Espírito a busca pela reforma íntima, procurando o aprimoramento dos bons sentimentos, sempre existentes, ainda que em

forma bruta, passíveis de lapidação. Não se desconte na vida moderna, no avanço da tecnologia e em qualquer progresso do mundo físico o descontentamento com o estágio da idade; há sempre uma porta para se escapar do tédio da velhice, alcançando a harmonia físico-psíquica, pródiga em benefícios ao Espírito. Perder a pessoa companheira, com quem formava uma família, aposentar-se, afastar-se de alguns amigos por força dos caminhos naturais da existência, enfim, modificar o seu ambiente é uma das provas às quais o idoso deve submeter-se. Nada disso o impede de recomeçar tantas vezes quantas forem necessárias, onde quer que seja lançado, visto haver a chama da vontade de enxergar nisso uma chance de renovação.

É preciso lembrar que parte das enfermidades vivenciadas na velhice advém do estresse gerado pelo próprio idoso, inconformado com seu atual *status* e irresignado com o que lhe julgava devido. O destino é gentil e justo, pois gera idêntica certeza para todos; a velhice é um bem a ser modulado conforme a individualidade de quem a sente em seu cotidiano. Fazê-lo de bom grado e confiante é o melhor presságio de uma existência digna e submissa aos desígnios de Deus.

Capítulo VII - Trabalho na velhice: o vetor do equilíbrio

TRABALHO significa muito mais do que um simples termo é capaz de expressar. Pode-se apontar o emprego ou a profissão de alguém como o seu trabalho. É possível vislumbrá-lo como uma atividade extenuante ou de grande responsabilidade. Há viabilidade de se indicar o trabalho como uma atividade de equipe em prol de um objetivo único. Ou, ainda, a atuação empenhada de alguém para desenvolver uma tarefa qualquer. O trabalho pode significar uma ação, uma força, um exercício, um processo, enfim, tudo que represente um fenômeno ativo pela concretização de algo.

Vulgarmente, imagina-se o *trabalho* como uma atividade remunerada, que se opõe à *inatividade*, seja por conta da aposentadoria ou pelo desemprego. Se visto por esse prisma, o idoso pode trabalhar até onde permita a sua saúde física e mental. Atingindo a aposentadoria, em alguns casos de forma compulsória, ele pode continuar a trabalhar por sua conta, em atividade similar à sua sem limite de tempo. Caso seja absorvido pelo desemprego, nada impede que desenvolva seu trabalho em outras atividades, correlatas ao seu preparo profissional, ou mesmo que inove,

aprendendo novo ofício e desenvolvendo atividades diferentes, tudo para conseguir remuneração lícita.

Enfim, o que se quer sinalizar é a inexistência de um limite, por idade, para a cessação da atuação laborativa de qualquer pessoa. Por vezes, a aposentadoria permite um descanso remunerado a quem já trabalhou muitos anos e merece diminuir o fluxo das suas atividades, o que não necessita gerar a inatividade completa.

Trabalhar é a dedicação a fazer ou construir algo, que pode ser uma grande obra ou um simples quitute para uma refeição. Portanto, o idoso pode trabalhar sempre e é ideal que o faça para ocupar o tempo de maneira positiva, preenchendo a mente com boas produções, de preferência, em prol de outras pessoas, ajudando a si mesmo a auxiliar terceiros e, com isso, produzir uma conjuntura favorável ao seu equilíbrio físico-mental.

Nem sempre o oposto ao trabalho pode significar algo negativo, pois há o repouso, o descanso, a tranquilidade como espelhos de ausência de trabalho, que constituem atitudes igualmente desejáveis, pois nenhum ser humano há de trabalhar todas as horas de seus dias, por todos os dias da semana. Isto se aplica à pessoa de idade avançada, a merecer períodos de descanso por vezes mais extensos do que os concedidos aos mais jovens, detentores de mais energia física.

É importante não justificar a inatividade, no sentido de preguiça — aversão ao trabalho —, por conta da idade mais avançada. A velhice não traz automaticamente o ócio. Ela pode significar uma perda da capacidade física para o mesmo trabalho que se realizava antes, durante a juventude, porém, por outro lado, pode representar o incremento da atividade

intelectual, pelo acúmulo de conhecimento, algo que o jovem, como regra, não possui. Portanto, certas tarefas o idoso pode desempenhar mais facilmente que a pessoa de menos idade; tudo depende do enfoque dado e de cada caso concreto.

O idoso tem perfeitas condições para trabalhar, respeitando seus limites pessoais, algo que somente lhe pode conferir mais equilíbrio e alegria no seu cotidiano. Existem inúmeras atividades laborativas, algumas delas simbolizam passatempos, porém o ideal é atingir um ritmo de trabalho que permita conciliar o singelo passatempo à atividade útil para construir algo para outrem e, com isso, para si mesmo.

Muitos idosos se dedicam à caridade de variadas formas, porque se aposentaram de seu trabalho principal e recebem uma renda mensal que lhes permite sobreviver; assim, eles conseguem ajudar o próximo e, ao mesmo tempo, preencher seu tempo ocioso. Eis o motivo de, em diversos lugares, serem encontrados mais velhos trabalhando em ações caritativas do que jovens, não significando que a caridade se destina aos idosos primordialmente. É apenas uma conjunção de fatores que leva a isso com mais facilidade.

É também preciso eliminar a ideia de que as pessoas de idade avançada dedicam-se mais à caridade porque, por estarem no final da vida, querem *ganhar pontos positivos*, o que não fizeram antes, para, se houver vida após a morte, poderem disso beneficiar-se em algum *juízo divino*. Não se pretende afirmar que não existam aqueles que assim pensam e agem. Porém, não são maioria e esta tem o seu brilho próprio por encontrar no

exercício caritativo um trabalho digno dentro do espírito de solidariedade, que deve mesmo nortear todos os seres humanos.

A velhice é somente uma etapa da vida e não pode ser confundida com a fase permissiva para o ócio e até mesmo para a prostração, geradora de debilidades variadas, que afetam a saúde físico-mental, levando muitos ao desequilíbrio e à infelicidade duradoura. Idosos que se abatem fisicamente, perdendo o seu natural vigor, seja porque ficaram desempregados ou porque se aposentaram, seja mesmo porque se sentem *velhos*, terminam fomentando a tristeza, porque a essência do ser humano é o trabalho, especialmente quando ele rende frutos a si e também a terceiros.

A solidariedade é um atributo inato das pessoas, por mais que não se perceba ou se dê no inconsciente de cada um; a maior parte dos encarnados neste planeta, que, embora ainda seja de *provas e expiações*, é constituída de seres solidários, que se compadecem com os sofrimentos de outros, que buscam auxiliar quem precisa, que realmente se identificam com as misérias alheias. Ainda bem, pode-se apontar, pois é por isso que o mal não triunfa na Terra, ainda que se espalhe em vários terrenos, gerando muita tristeza.

São inúmeros os casos em que se pode observar a falta de visão dos jovens em relação ao trabalho solidário, mas isso se deve à imaturidade, ao aprendizado, à necessidade de se atingir a plenitude do saber. Ao atingir mais idade, o amadurecimento, por força da experiência, proporciona aos idosos o descortinar da solidariedade em seus corações de maneira mais pungente; eis, novamente se frise, a razão pela qual muitos se dedicam à caridade — e o fazem corretamente.

Mas há também os velhos necessitados de apoio e ajuda de terceiros, os que realmente não conseguem trabalhar porque vitimados por enfermidades físicas ou mentais, ou ambas. A eles, devem os outros idosos saudáveis dedicar-se e trabalhar para que se sintam mais queridos e úteis. A eles, igualmente, devem os jovens ter mais paciência e mais empenho para que se considerem tão importantes quanto qualquer ser humano, que deve ser bem tratado e reverenciado.

A velhice é uma etapa da vida que pede o trabalho, quando possível; pode também pedir o trabalho de terceiros, quando necessário. De qualquer forma, até o idoso enfermo pode trabalhar nos exatos limites impostos pela doença que o acomete. Não se deve ter, pelos velhos, nenhum cuidado restritivo especial, retirando-os do ambiente laborativo, sob o pensamento de que isso vai poupá-los de dissabores. É justamente o contrário: dar-lhes atividades úteis é o caminho acertado.

A longevidade no plano material deve trilhar lado a lado com o trabalho, remunerado ou não, mas sempre útil e positivo, sempre lícito e honesto, sempre solidário e benemérito. Assim ensinam as profissões mundo afora; as pessoas trabalham pelo bem comum, embora possam retirar disso o seu sustento; as atividades laborativas são sempre proveitosas e vantajosas para o progresso da comunidade em que são exercitadas.

Essa é a regra do mundo; essa deve ser a regra da velhice.

Capítulo VIII - Velhice não é doença

O DERRADEIRO QUARTEL da vida é uma fase produtiva, em especial no campo intelectual, envolvendo a atividade experiente e equilibrada da mente humana, quando já trilhados os meandros da aprendizagem e da recuperação das ideias mais avançadas e até mesmo açodadas. Assenta-se o encarnado em pensamentos mais nobres e sensatos, emanando ponderação e prudência, ocasião em que pode produzir grandes descobertas e construir prodigiosas obras.

Em primeira análise, parece que somente a atividade do intelecto, entendida como a faculdade de captação cognitiva das coisas ao seu redor, desenvolvendo-se no campo das ciências, das artes e da cultura em geral, poderia encantar a mente em fase inerente à velhice. Mas não é somente assim que se expõe o brilho da inteligência humana associada à experiência adquirida pelo galgar dos anos na vida encarnada. Eis a grandeza do Espírito. O principal foco é o desenvolvimento e a lapidação da sabedoria no cenário do amor e da sensibilidade para captar e conhecer a alma humana. Assim sendo, mesmo as pessoas incultas podem aprimorar sua mente na fase da velhice, implementando novos hábitos e adquirindo mais elementos de conhecimento para desenvolver atividades variadas, contando com a experiência auferida por longos anos.

Quer-se evidenciar a possibilidade de aprimoramento do idoso na sua atividade cognitiva e, sobretudo, no aspecto de transmissão da sua vivência aos mais jovens, quando estiverem abertos a captar as mensagens.

Em segunda avaliação, pode-se imaginar que a parte física se torna decadente e frustrante, equivalendo a uma enfermidade, algo inconsistente e eventual. Há pessoas idosas em perfeito gozo de sua mobilidade física, sem qualquer obstáculo incapacitante, tudo a depender de como viveu a sua juventude e, também, a etapa madura. Essa atividade corporal pode durar muitos anos, diminuindo gradativamente, sem que se retire do idoso a sua autonomia.

Portanto, é patente que velhice não significa enfermidade. A alteração da saúde pode dar-se em relação a qualquer encarnado, de jovens a idosos, de forma mais grave ou superável, sem qualquer vínculo direto com a idade cronológica. Não se deve ignorar, por certo, a maior incidência de vulnerabilidade físico-mental de pessoas conforme atingem patamares mais elevados no decorrer dos anos; porém, pode-se comparar à fragilidade infantil, quando o bebê, depois a criança, após o adolescente caminha aos poucos no quadro do fortalecimento de seu sistema imunológico, experimentando enfermidades, muitas das quais superáveis, mas que precisam ser enfrentadas.

Um ponto fundamental a ser considerado na avaliação global da saúde físico-mental do ser humano, conforme a idade, precisa focar sua situação econômica e as condições materiais de vida das quais dispõe. Uma pessoa idosa em cenário material promissor pode retardar o envelhecimento em muitos anos, ao passo que o vivente em ambiente materialmente

atrasado e carente enfrenta maior decadência da qualidade de sua saúde em tempo mais breve. Portanto, o avanço da idade não significa necessariamente o encontro com a debilidade motora ou com a fragilidade mental. Em verdade, qualquer quadro negativo que se apresenta ao encarnado em suas diversas fases da vida material — criança, jovem, maduro, idoso — significa apenas e tão somente uma prova a encarar sem medo, para que seja ultrapassada com fé e resignação. Pode, igualmente, representar uma fase de expiação, tão necessária quanto indeclinável ao aguardado desenvolvimento espiritual.

Em suma, o jovem gravemente enfermo desperta compaixão por que está doente ou por que está enfermo *e é jovem?* Para muitos, a segunda hipótese é a verdadeira, quando, na realidade, a primeira é a correta. O progresso espiritual chegará ao planeta quando a compaixão predominar no âmbito dos sentimentos humanos, fomentando a devoção ao próximo e a vontade de ajudar, transmitindo afeto e carinho a *quem necessita*, pouco importando a sua idade.

Por si só, a velhice não simboliza nenhuma espécie de enfermidade, visto que esta precisa ser curada, enquanto aquela pede seja vivida com entusiasmo e esperança. A diferença entre ambos os fatores é imensa, pois o idoso deve auferir de sua avançada idade todos os elementos positivos daí advindos, como a sabedoria e a experiência, enquanto a doença é uma causa de dor, geradora de comiseração pelo próximo, a merecer superação. Não se suplanta a velhice; vive-se bem esta fase; de outra parte, luta-se para ultrapassar e vencer a enfermidade.

Não são poucos os casos concretos, mundo afora, demonstrativos de velhices *bem vividas*, enquanto se constatarem juventudes *perdidas* e *desperdiçadas*. Os extremos existem em todas as fases da vida encarnada, bastando o livre-arbítrio atuar em sentido correto para amenizar sofrimentos de toda ordem e captar os fluidos positivos advindos do Plano Maior para a superação das dificuldades. Aliás, muitos obstáculos concentram-se apenas na mente, esta, sim, enferma, pois acometida de sentimentos negativos que a dominam, cultuando o pessimismo e enaltecendo a vida material como se fosse a trajetória única e derradeira do indivíduo.

O mais sólido bálsamo para o Espírito, durante toda a sua reencarnação, é a fé raciocinada, que indica o bem como exclusiva trilha correta a ser percorrida, confiando em Deus como símbolo maior de amor e justiça, jamais fonte de discórdia entre os humanos. Essa crença firme e sólida invalida qualquer sentimento negativo, conferindo força ao encarnado para enfrentar e vencer todos os percalços naturais da trajetória pelo plano físico, sejam eles quais forem.

Essa honestidade espiritual não se liga à juventude, à maturidade ou à velhice, mas se vincula a cada encarnado, que traz consigo, de outras vidas, sua carga evolutiva própria. Eis por que o jovem pode atormentar-se, sem dar valor à sua existência, enquanto o velho pode sentir-se confortado e feliz por caminhar em sua etapa derradeira, com o sentimento de ter feito o que lhe era possível para aprimorar-se. Não se exige o heroísmo ímpar para viver, mas apenas a coragem para isso.

Considerar a velhice como se doença fosse é resultado de injustificável fraqueza interior para encarar a realidade; ademais, assim fazendo, tende-se

a fundamentar, de modo equivocado, ações de repúdio aos idosos, resultando em afastamento de parentes, amigos e estranhos que envelhecem. Muito do repúdio em pessoas jovens no tocante aos idosos advém justamente dessa enganosa consideração de que a velhice equivale a uma doença, da qual se afasta quem está saudável para não se contaminar.

O evidente desacerto dessa visão de equivalência entre velhice e enfermidade precisa ser totalmente descartado da mente humana desde cedo, fazendo parte da correta educação e boa formação dos jovens, compreendendo a singela realidade da vida como etapas necessárias e naturais a serem aproveitadas, sem qualquer temor ou fragilidade.

Velhice é vida, nada mais que isso.

Capítulo IX - Asilo: refúgio, escape ou desterro?

O SENTIDO do termo *asilo* é amplo, abrangendo o lugar onde alguém se sente seguro ou protegido, como também alcança a instituição que abriga idosos. Não se pode perder de vista o asilo de caráter político, quando um país fornece acolhimento a quem foi banido de outro. Por isso, o ideal é não projetar apenas o aspecto negativo envolvendo o lugar onde se insere o idoso desamparado e esquecido. Aliás, até mesmo por conta disso, tem-se alterado a nomenclatura dos abrigos destinados a pessoas de idade avançada, evitando-se o termo *asilo*, embora tudo isso tenha ligação com o materialismo próprio ao plano físico, associado ao egoísmo de muitos familiares. Não houvesse tanta aversão por cuidar do parente idoso, porque a velhice seria a *triste volta à infância*, além de representar gastos considerados por muitos inoportunos e até inúteis, para que a opção pelo asilo fosse autêntica e cômoda, partindo do próprio idoso, que aprecia maior independência.

O ingresso em casas de repouso ou asilos para idosos deve ser uma opção voluntária e consciente, proveniente do fraterno acordo entre familiares e a pessoa de elevada idade. Evitam-se, com isso, mágoas e ressentimentos de parte a parte. Sob outro prisma, há que se ponderar, por vezes, a inviabilidade de manter-se o velho em local isolado, quando já não pode se

cuidar a contento, não possuindo família a dar-lhe respaldo, consistindo o caminho ideal a sua inserção em ambiente protegido, tal como o abrigo para pessoas de idade avançada.

Outro campo relevante para o plano físico é o despertar da consciência dos mais jovens de que é preciso zelar pelos mais velhos, razão pela qual a constituição de asilos bem montados e estruturados de forma adequada precisa ser um objetivo de toda a sociedade. Esse aparato deve ser voltado ao bem-estar físico e emocional do idoso, para que o Espírito em fase final de trajetória terrena possa encontrar equilíbrio e paz para suas reflexões e sua derradeira oportunidade de realizar a reforma íntima. Não é somente uma questão de fraternidade, mas também de visão quanto ao futuro, visto que todos poderão, um dia, depender da estrutura desses asilos. Cuidar bem dos mais velhos é investir no amor a longo prazo.

Pais e filhos devem conversar sobre o futuro, sempre que possível, em termos de valorização da velhice tal como ela realmente se apresenta, a fim de se constituir em fase de regeneração vital ao aprimoramento espiritual. Esses últimos passos, quando o corpo físico enfrenta obstáculos cada vez mais intensos e frequentes, permite ao Espírito a compreensão, mesmo que inconsciente, da verdadeira vida, que é a continuidade espiritual após o desencarne. As bases sólidas construídas ao longo do desenvolvimento da juventude e da fase madura da existência corpórea, quando bem delineadas, sob os mandamentos cristãos de amor, resignação, sensibilidade e razão, permitem captar e compreender cada vez mais o relevo do cuidado com a velhice, seja em nível pessoal, seja em nível de terceiro.

Se o ser humano precisa ter cuidado especial com a fase infantojuvenil, para que o Espírito amadureça em bases cristãs, outra não deve ser a visão quando se enfoca a idade avançada do corpo físico. O adulto precisa zelar pelo começo e pelo fim da vida material dos que estão ao seu redor, em sua família ou no âmbito do seu conhecimento direto. Moldar, para o bem, a personalidade do infante e do jovem é um investimento de amor para granjear tolerância e afeto pelo idoso; eis o importante trabalho dos pais na educação de seus filhos, bem como a atividade dos professores na formação de seus alunos.

Sabe-se que nem todos os encarnados têm a dádiva de ter o amparo da família nos anos relativos à infância e naqueles concernentes à adolescência; constitui uma prova ao Espírito quando vivencia o amadurecimento no corpo físico sem a tutela e a proteção dos mais velhos e queridos familiares. Pode consistir em programação escolhida pelo próprio Espírito, antes de seu reencarne, para expiar culpas do passado, quando, muitas vezes, desdenhou a infância e ignorou a juventude alheia. Sempre há Justiça Divina nesse cenário e ninguém sofre por mero acaso.

O mesmo se pode dizer da velhice desamparada, esquecida ou isolada, que pode ser o reflexo de uma prova a ser enfrentada com coragem ou de uma expiação, fruto da lei universal de ação e reação. Seja como for, considerando-se não ser a vida autêntica aquela do mundo material, está-se promovendo o aprimoramento espiritual rumo ao desenlace corpóreo, com o ingresso no campo da existência perpétua.

Na esteira do que se prevê como ideal para os cuidados indispensáveis à boa formação da criança e do adolescente, recomenda-se o mesmo zelo para

com o idoso; eis por que o asilo precisa ser um refúgio, um lugar de proteção, onde haja suporte material, mas, sobretudo, distribuição farta de amor tanto pelos cuidadores quanto pelos visitantes. Deve-se evitar a visualização do asilo como um escape de obrigações inatas ao ser humano cristão e bem esclarecido nos tempos atuais, que é a sua responsabilidade de cuidar dos idosos à sua volta. Jamais, portanto, considerar e implementar o abrigo como um verdadeiro exílio da pessoa com idade avançada, que implica isolamento e solidão.

Embora muitos estágios derradeiros pela crosta terrestre sejam difíceis e sofridos para muitos idosos, porque podem consistir em provas ou expiações necessárias, isso não afasta o dever fraterno, de quem pode e está nas cercanias dessa pessoa vivenciando a velhice, de ajudar a ultrapassar, por mínimo que seja, as dores experimentadas. Até mesmo a expiação, fruto da programação escolhida pelo Espírito antes de seu reencarne, pode e deve ser amenizada por terceiros, exibindo o amor a quem sofre e enaltecendo a força do bem, sempre muito mais intensa do que o mal em qualquer plano.

Asilos precisam simbolizar um cantinho do lar de quem os procura para abrigar-se; quem os projeta e os constrói deve ter essa visão e agir de acordo com esse propósito; por isso a importância da preservação da individualidade de cada interno e, mais que tudo, o respeito à figura do experimentado ser humano ali presente.

Quem é velho de corpo é rico de memórias e dono de experiências que somente a vida lhe proporciona. Aproveitar essa vivência é primorosa tarefa dos administradores de asilos e daqueles que se voluntariam a cuidar dos internos. Portanto, promover a integração entre os abrigados se torna

essencial para que troquem lembranças e possam ensinar uns aos outros o que de útil aprenderam, tornando a convivência mais positiva e humanizada.

O asilo precisa ser um centro de boas experiências e um cenário de paz em todos os níveis, mormente nos campos emocional e psicológico, acalentando o Espírito, ainda aprisionado no corpo material. Lembre-se de que a velhice se estende cada vez mais por conta do desenvolvimento da medicina e dos medicamentos, representando a elevação do número de idosos no mundo físico; tal situação não acontece por acaso, visto ser fruto da transição do planeta de provas e expiações para a fase de regeneração. Quanto mais idosos, portanto experientes e mentalmente bem desenvolvidos, mais oportunidade haverá para a aplicação consistente do bem, inclusive porque o velho é mais sensível e apto a receber carinho, emocionando-se com gestos delicados e bondosos. Pode-se apontar exceções à regra, mas em todos os níveis evolutivos no plano físico são encontradas pessoas dissonantes da maioria.

É preciso registrar que na mutação para a fase regenerativa todos os encarnados — crianças, jovens, maduros e idosos — estarão igualmente sujeitos às mesmas regras e só permanecerão neste planeta, em reencarnes sucessivos e vindouros, os que tiverem merecimento. Os que não possuírem esse valimento continuarão suas trajetórias evolutivas em outros mundos físicos, compatíveis com seu desenvolvimento espiritual.

Os asilos têm vantagens em relação à vida em família, porque permitem o maior entrosamento entre estranhos, elevando o grau de sociabilidade e, por via de consequência, de fraternidade e solidariedade. Por vezes, quando

em casa, junto da família, o idoso se isola ou se sente superior aos demais; pode inclusive desenvolver a introspecção e deixar de pensar no próximo, pois é mais cuidado do que cuida. Tudo depende de cada família e de como os laços entre todos foram delineados ao longo dos vários anos de convivência. A idade avançada permite, por certo, manter a privacidade como indivíduo, mas nunca o isolamento desejado e construído em torno do egoísmo, pois isso prejudicará a regeneração derradeira do Espírito. Eis o motivo da convivência com estranhos, que, se não foi cultivada ao longo da vida mais jovem, é o momento de se realizar quando mais velho.

No abrigo, outro ponto positivo é o encontro de novas amizades, desde que o coração permaneça aberto e vigilante, enquanto a mente se torna receptiva às experiências alheias; afinal, amigos partilham sentimentos e nada mais útil do que dividir ricas vivências do passado para solidificar um laço presente. Nesse campo, independe o nível social do asilo; pode-se estabelecer novos liames de amizade entre pobres e entre ricos, assim como entre pobres e ricos. Desprendimento de posição social ou cultural é fundamental para o entrelaçamento na idade avançada, abrandando-se atitudes egoístas e vaidosas de muito saber ou de pretender ser o dono da verdade.

Velhos podem, sem dúvida, nutrir a pretensão à tirania intelectual ou mesmo econômica, fazendo uso do que acreditam possuir de melhor e mais aprimorado que outros. Precisam deter-se nesse intuito e acostumar-se com o solidário e o comunitário, pois este será o perfil da vida em cidades espirituais para os que tiverem mérito a seguir para tal destino. Mesmo quem não tenha, devendo vivenciar, na sequência ao desencarne, um estágio

em Posto de Socorro para retornar à vida encarnada, certamente necessitará do abrandamento de seus matizes egoísticos para se dar melhor na futura trajetória.

O asilo pode ser um centro positivo de aprendizado e reforma íntima, não devendo ser prontamente desprezado e considerado um castigo a todo e qualquer idoso. A vida derradeira em família geralmente é um palco de maior afeto e carinho, desde que o núcleo familiar esteja preparado, material e emocionalmente, para cuidar da pessoa mais velha; do contrário, o isolamento e o menosprezo tornam-se cargas negativas e muito mais difíceis de suportar do que a vida em comum em abrigos apropriados para os que atingem idades avançadas.

Quase todas as condutas humanas podem ser classificadas como positivas ou negativas, dependendo da intenção com que são realizadas. Não é diferente a inserção do parente idoso no abrigo apropriado; não é diversa a indispensabilidade do acolhimento do velho desamparado, pois tudo se baseia no objetivo a ser alcançado. Considerar o asilo um centro voltado a proteção e amparo ao idoso, e assim agir para mantê-lo, é o elemento fulcral para colorir a vida em fase final no plano terreno.

Apesar de se poder tratar do asilo como um lugar propício à boa convivência da pessoa, isso não significa, para a família e para os amigos, o distanciamento. Permanece o dever fraterno de visitação regular para a troca de memórias, experiências presentes e mesmo desejos futuros. E para os idosos desprovidos de contatos familiares ou amigos, ergue-se o trabalho voluntário de pessoas abnegadas, que podem visitar os internos formando um laço de afeto muito útil para a vivência positiva no abrigo.

Surge a questão dos velhos desmemoriados ou enfermos mentais, que já não se recordam dos seus familiares ou amigos e, por isso, encontram-se internados em instituições apropriadas. Não se afasta a visitação de quem os estima para que seus Espíritos se sintam acolhidos, mesmo que o corpo material, aparentemente, os impeça de interagir. Constitui uma dádiva amparar os doentes de qualquer nível; com muito mais razão os idosos.

Atingir a velhice representa para muitos um peso imenso, um fardo difícil de suportar, uma fase terrível da vida encarnada. Mas não é o espelho da realidade e, sim, do imaginário criado em torno da idade avançada. *Ficar velho* é uma parte indeclinável da vida material e a fase derradeira de possibilidade de regeneração, antes que se abram as janelas da vida eterna. O Espírito poderá, nesse estágio, conhecer-se mais profundamente, desde que reflita de modo positivo, acolhendo as mazelas físicas como necessárias e indicativas de um rito de passagem.

Quando o jovem desencarna, aos incautos gera dor e revolta, pois tinha *a vida toda pela frente*; quando o idoso desencarna, vários agradecem e dizem já ter ele *vivido demais* ou, noutros termos, ter *descansado*. São pensamentos e expressões incompatíveis com quem acredita na eternidade da vida, visto que tanto o jovem quanto o velho partem do mundo físico ao espiritual quando chega o momento adequado à sua programação. Logo, não há partida precoce nem tardia, mas sempre ajustada ao destino de cada um.

O asilo deve ser um ambiente de esperança no futuro e nunca um lugar de tristeza voltado ao passado. Ali, idosos e todos os que se encontram ao seu redor precisam cultivar bons hábitos e práticas emocionalmente

positivas. O bom abrigo tutela a paz de espírito e isso é um benefício de proporções incalculáveis para o encarnado, somente compreensível quando se atinge o desencarne e, com isso, a verdadeira vida.

Capítulo X - A lógica do envelhecimento físico

A VELHICE é uma das fases da vida material, constituindo o derradeiro estágio e propiciando o desabrochar da sabedoria, mesmo que advinda da experiência — e não diretamente do conhecimento. O ser humano nasce, envolto pelo corpo de um frágil bebê, sujeito a qualquer lesão que lhe pode ser fatal, merecendo a contínua proteção dos pais ou de outros adultos. Nesta fase, começará a reaprender tudo: como andar; como falar; como se comunicar; como captar importantes orientações; como se divertir, enfim, como se tornar um corpo suficientemente desenvolvido para se virar sozinho. A criança é dependente do mundo adulto, pois não possui o pensamento claro, nem conhece todas as informações principais para a sobrevivência independente e autônoma. A sabedoria divina, entretanto, leva o infante a apresentar-se de maneira frágil, pequena, dependente por natureza, tudo para sensibilizar o adulto em matéria de cuidados e amparo.

Além disso, os filhos nascem parecidos com os pais não por acaso, mas para fomentar o orgulho natural do adulto e lhe movimentar os sentimentos, tornando-o apto a sustentar um ser que é espelho de sua própria existência. Há os filhos por laços de amor e afeto, como os adotivos, que preenchem as lacunas da alma de pessoas desejosas de cuidar e amparar outros seres humanos.

As fases da vida terrena são ricas de ensinamentos no tocante à evolução espiritual, pois também o Espírito reencarna ignorante e incapaz de entender o sentido da sua própria existência, com sua memória de vidas passadas apagada. Somente o passar dos séculos permite o aprimoramento, sujeitando-se o aprendiz a inúmeras reencarnações, até que esteja preparado para seguir a mundos mais evoluídos.

Essa evolução depende de sucessivas vivências no corpo físico, sempre tendo início na fase infantil, passando pela maturidade até atingir, como regra, a velhice. Eis por que há de se respeitar a Sabedoria Divina, sem qualquer temor, confiando na Sua plenitude.

Desencarnar faz parte da vida, tanto quanto o reencarne. No entanto, o encarnado mais reclama da velhice do que de sua fase infantil ou juvenil. Por que assim age? Simplesmente pelo fato de não poder questionar uma fase de completa ignorância, como a infantil, até porque lhe escapa da memória e, mais ainda, porque todos ao seu redor esperam, ansiosos, o seu crescimento para que o convívio se torne polivalente.

A infância simboliza o futuro e a criança é visualizada com o toque da esperança, o que muito contribui para que seja amada e volteada de cuidados. A juventude representa o ápice do ser humano, emanando força e vigor, de modo que se torna imune, quase sempre, a críticas de quem por ela passa. A velhice, por seu turno, tem representado, para muitos encarnados, o fim, a desesperança e a única sensação visível é voltar-se ao passado para viver de fatos pretéritos, como se fossem presentes ou alicerçassem, de algum modo, o futuro. Se, por um lado, ninguém reclama da ignorância infantil, muitos estão afiados para apontar a fraqueza senil.

A velhice proporciona a visível decadência do corpo material. O que, na óptica materialista, já foi vistoso, belo, forte, ágil, dentre outras adjetivações positivas, passa a ser fraco, enrugado, feio, lento, incapaz de se cuidar. Mas o ciclo existencial humano é perfeito, sem falhas, merecendo, acima de tudo, respeito. O idoso possui conhecimento que uma criança não tem, nem pode ter. A idade avançada torna muitos encarnados mais aptos a cultivar a paciência, a tolerância e até mesmo a preocupação de sentir o mais intenso dos sentimentos, o amor. Se a criança é egoísta por natureza, o idoso, quando desfrutou da vida honesta e balizada pelos mandamentos cristãos, saberá ser solidário e fraterno.

Por que não se tem o hábito de registrar os atributos positivos do idoso? Um dos motivos é a insistência de focar o lado materialista, concentrado na derrocada do invólucro carnal, algo que assusta e põe em estado de alerta quem envelhece e os que convivem com o idoso. O medo de ficar velho já representa uma trava para o entrelaçamento com idosos. Chega a ser ilógico esse temor, pois se volta a um estado inevitável, a menos que haja o desencarne prematuro. Há quem tenha mais receio da velhice do que da morte.

Não se nega que a senescência é capaz de provocar enfermidades incômodas, geradoras de enfrentamentos nem sempre vitoriosos, embora se deva ter em mente que nenhuma doença acomete o encarnado por mero acaso; ao contrário, vivencia-se um estágio necessário de aprendizado e de teste à coragem para vencer mais um obstáculo dentre tantos exibidos ao longo da existência material. Não se perca de vista, ainda, o acometimento de enfermidades em crianças e jovens, que também necessitam de confiança

e perseverança para enfrentá-las, algumas muito graves, passíveis de levar ao desencarne.

A diferença entre enfermos jovens e idosos concentra-se na *aparência* e no fator *esperança*; o primeiro representa a maior facilidade em lidar com o corpo da juventude do que com o desgaste ofertado pelo corpo envelhecido; o segundo cuida da falsa premissa de que o jovem tem um longo percurso pela frente, enquanto o idoso já está finalizando a sua trajetória. Não há término de jornada jamais, pois o Espírito é eterno; existem, sim, começos e finalizações de reencarnações com o objetivo de assegurar a evolução espiritual.

Há queixumes de quem envelhece, pois as perdas corpóreas se tornam mais aparentes, como o advento das rugas, dos cabelos brancos, da queda de cabelos, da modificação do tônus da pele, entre outras evidências de desgaste. São, entretanto, consequências naturais das alterações interiores do organismo em face do avanço da idade. Alguns fatores chegam a representar proteções aos idosos, como a diminuição dos sentidos e, também, da memória; em corpo consumido pelo tempo restam captações sensoriais harmônicas para que não se forme um desequilíbrio entre umas funções e outras.

Hábitos saudáveis, aceitação do transcurso da velhice e manutenção de laços afetivos são os mecanismos ideais para assegurar uma fase de autêntica regeneração espiritual. Nunca se deve perder de vista, outrossim, que a configuração de uma velhice salutar e estimulante depende da maneira como foi vivenciada a juventude e a maturidade. As agressões ao corpo físico e à mente podem desencadear males oportunistas na fase mais

adiantada da idade, quando a fraqueza geral se torna mais intensa, emergindo problemas de saúde que seriam contornáveis e dispensáveis. O jovem é responsável pelo seu envelhecimento em todos os sentidos.

Um outro aspecto relevante cinge-se ao comportamento da pessoa, valendo-se do seu livre-arbítrio, desde jovem até a fase adulta e desta à velhice; nem todos os idosos apresentam atitudes comportamentais negativas por causa do envelhecimento, mas simplesmente porque prosseguem nas errôneas condutas que sempre manifestaram. Então, não é a velhice a culpada por hostilidade, agressividade, teimosia, dentre outras falhas de personalidade, visto ser apenas a continuidade de quem já se expunha aos demais dessa maneira.

O que verdadeiramente envolve o ser humano é a necessidade de reforma íntima, visando desde cedo a contornar seus defeitos e depurar seus desvios, tornando-se pessoa mais sociável e bondosa. Com isso, por certo, atingir-se-á uma velhice pacífica e tranquila.

A imortalidade existe, mas não é do plano físico.

Capítulo XI - Rugas

RUGA, a tatuagem do tempo que expõe a idade avançada e a experiência acumulada. Nada mais visível que isso para indicar a chegada da velhice, que se entranha aos poucos no corpo físico, lenta e gradualmente, para explicar o adiantado da hora da vida. Se não decorrer dessa marcha inexorável dos dias, meses e anos, cuida-se da consequência do desgosto, da mágoa, do ressentimento, da contrariedade, da preocupação, da dor de alma, que, nos seus refolhos, estilhaça a placidez da pele, fazendo-se presente.

O enrugamento deveria ser visualizado com satisfação, pois se trata de um demonstrativo de missão em via de cumprir-se, e todos aqueles que almejam bem servir no seu labor sentir-se-iam honrados por terem conseguido já ter ido tão longe. Quantos podem atingir longa jornada pela crosta terrestre, possuindo maiores oportunidades de vivenciar a tão relevante reforma íntima? Quanto mais, melhor. É o que se passa no mundo atual, porquanto se eleva o número de idosos em decorrência de inúmeros fatores, mas, sobretudo, para conferir ao encarnado mais chances de viver e reviver todos os dias seus encantos e desencantos, revolver suas amarguras e atirá-las para o lado, prosseguindo sempre em frente rumo à autêntica passagem ao mundo espiritual.

Famigeradas carquilhas a tornar a existência aparentemente mais difícil, reduzindo a força física, oprimindo órgãos e despertando enfermidades antes inexistentes ou de rápida solução. Porém, não é a ruga a culpada de agruras naturais do envelhecimento; ela apenas sinaliza a realidade e o faz com bons propósitos, objetivando fixar o clamor da sabedoria, um dos aspectos que somente a idade pode proporcionar. Que não se confunda a sapiência da vida com a erudição do ilustrado; aquela preenche a imaturidade da alma e pode ser bem aproveitada por qualquer um, enquanto esta tem por fim fornecer instrumentos para profissões e igualmente à própria satisfação.

O idoso é, por natureza, um sábio da vivência no plano físico; as dobras de seu rosto refletem essa aura da experiência e ninguém as pode obter sem passar pelos caminhos tortuosos e complexos da existência terrena, cada qual com sua programação, repleta de provas e expiações. Viver é um desafio permanente; o franzido da pele retrata todos os dias vencidos para alcançar a linha de chegada.

Imagine-se que a cada instante de luta árdua em torno da boa vivência houvesse um sinal do tempo para apontar e registrar os sucessos e insucessos: eis o significado da ruga. Quem pretende mostrar-se mais jovem do que realmente é tem a tendência de afastar, por qualquer meio, a incidência das pregas do tempo instaladas no corpo físico; porém, nada mais conseguirá do que iludir-se por um certo período, negando justamente a marca da sabedoria, o que gera irresignação e, por via de consequência, sofrimento interior.

O vinco da idade avançada constitui a base sobre a qual se constrói a velhice tranquila, aceitando o avanço da idade como decorrência natural do fluxo natural da existência material, que termina e jamais será infinita no plano terreno.

Contra a ruga age a vaidade excessiva, fruto da empáfia desastrosa, pretendendo eliminar o registro da velhice, como se esta pudesse ser olvidada e descartada, algo impossível de acontecer. Então, deve-se incluir no cenário da reforma íntima o acolhimento pacífico dos sulcos do corpo, assimilando o passar do tempo como um percurso obrigatório para a libertação espiritual.

O desgosto por envelhecer gera um conflito interior capaz de produzir males físicos antes inexistentes, de forma a gerar mais sofrimento inútil, que poderia ser evitado.

As dobras do tempo constituem atestados de vida bem vivida; eis que chegar à velhice é uma vitória inestimável para a programação de passagem do Espírito pela crosta terrestre.

Ruga deve simbolizar sabedoria, experiência, conhecimento, sensatez.

Capítulo XII - Luto: a tristeza purificante

○ **LUTO** é um sentimento profundo de tristeza, que não representa nada mais do que uma oportunidade para qualquer pessoa manifestar a saudade de alguém que acaba de desencarnar. Cuida-se de um momento único, voltado a cada perda, que preferimos denominar despedida por um tempo, até que o reencontro possa ocorrer no plano espiritual. Não há nenhum mal em vivenciar o luto, desde que ele não se torne fonte de irrisignação e revolta, atraindo outros sentimentos indesejáveis como o ódio, a raiva e até mesmo a melancolia, capaz de gerar enfermidades como a depressão e outros males.

Para muitas culturas, o luto pode gerar rituais ligados a costumes e até mesmo à religião, devendo-se respeitar o grau evolutivo de todos os encarnados, visto que, aos poucos, todos estarão na mesma faixa de evolução e de vibração, motivo pelo qual esse pesar pela morte de outrem será amenizado e mais bem compreendido.

Tratar do luto nesta obra é consequência natural da maior probabilidade de haver desencarnes de pessoas idosas do que de jovens; logo, são também os mais velhos a vivenciar o luto de maneira mais amigável e, por via de consequência, constitui um autêntico direito ao sentimento de tristeza, para

que o idoso espelhe a saudade e coloque em palavras e gestos a sua dor, atenuando os aspectos interiores, de nível psicológico e emocional.

Aos familiares e amigos das pessoas mais velhas, que perdem com maior frequência os seus entes queridos, resta o apoio fraterno e solidário. Em particular, nos ambientes hospitalares, muitos idosos passam os seus últimos dias de vida material por vezes sofrendo muito — dores físicas e emocionais, merecendo obter todo o suporte indispensável para amenizar essa fase difícil. Se existem grupos de apoio a crianças enfermas, deveria haver, igualmente, grupos de apoio a idosos gravemente doentes, pois nas pontas da idade se encontram as maiores sensibilidades dos humanos.

Desencarnar sozinho, sem qualquer companhia de pessoa querida, é um evento triste a ser evitado, pois é um momento de despedida e todos desejam expressar alguma coisa, transmitindo uma mensagem, fazendo uma declaração, admitindo um erro ou manifestando uma alegria. Os sedativos dados pelos médicos jamais serão capazes de atingir o âmago do Espírito, razão pela qual é de se esperar que os idosos obtenham efetivo apoio de seus familiares e amigos nos seus derradeiros momentos.

As internações em Unidades de Terapia Intensiva colocam alguns obstáculos à despedida, mas isso se pode contornar com imaginação e boa vontade, pois uma palavra amiga pode ser proferida, um olhar afetuoso sempre é um bálsamo e qualquer toque permitido será sempre bem-vindo.

Quem tem uma relação estável de companheirismo de longa data precisa estar o mais próximo possível de sua companhia de tantos anos. Nessas situações, a troca de olhares significa, muitas vezes, um verdadeiro diálogo,

pois quem se conhece bem há décadas sabe tudo o que um olhar pode representar.

O luto do cônjuge ou companheiro(a) de longa data é especial, repleto de lembranças, cercado de avaliações de como foi a vida em comum e, por óbvio, indagações acerca do futuro; eis por que os que estão ao seu redor precisam transmitir-lhe esperança a fim de estarem juntos, unidos pelo que há por vir. A pior sensação de quem fica pode ser a solidão futura.

Velhice é uma fase da vida, assim como o luto consequente, de maneira muito mais efêmera; portanto, unindo os dois fatores, deve-se dar ao idoso *todo o apoio* possível, concentrado exatamente naquele período crucial do luto pela perda de um ente querido. Respeitar o luto é um dever cristão; apoiar o luto é um gesto de caridade.

Por certo, haverá a época, na fase de regeneração do planeta, na qual o luto perderá os tons mais escuros e ganhará o brilho merecido. A lembrança de quem partiu consistirá em motivo para uma celebração, a festa da despedida, pois haverá a crença firme de que o Espírito se dirigiu a um mundo melhor e para o seu próprio bem.

As pessoas, ao desencarnar, serão todas cremadas, pois as cinzas nada significam a não ser um resto material sem importância; o Espírito se desligou há muito do corpo físico e este não precisa experimentar toda a fase de destruição temporal até chegar ao mesmo final: pó.

A cremação é um procedimento rápido de desprendimento do corpo, que nada mais representa de útil, proporcionando a inúmeros Espíritos mais materialistas uma oportunidade mais significativa de desligamento do seu invólucro carnal. É o caminho indicado na atualidade, até que novas

tecnologias, possibilitando a rápida eliminação do corpo material inerte, absorvam a cremação e façam-no desaparecer em fração de segundos.

A fé é amiga do luto, pois fornece a quem sofre momentaneamente aquela despedida a força fundamental para enfrentar, no futuro, o seu próprio desenlace. Pode-se, pois, dizer que o luto ensina e prepara; a dor do presente será o conforto do futuro. Há, na verdade, uma troca importante: o luto hoje vivido por alguém que perde o ente querido será, depois, vivido por quem fica quando aquele partir.

Luto é reflexão; luto é tristeza natural, pois simboliza saudade; luto é amor, pois emite um sinal ao Espírito que parte de quem é muito querido; luto é momento de amadurecimento e preparo ao seu próprio desencarne; luto é tão positivo quanto qualquer *adeus* que se dá a quem parte para no futuro retornar.

O luto faz parte da existência material; não deve ser criticado nem coibido; precisa ser apoiado e solidariamente vivenciado ao lado de quem o experimenta.

Idosos passam pelo luto mais vezes que os jovens, como regra. É a natural ordem de idas e vindas da reencarnação. Quem ao lado deles estiver, apoie, vigie e ampare; não permita a solidão, nem a revolta; transmita amor e esperança. Assim ocorrendo, o luto se torna apenas um frugal instante na vida da pessoa mais velha.

Capítulo XIII - Histórias

1. SOLIDÃO

O velho do fundo

Abriu-se a porta daquela cabaninha situada no terreno ao lado da minha casa; mal dava para enxergá-la porque parcialmente coberta pelo mato abundante, cada vez maior conforme as chuvas castigavam a nossa região. Mesmo assim, curioso que só, estiquei o pescoço e fitei detidamente a abertura que empurrava a vegetação para o lado, constatando a saída de um velhinho magro demais, parecendo malnutrido, carregando um pacote nas mãos. Ele caminhou vacilante por uma estreita trilha figurando no matagal, como uma passagem cotidiana para chegar até a calçada. Ali, depositou aquele pacote e voltou ao seu casulo.

Corri para a rua e fui ver de perto do que se tratava; para a minha decepção, era somente um saco de lixo. Resolvi fuçar para saber o que um velho jogava fora; parecia não ter nada, de modo que nada poderia ser descartado. Abri cuidadosamente o pacote e notei algumas caixas de alimentos vazias, uns vidros de remédios também sem nada dentro, umas notas de compras amassadas e mais umas porcarias... Até que percebi um papel dobrado cuidadosamente, mas misturado ao lixo. Teria sido um

engano jogar aquilo fora? Abri e percebi ser uma carta. Coloquei-me a ler, matando a minha já robusta curiosidade.

Começava assim: *Querido papai...*

Papai? Aquele velho tinha filho?

Continuei e fui conhecendo um pouco mais da vida daquela estranha figura, morador vizinho com quem nunca tinha conversado apesar de tantos anos ali ao lado. Fiquei chocado, pois era uma carta de despedida, dizendo que não mais iriam se ver. Fui direto ao final: não era assinado por um filho, mas uma filha. Ela estava de mudança com o marido e uma neta para outro país e resolveu despedir-se do pai por carta, visto que não se falavam há vários anos.

Que triste isso — pensei. Minha adolescência era suficiente para compreender o sentido da missiva, embora não tivesse, em princípio, captado todo o significado daquele adeus. Guardei-a, cuidadosamente, no bolso da minha bermuda e fui para casa.

De certa forma aquele conteúdo abalou-me e entrei em casa cabisbaixo e pensativo.

— O que houve, Marcos?

— Nada, mamãe.

— Aonde você foi?

— Ali do lado, achei que o carteiro estava passando, mas me enganei. Vou tomar banho.

No chuveiro, refletindo, não conseguia entender o motivo de uma filha despedir-se do pai, para ir a um lugar tão longe, por meio de uma singela carta. Se estavam sem conversar há tanto tempo, seria a oportunidade ideal

para um reencontro. Acho que foi o banho mais demorado que tomei na vida, a ponto de irritar a minha mãe, que, como todas, questionou o gasto de água e tudo mais.

Durante o jantar continuei silente, o que não era o meu normal, despertando a curiosidade geral. Apesar da insistência dos meus pais e do meu irmão mais novo, nada contei e guardei para mim aquela estranha sensação que me absorvia.

O meu sono aquela noite foi agitado e acho que sonhei com o velhinho da cabana vizinha. Quando acordei, senti-me até culpado porque havia sonhado com alguém desconhecido; nem mesmo a sua face me era familiar.

Será que havia sonhado com o meu vizinho? Aquela percepção incomum causou-me dissabor e nem quis sair do quarto pela manhã. Fiquei deitado na cama olhando para o teto e pensando, sem saber o motivo de tanta agrura, no rompimento entre um pai e uma filha. Podia ser eu e meu pai ou minha mãe; podia ser meu irmão com meus pais ou comigo. Lacrimejei e segui perdido em reflexões desconexas.

Aproveitei o fim de semana, sem o compromisso da escola, para arriscar-me em algo com o que nunca havia lidado antes e significava enfrentar a minha bisbilhotice aliada ao destempero que aquela intromissão na vida alheia tinha despertado em mim.

Coragem — pensei. Vá adiante — incentivei-me —, é isso mesmo que você quer.

Não segurei mais meu ímpeto e corri para o muro lateral, subi e me sentei ali no alto, bem aprumado e fitando a cabaninha. Nunca tinha notado como era pequena, mas até graciosa, pois tinha janelas redondas ao lado de uma

maior, que fica bem no centro. O telhado era todo vermelho, onde refulgiam os raios solares cegando quem o fitava detidamente. Acho que o velho não sofria com o frio, nem com a falta de luz, o que me confortou. Estava nutrindo certa empatia pelo vizinho desconhecido e isso era fruto daquela carta que havia lido na véspera; algo me impulsionava a ir até lá para falar com ele, sei lá, dizer alguma coisa.

Nesse momento, a porta se abriu novamente e o morador apareceu. Fiquei imóvel como uma estátua pregada no muro, sem conseguir me mexer, ao mesmo tempo que meu coração disparou e comecei a transpirar, sentido pingo após pingo escorrendo na minha testa.

Ele saiu da cabana e dirigiu-se aos fundos, onde reparei existir outra pequena construção. Desci do muro para dentro do quintal do velho e logo me perdi no meio daquele mato alto, pensando de pronto na razão de ninguém o ter cortado. Só pode ser coisa de preguiçoso — imaginei.

Separando a vegetação com as mãos, seguindo o rumo ditado pelo meu instinto, acabei chegando ao — quem diria — galinheiro. A surpresa me abateu, visto nunca ter ouvido um som de galinha até então. Seriam galinhas velhas e mudas? Não importava, pois o meu objetivo era entender o que fazia aquele morador ser tão isolado e nunca ter antes conversado com ele. Observei-o alimentando as galináceas, momento em que derrubei uma lata, chamando a sua atenção.

Calmamente, ele se virou para mim.

— Ei, garoto, o que faz aí?

— Nada não... Quantas galinhas o senhor tem? — tentei mudar o foco da conversa.

— Por que está me observando? Você é meu vizinho?

Como ele sabia? — pensei.

— Sim, senhor. Achei que precisava de ajuda para... alimentar os frangos
— inventei às pressas.

— Não, obrigado, mas pode ficar olhando. Não me incomoda.

Numa simbiose esquisita, ali fiquei até ele terminar o serviço. Mudos os dois.

— Pronto, terminei. Você quer entrar e tomar um refrigerante?

Bambeou minhas pernas aquele convite, mas não titubeei e concordei. Entramos e, sentados em torno de uma mesa redonda colocada num canto da saleta, o velho foi bem direto:

— O que você quer exatamente?

— Eu? Nada não... Acho que tinha curiosidade para conhecê-lo.

— Por quê? Nunca deu as caras antes e sei que me observa da janela do seu quarto sempre que pode.

Era verdade, pois sempre fui assim, digamos, curioso.

— Sei lá, achei que seria interessante vir até aqui para falar com o senhor. Até sonhei com o senhor esta noite... — achei que isso quebraria aquele gelo pairando no ar.

Mas a idade, algo que aprendi naquele momento, é um detetive de alma e descobre tudo com imensa facilidade.

— Está com remorso?

Ishhh — pensei — ele me viu mexendo no lixo. Senti que mentir não iria adiantar nada, pois o velho sabia até que eu ficava do meu quarto acompanhando seus passos.

— Talvez esteja arrependido de ter aberto o seu lixo... Desculpe-me. Mas não foi por isso que vim até aqui.

— E qual o motivo?

— Quis devolver-lhe esta carta — tirei do bolso e entreguei-lhe o papel.

Ele me fitou, desconfiado.

— É que deve ter jogado fora por engano. Dei uma olhada e vi que é da sua filha, quer dizer, acho que é dela. O senhor tem uma filha?

Seu olhar de apreensão deu lugar a uma expressão entristecida.

— Sim, tenho. Eu mesmo joguei fora a carta. Já que você leu, deve saber o conteúdo e a despedida foi feita. Para que guardar isso? Nunca mais vou vê-la outra vez.

O laconismo do velho não prejudicava a nitidez da sua afirmação, tampouco a lamúria das suas palavras; captei aquele sentimento de maneira instantânea como se já o conhecesse há muito tempo, sem nem entender o porquê.

— O senhor tem razão de ficar triste, afinal, ela foi embora do país e deveria ter-se despedido pessoalmente. É o que eu acho... Sabe, fiquei inconformado com isso e passei muito tempo pensando sobre o que aconteceu. Por que o senhor não falava com ela?

Ele me encarou, intrigado e perguntou:

— Mas por que quer saber?

— Porque... porque... porque acho estranho um pai não falar com a filha por tanto tempo. Acho errado.

Arrisquei-me a ser mandado embora, mas tentei ser sincero.

— O que você sabe de ser certo ou errado?

— Ah, certo é o que a gente deve fazer, errado é o que não deve.

O velho sorriu pela primeira vez e completou:

— É uma definição simples, mas verdadeira. E você acha que eu sou o errado?

— Não sei. Foi o senhor que parou de falar com ela?

— Nem sempre quem para de falar com outra pessoa é o errado. Sim, fui eu que parei.

— Por que fez isso?

Ele crispou a testa e balbuciou:

— Bom... é que... ela não vinha me visitar há muito tempo...

Eu fiquei silente e continuei aguardando a explicação.

— Então eu achei que não se importava comigo e, um dia, quando telefonou, eu disse que não queria mais falar com ela. Acha que fiz errado?

Na hora, respondi que sim.

— Você é muito jovem para entender essas coisas de adultos.

— Mas parar de falar com alguém não resolve nada. Assim diz minha mãe, acho que é por isso que ela aguenta as coisas erradas que meu pai faz... (risos)

— A gente fica velho e tudo fica mais difícil. Creio que a gente fica impaciente... deve ser isso. Mas não justifica ela ir embora do país sem nem passar por aqui para se despedir. Mandou uma carta, uma simples carta.

— É... essas coisas de adultos eu não entendo mesmo. Mas por que o senhor não escreve de volta e diz que sente falta dela? Já é alguma coisa.

Ele baixou a cabeça, voltou-se na direção da geladeira e indagou se eu queria um refrigerante, o que aceitei. Abriu e colocou no meu copo. Depois

concluiu:

— Um empurrãozinho sempre é bem-vindo. Vou pensar no que me disse. Talvez escreva a ela e, pelo menos, a nossa separação não fica tão dolorida.

Tomei uns goles e, no auge da minha eloquência, disse:

— Isso! Acho ótimo! Vocês vão se entender, tenho certeza.

O velho ficou surpreso.

— Por que tanto interesse?

— Não queria que isso acontecesse comigo... Fiquei pensando que não deveria acontecer com ninguém.

— Gostei do seu modo de pensar, apesar de ser um rapazote ainda. Seus pais sabem que veio aqui?

— Não sabem, mas vou contar. Meu pai gosta de saber tudo o que eu faço.

— Agora sou eu que aplaudo. Faz muito bem. Conte aos seus pais a ajuda que você deu a este velho vizinho. Seja como for, eu só posso te agradecer.

Levantei-me, orgulhoso de mim mesmo, agradei o refrigerante e já ia sair quando ele perguntou:

— Quer ganhar uns trocados?

Fiz um olhar de interrogação.

— Para cortar o mato do meu quintal. Às vezes, acho que vai engolir a minha casinha.

Com isso eu concordava plenamente.

— Sim, também acho. Vou falar com meu pai e, se ele deixar, eu retorno.

No caminho para casa, senti-me realizado, um sentimento de satisfação que nunca havia experimentado antes. Pensava na boa ação que devo ter feito. Não sei se ele vai mesmo contatar a filha, mas sei que acabava de estabelecer uma aproximação, ao menos, com seu vizinho e não vai mais ficar tão sozinho.

Aquele velho do fundo da minha casa não era tão estranho assim; estava muito sozinho e isso não deve ser bom para ninguém.

2. AMIZADE

Tudinho com carinho

Seus cabelos bem branquinhos despontavam na janela frontal do asilo situado naquela via movimentada da cidade interiorana, enquanto os passantes nem mesmo percebiam que ali estava, todos os dias, a mais antiga moradora.

Era Dona Amelinha, que gostava de falar tudinho no diminutivo, porque achava que isso simbolizava o carinho que ela poderia demonstrar a todos que a cercavam. Tão velhinha e ainda assim compenetrada em ser afetuosa, o que significa bastante em ambiente tão solitário como muitos asilos se inserem.

— Amelinha, você está fiscalizando a rua de novo? — perguntou, sorridente, a amiga Matilde.

— Ah, sim, Matildinha. Todos os dias eu preciso fazer isso para garantir a segurança do trânsito... (risos)

— Mas você está olhando mais para o horizonte do que para os carros que passam.

— É verdade. Ali no finzinho da linha do horizonte eu consigo enxergar um pedacinho do meu passado. Tenho saudade de casa, da minha casa, onde me sentia dona do meu cantinho e, sei lá, parecia que era mais livre e feliz. Gostava de cuidar das minhas plantinhas, alimentar meus gatinhos e conversar com aquelas pétalas lindas das flores do meu jardimzinho. Era um sonho...

— Tudo que passa parece que foi muito bom, mas às vezes era só ilusão. Ou talvez a vida tenha ficado pior e a gente se baseia no passado para pensar que um dia fomos felizes; isso nos compensa e nos dá força para continuar.

Amelinha observou o entristecido olhar da amiga e se compadeceu.

— Pode ser, minha amiga, mas o nosso trajeto agora é definido e certo. Vamos nos encontrar com Deus e seus anjinhos em breve e temos que estar alegres para ouvir a música que virá do céu. Não lhe disseram isso?

Matilde, conhecendo o otimismo da companheira, sorriu e silenciou.

— Sabe, eu tenho até saudade da faxina que eu mesma fazia em casa. Cozinhava para mim e criava pratinhos bem gostosos, lavava os pratos e nunca reclamava de nada, era o meu dia a dia. Sei que muitos não acreditam nisso, mas é a mais pura verdade. Cantava sozinha, quer dizer, acompanhada da vitrolinha ou do radinho.

— Amelinha, você é especial. Eu não tenho nada de bom para lembrar, a menos que me iluda; a minha casa foi tomada pelo meu filho e sua mulher, que ali se instalaram com os netos e eu fui jogada num dos quartos, para depois ser esquecida. Eles moravam no mesmo teto e nunca iam me ver, você acredita? Mandavam a empregada levar meu almoço, meu jantar e

nem deixavam que eu comesse com eles na sala de jantar. Sala da *minha* casa. Ai, que ódio eu tenho.

— Oh, minha querida amiguinha, deixe isso de lado, já foi embora, o passado levou. O seu coraçãozinho merece mais que isso, merece amor, merece amizade, merece viver em paz. Não se atormente pelos erros dos outros. O que eles ganharam agindo assim? Pode estar certa que um dia terão remorso e vão precisar do seu perdão.

— E eu não darei, não desculpo essa maldade que fizeram comigo. O meu marido deixou a casa para mim e eles disseram que também era deles, ocuparam tudo e me isolaram. Mas, veja só, amiga, não foi suficiente, acabaram me trazendo para cá.

— Graças a isso, você me conheceu... — arrematou, esboçando um largo sorriso, desarmando a amiga.

— Verdade. Tenho que agradecer a Deus por tê-la encontrado, nem sei o que será de mim se você partir antes... Não faça isso, hein?

Sorrindo, as duas se abraçaram aproveitando o pôr do sol.

— Tenho uma curiosidade. Desde que te conheci, noto que você gosta muito de usar o diminutivo das palavras. Por que faz isso?

Amelinha pensou um pouco, olhou serenamente para Matilde e disse:

— Porque é a forma mais fácil que eu arranjei para sempre ter palavras brandas e suaves dirigidas aos outros, mesmo quando estou triste ou até com raiva de alguma coisa. O diminutivo espelha carinho. Aprendi isso com a minha avó e nunca mais esqueci. Você sabia que muitas de minhas amigas, assim como eu, foram batizadas com o nome no diminutivo? Era comum. Pena que não se faz mais assim.

De modo desafiador, ela redarguiu:

— Mas você há de ter alguma *magoazinha* para carregar consigo. Não tem?

— Você sabe que sim. Meus filhos, são apenas dois, não vêm me ver, assim como os seus. Somos iguais nesse ponto, embora eu não tenha ódio em meu coração, vez ou outra bate uma raiva da vida e logo passa. Por isso mesmo que era feliz quando morava sozinha e tinha o meu cantinho com as minhas coisinhas. Não precisava pensar em solidão, nem ligava para a ausência de visitas frequentes; eles apareciam de vez em quando, Dia das Mães, Natal, por vezes, algum aniversário. Era assim a minha vidinha, mas eu gostava. Você, como eu, perdemos os nossos companheiros muito cedo e tínhamos um bom casamento, um querido amigo ao nosso lado; filhos não são amigos, são apenas filhos e, quando a juventude chega, o ímpeto de viver intensamente a vida é muito forte. Eles somem no mundo como se fossem os seus donos, respeitam quando muito o patrão; alguns dão valor aos pais e aos avós e isso tudo depende da criação que a gente dá a eles, mas também do interesse. Quantos não usam a pensão que os aposentados têm para sobreviver?

— É, jovens são mesmo interesseiros.

— Acho que exagerei um pouco, nem todos são assim. Os meus filhos infelizmente são. Nem vou criticar, pois o pai os criou desse jeito, voltados para ganhar o mundo e vencer a qualquer custo, só que esse custo é muito dinheiro e pouco amor. Nunca concordei com essa visão, mas a gente é mulher e só consegue dar mesmo amor demais, aceitando tudo para não criar desarmonia.

— Se tivesse falado mais, talvez eles não fossem assim tão materialistas. O meu filho é coisa ruim mesmo, porque meu marido e eu nunca fomos desse jeito. Tentamos criá-lo num lar harmônico, mostrando o lado espiritual como o principal, mas a escola é fogo, minha amiga, cria umas amizades que levam o filho embora, construindo um mundo paralelo ao nosso e incentivando a dar muito valor ao dinheiro.

— Matildinha, não é culpa de ninguém. No fundo, nem meu marido levou os nossos filhos ao materialismo, nem a escola e os amigos levaram o seu. Este mundo onde vivemos é assim. Tudinho tem um preço.

— Um precinho... (risos)

— Pois certo, um precinho, que pode ser bem caro.

— Nessas horas, preferia sofrer de Alzheimer, aí esqueceria tudo.

— E daria mesmo certo esquecer tudo? Acho que a gente ficaria sem raízes, daria um branco na cabeça, como a Mariazinha... Ela não se lembra de quase nada da família, mas o mais irônico é que os filhos vêm vê-la com regularidade. Tudinho esquisito, né? Quem recebe visita não se lembra de quem vê. A gente, ao contrário, nem tem a sorte de se lembrar, pois não vemos ninguém.

— Somos muito amigas por isso mesmo. (risos)

— Sem dúvida, sem dúvida. E temos a sorte de fazer novas amizades depois de tão velhinhas. As mocinhas cuidadoras são boazinhas e nos tratam muito bem. Admiro o trabalho delas. Não sei se eu conseguiria ser tão gentil com pessoas estranhas.

— Amelinha, você é muito meiga com todos. Ninguém reclama de você, acho que é por ser a mais antiga moradora aqui.

— Verdade, eu inaugurei este recanto para idosos. Foi bom porque dei várias opiniões para melhorar tudo por aqui.

— Podia ter melhorado a sopa da noite... ai, Deus, muito rala, ou como você prefere, ralinha.

— Dizem que é para a gente não ter trabalho de mastigar e ter uma digestão noturna mais fácil. Tudinho tem uma explicação. (risos)

— Você enxerga *tudinho* de forma positiva... tem dó.

— Que nada, acho que me protejo apenas, fico dentro do meu mundinho aqui, esperando o tempo passar e ele vai rápido, até o dia em que eu não consiga mais pensar direito ou adoeça a ponto de nem me preocupar com o passar das horas. Mas, minha querida, esse é o destino de todos nós, seja neste asilo, seja em casa, seja com os filhos, enfim, envelhecer é o caminho final da nossa vida. Não é?

— Tem razão. O *finzinho* é *igualzinho* para todos.

A noite caía e as amigas foram interrompidas por uma cuidadora, pois havia chegado a hora do jantar. Elas se abraçaram e foram juntas para o refeitório. Sem mágoas, pois tudinho daria certinho, diziam sempre.

3. VIDA

Pensar mais, viver menos

Ernesto tinha o hábito de caminhar pelo parque situado próximo à sua casa e saía paramentado, com sua bengala e seu chapéu, além de um terno bem cortado, com camisa engomada e uma gravata com nó perfeito. Fizesse sol ou chuva; calor ou frio, ali estava ele todas as manhãs, passeando.

Quem imaginasse que o objetivo era uma caminhada para manter a boa forma física ou mesmo a saúde enganava-se, pois o que ele gostava mesmo de fazer era perscrutar a vida alheia. Tinha o costume, desde jovem, de buscar o sentido das coisas, especialmente da vida. Perguntava-se *por que viver; para que viver; qual o significado da vida*, enfim, sentia-se compelido a entender o porquê da vida, a tal ponto que não mais bastava a sua, mas envolvia a dos outros, conhecidos ou estranhos.

Com esse vezo distanciou-se de amigos, porque queria *compreender a razão de cada amizade* e, se não entendesse, tendia a imaginar algo prejudicial a si mesmo, optando pelo afastamento; um amigo era uma caixa de surpresas permanente para ele, algo que o desafiava dia após dia, até que obtivesse algum dado mais concreto. E não era apenas isso, vez que utilizava o mesmo critério investigativo no cenário familiar. Quando pequenino, era muito curioso e jamais aceitava uma orientação sem indagar o porquê; dos dois irmãos guardava certa distância, pois os via mancomunados contra ele, como se desejassem sempre tirar algum proveito do que era seu; chegou a confiar nos pais até o final da adolescência, embora na fase madura da vida se tenha afastado porque os considerava muito *alienados* e ingênuos, afinal, viviam por viver, sem muito compromisso com o significado do que faziam.

Diplomou-se, conseguiu um bom emprego, sempre detalhista e compenetrado no trabalho galgou bons postos na empresa e vivia sozinho; mais que isso, era solitário por opção. Resolveu dedicar sua existência a investigar o significado da vida.

Acontece que os dias voam, os anos passam, a maturidade vai-se e a velhice logo chega. Ernesto pensou e refletiu demais sobre si mesmo e sobre os outros e deixou de viver. Um dia, chegou à conclusão de que precisava partilhar suas fecundas ideias com alguém, optando por um profissional, razão pela qual começou terapia.

— Pensou demais esta semana, Ernesto?

— Como sempre, Matias, como sempre. Você está bem? Parece-me pálido. Teve algum dissabor?

Conhecendo o paciente, o terapeuta não se abalou.

— Estou bem, nada me aconteceu de mal. Tive uma semana agitada, apenas.

— Mas por quê? A agitação prejudica a saúde e não tem razão de ser, mormente para um profissional bem-sucedido como você.

Matias já conhecia o método inicial da conversa semanal. Principiava-se numa análise feita por Ernesto a respeito da vida de seu terapeuta, que apreciava investigar também e lhe era permitido, até porque fazia parte do tratamento.

— É verdade, Ernesto, você me conhece muito bem. Estive agitado e, com isso, dormi mal alguns dias, não conseguindo manter a boa alimentação, talvez por isso esteja um pouco pálido.

— Ah, logo vi, tinha que haver um porquê.

— E você? Como passou?

— Estive refletindo bastante sobre a minha vida na atual fase, afinal já passei dos sessenta. Será que ser e viver sozinho é uma boa opção? Será que

abdiquei de ter uma família porque fui e sou muito egoísta? Comecei a julgar-me severamente e isso, admito, tirou-me o sono. Você acha normal?

— Ernesto, o que é normal e o que é anormal? Acho que já chegamos à conclusão de ser uma visão muito estreita da vida classificar situações do cotidiano como *normais* ou *anormais*. São *flashes* da nossa existência; qualquer um deles tem sempre uma razão de ser. Você quis viver sozinho porque achou melhor, por se sentir mais adaptado assim. Não há nada de anormal nisso.

— Mas, segundo dizem estudos religiosos, a gente deve formar uma família; seria parte do carma de todos os seres humanos e quem não o fizer está infringindo as leis de Deus, respondendo por isso após a morte. Então, passei a me preocupar com essa situação, visto que vivo para mim mesmo há muito tempo... Acho que visito pouco os meus pais; nem falo direito com meus irmãos. Sou esquisito por causa disso? A velhice é tão solitária assim?

— Não é a velhice que é solitária, você é uma pessoa solitária por opção. Desde jovem seguiu esse caminho, agora está mais velho e continua sendo o mesmo de sempre. Não há que se culpar por isso.

— Mas serei castigado depois da morte?

— Bom, Ernesto, essa pergunta não me cabe responder. Depende da sua crença e não é o nosso objetivo discutir isso.

— De todo modo, não posso reclamar da vida, pois tive uma infância muito boa, fiz tudo o que uma criança podia fazer; brinquei bastante, pratiquei esportes, gostava de festas e até me relacionava bem com amigos e com os meus irmãos. Mas... de repente, tudo mudou e eu fiquei mais

sério, mais julgador, mais seletivo. Foi uma guinada na minha história, pois gostava de encontrar um sentido para tudo o que eu fazia e o que faziam comigo. Acho que por isso aprecio caminhar pelo parque olhando para as pessoas e imaginando que vida levam e principalmente *por quê*. Acha loucura isso?

— Nem loucura, nem anormalidade, mas o seu modo de ser e agir. Está satisfeito consigo? Sente-se bem? Então, prossiga. Porém, você sabe como eu penso e já lhe disse várias vezes: você pensa demais e vive de menos. Temos que ser mais espontâneos na vida; não há nada de errado em simplesmente viver, sem julgar tudo e todos a cada momento, a cada contato, em cada relacionamento. Todos somos certos e ao mesmo tempo errados, porque somos humanos. Não é mais fácil viver assim?

— Não sei, algo me diz que estou errado, que sou solitário demais, não sei bem... Algo dentro de mim questiona essa minha tendência de ficar observando a vida dos outros e tentando imaginar como se passa, se há felicidade, se há tristeza, sei lá, se é melhor que a minha ou mesmo pior. Por isso, caminho pelas alamedas do parque próximo de casa, sempre elegantemente trajado, é claro... (risos) Acredito que vivo um pouco a vida dos outros. Por isso, acho que tem razão, eu vivo *de menos*. Mas agora estou muito velho para mudar.

— Ernesto, passar dos sessenta anos não significa *ficar velho*; você está com mais idade, embora sempre possa ter e implementar novas ideias e projetos para a sua vida. Nunca é tarde para nada. Por que não tenta reconstruir seus passos e procurar apoio em outras pessoas? Pode começar por sua família. Que lhe parece?

Um longo silêncio se fez presente, interrompendo o diálogo. Matias respeitou o tempo implicitamente solicitado por Ernesto para reflexão. Foram alguns minutos que pareciam horas para os dois, sentados frente a frente, sem proferir palavra.

— Acho que meu tempo esgotou...

— Sim, vejo-o na próxima semana?

— Sem dúvida.

Ernesto saiu pensativo e dirigiu-se à casa de um de seus irmãos. Passou pela frente, viu uma luz acesa num cômodo frontal, imaginou quem ali poderia estar, o que faria e como o receberia se tocasse a campainha. Rodou de um lado para o outro e desistiu do contato, dirigindo-se para a via pública mais movimentada para alcançar uma condução e voltar para casa.

No caminho de retorno, lembrou-se da infância, das brincadeiras com os irmãos, dos conselhos dos pais, dos móveis da casa e de várias outras cenas do seu passado. Mesmo inquieto com a voz interior a lhe dizer para retomar o convívio familiar, preferiu tornar à segurança de seu autoexílio.

O avanço da idade nem sempre representa uma abertura de sentimentos, provocando um revolvimento positivo de emoções; pode significar, ao contrário, um declínio ainda maior quanto às posições pessoais adotadas durante a fase madura, acarretando um isolamento imposto a si mesmo.

Há idosos, como Ernesto, que vacilam em abrir-se para o mundo, muitas vezes por temer a rejeição ou a crítica alheia, porém isso pode ser somente a consequência do hábito até então desenvolvido e não algo que advém por conta da idade mais avançada. Em suas mentes ferve o passado,

fomentando imagens que não voltam mais, razão pela qual o caminho ideal seria renovar o futuro, recriando projetos e colocando-os em prática.

Pode ser mais difícil alterar o comportamento em fase adiantada da vida, visto existirem mais questionamentos e obstáculos naturais, embora nunca seja impossível, seja qual for a situação concreta do seu cotidiano. O postulado sempre presente é *viver bem* consigo mesmo acima de tudo; fazer o que seu coração indica como certo, embora deva haver o cultivo da resignação e da humildade para atingir todos os objetivos ainda não alcançados naquela reencarnação.

A reflexão precisa auxiliar o progresso e nunca servir à prostração ou à falta de viço para procurar pelo novo, pelo inédito, por algo que possa trazer contentamento, rompendo barreiras inúteis, condutoras à solidão, algo que Matias buscou transmitir a Ernesto: pense menos, viva mais.

4. MUDANÇAS

Velho empoderado

Ser o *dono da situação* é algo cativante para a vaidade humana e extremamente afável para o ego, fomentando o orgulho e alicerçando o egoísmo. É muito difícil livrar-se dessa imensa armadilha, que aprisiona muitos encarnados durante a fase madura da vida; pior ainda quando a chama do poder nasce já na fase da juventude.

Passando pelos 50 anos, lidando com o domínio de si e de terceiros, sem que se cultive, paralelamente, a humildade, a modéstia e, acima de tudo, o equilíbrio, a tendência é chegar a idades mais avançadas sentindo-se empoderado.

As refeições em família deveriam ser momentos de descontração e de entrosamento, mas nem sempre assim se dá, tudo a depender das personalidades — e de sua contenção ou exposição — sentadas à mesa.

— Chegamos à parte mais doce do nosso almoço e vamos nos deliciar com a famosa torta da Dona Vevé... Hmmmm, água na boca. E o primeiro pedaço vai para?

Arthur levanta os olhos do prato, fita fixamente sua filha, ajeita os óculos e profere com perfeita naturalidade, levantando o dedo indicador:

— Naturalmente, para mim, aquele que paga as contas nesta casa.

Todos estavam acostumados com o avô e sua prepotência, há muito conhecida, com a qual haviam de lidar todos os dias; ninguém estranhou, embora alguns sempre tentassem, de algum modo, manifestar sua irrisignação.

— Vovô falou, ninguém questiona... (risos) — proferiu o neto mais velho do alto de seus 16 anos.

— Que bom haver alguém sempre antenado — é assim que se fala? — nesta casa, reconhecendo as situações mais óbvias, que, aliás, nem precisariam ser objeto de indagação, não é minha filha?

Ela sorriu de maneira forçada, mas balançou a cabeça afirmativamente. O genro não se pronunciava, ao contrário, preferia evitar a sobremesa, sempre com a desculpa de gastrite e seguir para a cozinha, onde tomava, em paz, um cafezinho e depois partia para o trabalho.

O avô, com sua empresa, acostumou mal a filha única desde cedo, dando-lhe tudo o que sempre queria, a tempo e hora, mas exigindo-lhe subserviência absoluta. Quando chegou a hora do casamento, ela convenceu

o futuro marido a morar na mansão onde passou sua infância e juventude; o comodismo falou mais alto e eles se acostumaram às boas coisas materiais. Foram ficando e anulando suas personalidades para encampar todos os gostos do *velho empoderado*, como a ele se referiam. A avó falecera pouco depois do matrimônio e a dominância de Arthur somente cresceu.

O tempo acelerou o seu passo e, algumas crises econômicas depois, levou a empresa do poderoso comerciante à bancarrota. Mudaram-se daquela imensa casa e foram para um lugar menor, agora sob sustento do genro, reservando a Arthur um dos quartos.

O desgosto tomou conta da família por razões variadas, embora a esperança de uma vida melhor tenha prevalecido e o casal, sempre disposto a aprender com erros pretéritos, soube passar uma boa mensagem aos dois filhos, caminhando juntos para a estabilidade.

Quem realmente perdeu seu posto de mando foi o velho Arthur, que, inconformado, passava dias e dias trancado em seu quarto por opção própria. Imaginava-se humilhado e acreditava que seria vítima de agressões por parte de quem no passado o feriu no seio da sua família. Porém, alguns enganos são prodigiosos e salutares. Eis que um dia finalmente concordou em jantar com os seus. Ao final da refeição, na qual reinou um silêncio providencial, chegou a hora da sobremesa e a filha, de posse de um bolo, que ela mesma fez com muito carinho, anunciou:

— É o momento da delícia do dia, com muito glacê e morangos bem doces. O primeiro pedaço vai para?

O idoso Arthur baixou a cabeça e não ousou encarar nenhum dos presentes à mesa, quando, para a sua surpresa, o genro proferiu:

— Para o vovô Arthur, que sempre pagou as contas da nossa família, permitindo-nos chegar aonde estamos hoje, com a graça de Deus.

Levantando os olhos arregalados, o velho fitou os presentes e não conteve uma lágrima insistente, que escorreu pelas rugas da face.

Os netos aplaudiram a atitude do pai e logo cortaram o pedaço para colocar à frente do avô, mostrando que os bons exemplos nascem mesmo de casa.

Ninguém falou mais nada e todos comeram a sobremesa.

A partir daquele dia, Arthur passou a sair de seu isolamento, convivendo com seus familiares e procurando recuperar todo o tempo perdido, quando agia despoticamente, julgando fazer o certo somente porque arcava com as despesas da casa.

O ponto fundamental, que mudou tudo naquela relação complexa e difícil, chama-se *perdão*. Tão simples de ser exercitado por meio de um gesto ou de uma simples frase, sem colocar a outra pessoa em posição humilhante, mas muito raro de ser praticado com o coração aberto. Um toque de sensibilidade no momento certo é capaz de mudar uma vida inteira, porém é indispensável que, de parte a parte, todos os envolvidos estejam receptivos a essa reforma interior. Arthur estava e empoderou-se de amor na fase mais sensível de sua vida.

5. ATUALIDADE

Exercitando o Espírito

— Sua idade?

— 55 anos... Preparando-me para ser um velho enxuto e saudável. (risos)

— O senhor está muito bem, não lhe daria mais que 40.

— Calma, deixe por menos, você já conquistou um aluno para a academia. A propósito, existem muitos como eu aqui?

— Como o senhor?

— Sim, os *quase velhos*... (risos)

A recepcionista não resistiu e chegou a rir, o que não lhe é permitido fazer.

— Não, o senhor não é velho. Mas, mesmo que fosse, nossa academia preza muito pelas pessoas de idade avançada, que podem ter um desempenho excelente para o aprimoramento da saúde.

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Bem, não sei lhe dizer ao certo, mas são poucos. Gostaríamos que fossem muitos, embora não seja a realidade. Acho que as pessoas idosas não gostam muito de academias.

— E tem razão. Vocês precisam reservar um espaço apropriado para os idosos, diferente dos jovens, porque sempre há a comparação e isso inibe os mais velhos.

— Entendo o que o senhor diz, mas a política da empresa é justamente oposta. Pretendemos integrar as pessoas a ponto de não existir esse tipo de separação ou até mesmo de discriminação. Cada um que faça o seu plano de exercício do modo planejado, de acordo com a sua idade e as suas condições físicas. Não lhe parece o mais adequado?

— Adequado, sem dúvida, mas seria o mais indicado? É por isso que vocês ainda não têm muitos idosos por aqui. Bom, eu serei o primeiro *quase idoso* a integrar os quadros e vou incentivar outros a virem comigo.

— Faz muito bem. Eu, particularmente, sou uma neta muito ligada aos meus avós e encaro a velhice de maneira muito positiva, acreditando que eles me dão um suporte emocional incomum e que têm muitos conselhos a me passar sempre que preciso. Amo meus avós e gostaria muito que eles se exercitassem aqui.

— Por que não os traz?

— É muito caro. Eles não podem pagar e eu não posso custear a mensalidade. Um dia, quem sabe, conseguirei fazer isso.

— Você é uma neta nota dez; espero que, no futuro, algum de meus filhos pense como você.

Ela sorriu e terminou de preencher as minhas fichas. Enquanto aguardava a minha carteirinha, lembrei-me de como tudo mudou de uns anos para cá. Hoje, aos 55 anos, posso matricular-me em uma academia e buscar um progresso físico, a fim de manter a saúde. Tempos atrás isso não existia e vários idosos, embora a qualidade de vida fosse melhor, não tinham acesso a certas modernidades importantes, como o exercício corporal.

Será que os cabelos brancos não são mais símbolo da velhice ou a sociedade contemporânea lida melhor com eles? De tudo um pouco. Os idosos estão em maior número do que no passado; em parte, pelo avanço da medicina, mas também pelo acolhimento social nas variadas atividades comunitárias. Sinto-me um pré-idoso, mas feliz, porque poderei exercitar-me em público como qualquer outra pessoa.

— Pronto, a sua carteira está pronta. Seja bem-vindo.

— Sinto-me bem acolhido e observo que há alguns *idosos* como eu ali, treinando.

— Sim, há vários... Não tanto como gostaríamos, mas eles estão presentes e preocupados com a saúde física e mental. Acho fantástico!

— Você pensa assim porque estima muito os seus avós, mas nem todos os jovens têm a mesma visão em relação às pessoas mais velhas.

— Sou obrigada a concordar com o senhor. Muitas amigas minhas querem distância dos avós; dizem que velhos fedem e só dão trabalho; são crianças maltrapilhas e sem educação. Odeio isso. Tento argumentar, mas não consigo e fico consternada.

— Você é jovem e tem a sorte de ter avós vivos e participantes da sua vida. Mais que isso, você ama seus avós e transforma esse amor em gestos e atitudes, recebendo, naturalmente, a contrapartida deles. Essa integração é rara, infelizmente, nos dias de hoje. Muitos jovens, vazando a prepotência da idade, desprezam os mais velhos porque se julgam conhecedores de tudo. Na minha visão, quem desdenha dos idosos têm a nítida propensão a maltratar crianças, visto que as pessoas vulneráveis lhes parecem obstáculos à boa vida. Um dia, em aula, ouvi de um professor que a boa vida pode ser uma grande armadilha, retirando do nosso horizonte a real necessidade humana, que é o aprimoramento interior. Essa tal *boa vida* nada mais é do que um reflexo muito negativo do materialismo.

A recepcionista fitou-me com certa surpresa e disse:

— Nossa, o senhor falou como o meu avô, embora com outras palavras.

— Acho que é um discurso uniforme dos mais velhos — levei na brincadeira.

— Não, não é. Acho que é verdade. Somos muito egoístas na essência e despejamos essa carga toda na juventude, como se ela fosse eterna. Não são

poucos os colegas de trabalho e de escola que sempre me dizem ter horror à velhice... Mas eles falam de um modo tão contundente que parece que nunca ficarão velhos. É impressionante.

— Você é muito esclarecida para a sua pouca idade. Mais uma vez, creio que é fruto positivo do contato promissor com os seus avós. Nem todos, minha cara, tem essa oportunidade na vida.

— O senhor está sendo muito leniente. Há vários jovens como eu que simplesmente desprezam idosos, incluindo seus familiares, porque acham que a juventude é o topo do mundo. Que sabem tudo. Que podem tudo. Ai, como isso me irrita!

— Calma, não se preocupe tanto. De jovens como você o futuro se construirá, assim acredito. As vozes irresponsáveis se calarão quando chegar o momento certo e a harmonia entre todos haverá de se instalar de modo definitivo.

— Nossa, o senhor fala como um profeta... (risos)

— Bobagem. É força de expressão. Mas acredito, sinceramente, que a mudança de comportamento ocorrerá em breve, porque os bons vão triunfar e os maus perecerão. Sei que pareço um missionário... (risos) Não é a intenção. Você me proporcionou um pequeno e rápido desabafo, enquanto ainda não sou considerado velho. (risos)

— Que bom ouvi-lo, pois vou transmitir tudo isso aos meus avós. Acho que eles gostarão de ouvir essas mensagens.

— Os idosos, cada vez mais, estarão presentes na sociedade, seja porque os recursos da medicina estão aprimorados, seja porque a política estatal os incentiva a aparecer e participar de tudo o que for possível. Os jovens

haverão de constatar tal fato como consolidado e aceitar. Tudo é somente uma questão de tempo, de maturação.

— Como o vinho... (risos)

— Isso, como vinho. Acho que fiquei bem nessa foto da carteira. Isso é um bom presságio para que possa começar as minhas atividades físicas amanhã.

— Estarei sempre aqui se precisar de algo. Obrigado pelos ensinamentos.

— De forma alguma. Obrigado a você por me dar a noção de que jovens podem amar os seus avós de maneira tão intensa como desejado.

Despediram-se pela troca singela de olhares sinceros.

Velhos importam, sim, sempre.

6. FUTURO

Por que ser bondoso?

Braguinha, o português imigrante tão querido, era um patrimônio do nosso bairro, representativo de uma comunidade harmônica e integrada. Ele era o *faz-tudo*, aquela pessoa com quem podíamos contar a qualquer hora do dia e da noite para consertar estragos e reparar danos em nossas casas. Era um amor de pessoa.

Um dia, adoeceu e ficou acamado. A enfermidade era grave e ele não mais conseguiu levantar-se, para tristeza geral em nosso bairro. Embora tão querido e solicitado para afazeres variados, quando ativo, ao permanecer no leito de sua modesta casa, com sua esposa dedicada, terminou caindo no esquecimento. As pessoas apressadamente arranjaram outro profissional que pudesse suprir as suas necessidades e o nosso Braguinha foi esquecido.

Jamais me conformei com isso e insistia em visitá-lo toda semana, a ponto de sua esposa me dizer que não era preciso, pois ele estava bem e conformado com sua atual situação. Nada disso me convencia e eu continuei insistindo em vê-lo todas as semanas; por vezes, levava algum mantimento, noutras algum dinheiro obtido de pessoas que eram agradecidas como eu. Enfim, nunca deixava de lembrar o quão importante Braguinha foi para a nossa comunidade por décadas.

Idoso agora, enfermo também, terminou esquecido, algo que me parecia insustentável. Se havia injustiça no mundo ali estava o exemplo maior.

Quando sua esposa me disse que ele fazia questão de isentar-me de ir vê-lo todas as semanas, porque eu era jovem e tinha a vida toda pela frente para usufruir e divertir-me, resolvi interpelá-lo:

— Braguinha, não acredito que tenha dito à sua esposa, a nossa querida Dolores, que não mais queria ver-me... Por quê? Venho todas as semanas porque realmente gosto e acho que o faço mais feliz. Diga-me que estou errada; diga-me que isso o entristece... Quero ouvir as suas razões.

— Menina Fabiana, você é muito jovem e precisa ter sua vida à parte da minha; não precisa vir todas as semanas. Sinto-me culpado por cercar seus passos. Sei lá... Quero o seu bem.

— Mas se quiser realmente o meu bem, não pode impedir-me de visitá-lo. Acha que venho aqui por obrigação?

— Sei que você tem um coração puro, mas muitos aqui vêm apenas para marcar presença; chegam a tirar uma foto comigo para postar não sei onde, com o fim de dizer que são bondosos e se preocupam com um inválido como eu. Sinceramente, não ligo. Deixo que pensem assim. Mas você é

diferente, é uma menina bondosa, não vem para ser reconhecida, por isso acho que não precisa vir.

— Ah, então, quem é bom cai fora; quem é mau você aceita?! É isso?

— Não seja tão radical. Quero dizer apenas que compreendo a ansiedade de certas pessoas em parecer bondosas e, com isso, surgem por aqui para marcar presença, inclusive com as fotos. Por outro lado, reconheço em você uma bondade sincera e, justamente por isso, gostaria de deixá-la livre para cuidar de sua vida e de seus interesses, sem se preocupar tanto comigo. Parece contraditório... Porém, é o que acho.

— E acha de maneira totalmente errada. Sinto-me rejeitada por você, sem merecer. Sinto-me triste. Ah, não sei mais o que pensar...

— Menina Fabiana, desculpe-me, não queria aborrecê-la. Achei que faria um favor a você liberando-a de visitar um velho acamado.

— Errou, Braguinha, porque as pessoas são diferentes. Você pode se basear num padrão majoritário, mas se esquece da minoria que não age do mesmo modo.

— É verdade... Você tem razão. Fui precipitado, mas impulsionado pelo temor de estar prejudicando, de algum modo, a vida de uma jovem como você, tão inteligente, que frequenta a faculdade e vai ser uma mulher brilhante.

— Nem adianta me adular agora... (risos)

Ambos sorriram e mantiveram um silêncio robusto de alguns minutos.

— Braguinha, posso lhe fazer uma pergunta?

— Sim, sempre.

— Você atuou profissionalmente em nosso bairro por vários anos, sei que fez serviços sem cobrar, porque não podiam pagar, sei que atuou de noite, de dia, nos fins de semana, enfim, sempre que te chamavam... Tudo isso não o tornou rico e, agora, como se vê, tornou-o esquecido e entrevado numa cama. Desculpe a sinceridade, mas valeu a pena? Por quê?

— Lógico que valeu, porque eu me sentia muito bem dando o melhor de mim para quem precisava de meus serviços; era um gesto natural, sincero, amigo; nem pensava no lado profissional... Alguns me pagavam, outros não. Vivi bem, modestamente, mas bem. Isso era suficiente.

— Como assim? É suficiente ser mal remunerado por algo que você efetivamente fez? Não consigo entender.

— Não se trata de insuficiente remuneração... Cuida-se de satisfação pessoal pelo serviço prestado. Menina Fabiana, eu aprendi assim desde cedo, aprendi que fazer o bem é o melhor pagamento que se pode ter.

— Braguinha, isso é ilógico. Fazer o bem pode ser excelente, mas há de existir contraprestação. Fazer o bem é uma ação e não pode representar ao mesmo tempo um pagamento. Entende o que eu digo?

— Sim, compreendo. Numa visão materialista, o que se faz de bom merece um retorno. Se é no campo profissional demanda uma remuneração à altura. É isso, não?

— Lógico. Assim se move a vida de todas as pessoas. Por que a sua haveria de ser diferente?

— Talvez porque eu tenha fé no futuro, no futuro bem distante, naquele momento em que morremos e renascemos para a vida espiritual. Ali estão

os frutos do nosso trabalho. Não ligo muito para o *hoje*; volto a minha vida para o *amanhã*.

— Mas isso é pura crença, religião, não tem nada a ver com remuneração por serviços profissionais prestados.

— Eu fui bem remunerado na maioria das vezes. Algumas situações em que atuei sem contrapartida não eram a rotina, mas exceções. Não cobrava caro; pedia o que julgava justo, apenas para cobrir o meu custo e um pouco mais. Está tudo bem, não me sinto injustiçado.

— As pessoas te esqueceram... Não falam mais de você nem vêm aqui. Isso está errado.

Um sorriso aparteceu a conversa.

— Não, menina Fabiana, não confunda as coisas. Pelo meu trabalho, fui remunerado na maior parte das vezes; quando não fui, a opção foi minha. Nada tenho a reclamar. Quanto ao agradecimento que você julga seja eu um credor, não é real. Sabe por quê? Pelo fato de que fazer o bem não pode ter uma contrapartida necessária, senão perde o valor. Fazer o bem deve satisfazer o coração da gente, isso é suficiente.

— Foge à minha compreensão, Braguinha. Você faz o bem porque acredita na vida após a morte?

— É verdade, eu acredito nisso, mas meu pai, que me educou nesse sentido, não acreditava. Ele achava que a morte trazia um fim definitivo ao ser humano e ponto. Nada de alma ou Espírito a sobreviver. E ainda assim o bem lhe era caro, uma meta a perseguir na vida.

— Oras, fazer o bem sempre? Para quê? Por quê?

— Perguntei-lhe isso, certa vez. Ele me respondeu que fazer o bem, em primeiro lugar, lhe dava tranquilidade, servia-lhe de bálsamo para as agruras da vida. Era algo que vinha do fundo do seu âmago, um ditado a conduzir-lhe, uma orientação inata a seu ser, enfim, o bem era algo desejado, como um objetivo maior na vida.

— Só isso?

— Não. Dizia-me, também, que não acreditava na vida após a morte, mas não podia ter certeza disso, aliás, ninguém tinha. Então, se essa vida fosse verdadeira, por certo, não iria se basear na maldade dos humanos, mas na bondade, visto que a maldade sempre foi punida desde os primórdios da existência no planeta. Logo, por uma questão de lógica, o bem seria considerado para encaminhar o Espírito a patamares positivos.

— Ele estaria se resguardando no caso de uma vida espiritual após a morte?

— Acho que sim. No entanto, havia mais um motivo. Dizia ele que o comportamento humano é naturalmente bom, porque algo, na mente, impulsiona o ser a colocar-se dessa forma. Existe um chamamento individual pelo bem; o mal deixa sequelas e é visível, identificável, absolutamente desmascarado por qualquer um. Quem o pratica, em qualquer situação, sabe disso. A humanidade se volta ao bem, mesmo quando o mal predomina em certas épocas ou lugares específicos. Ele era muito racional e não só acreditava nos seus sentimentos como apostava que outras pessoas sentiam a mesma coisa. Enfim, o bem é o amálgama humano; o mal é o alienígena que precisa ser extirpado.

— Seu pai era um filósofo e talvez nem soubesse disso.

— É no que creio, menina Fabiana. Por isso, acredito naquelas palavras e, associando tudo isso à minha fé, acho que sempre fiz o correto, aquilo que me traria paz espiritual.

— Não me cabe mais fazer qualquer pergunta, ao contrário, sairei daqui, hoje, cheia de pensamentos e reflexões novas para mim. Você tem razão, Braguinha, o mundo é muito mais complexo do que eu imaginava. Fazer o bem tem múltiplas razões... Preciso pensar muito sobre isso. Mas, não se esqueça, volto na semana que vem.

Ele sorriu complacente e concordou. As visitas continuaram, mas com outro teor de conversas, agora voltadas para o significado das boas ações e dos motivos que levam o encarnado a crer ou descrer da vida infinita após o desencarne. O porquê ser bondoso.

7. ALEGRIA DE VIVER

Rir de si mesmo, dos outros, de tudo

Ginelson era um idoso inquieto, que vivia sentado no canto lateral direito do bar, sempre apreciando quem entrava e saía dali. Emitia sua opinião acerca de tudo, mesmo que fosse um mero palpite a respeito da vida dos outros. Era bisbilhoteiro e até mesmo abelhudo, provocando os fregueses do local com suas piadinhas inoportunas, porém tinha uma imunidade impressionante: a sua gostosa gargalhada. Ele ria dos outros, mas também de si mesmo e isso aquietava qualquer um, convidando os presentes a sorrirem ao menos.

— Edilene, serve um petisquinho *pro véio* aqui, vai...

— Ih, Seu Ginelson, não vai dar não, o patrão disse que o senhor não paga nada há muito tempo.

— Mas, mocinha, eu dou alegria para este bar, as pessoas gostam das minhas piadas e isso atrai freguesia. Dá um *cocretinho* pra mim...

— Croquete, Seu Ginelson!

— Isso mesmo, pode trazer dois. Só para começar... (risos)

Edilene era a balconista e tomava conta de tudo enquanto Petrônio cuidava dos pagamentos nos bancos. O dono do bar era sisudo e circunspecto e mal mostrava os dentes, embora não resistisse ao sempre presente Ginelson.

Alguns idosos, em determinado momento da vida, se libertam das amarras que os prendiam nos anos que antecederam a velhice, deixando-se levar pelo bom humor quase infantil, o que resulta em ótimo estado de espírito, um fator importante de estabilidade da saúde física e mental. Eis uma das razões que levam alguns idosos a falar o que lhes vem à mente, mesmo sendo algo aparentemente grosseiro ou indelicado, sobressaindo a espontaneidade, tal como a criança.

Ginelson era exatamente assim, tão bocudo quanto inocente nas bobagens que falava, embora acompanhadas de sonoras risadas.

Havia um cliente que não o suportava e quase sempre ambos se encontravam.

— Olha quem chegou... O rei da *mortandela*... Trouxe um pouquinho para mim?

— Mortadela, seu velho estúpido! — exclamou em alto e bom som o italiano Gippeto.

— Não importam as letras, mas você trouxe?

— Não alimento vagabundo.

— Ai, quase caí da cadeira tamanho foi o coice... (risos)

— Edilene, esse sujeito nunca vai sair desse canto? — indagou Gippeto.

— Sei não, o patrão não fala nada, ele vai ficando.

— Ei, vocês dois, eu estou aqui, hein? Estão falando de mim na minha frente e eu tenho direito de me defender. Só vou sair daqui quando for direto para a cova. (risos)

— Que bendita hora se fosse hoje.

— *Êta*, italiano bravo. O que eu preciso fazer para você ser meu amigo?

— Morra que eu irei ao seu enterro como seu melhor amigo — respondeu Gippeto.

Em vez de responder, Ginelson deu uma das melhores gargalhadas, contagiando todos os que estavam por ali acompanhando o ríspido diálogo. Até Gippeto segurou o sorriso e saiu logo do bar.

Entrando e saindo clientes, ali estava o aposentado Ginelson, sem família, solitário, cuja diversão era ficar no bar de Petrônio o dia todo, desde o levantar das portas até o final do expediente. Embora sozinho no mundo, nada lhe retirava o bom humor, nem mesmo quando voltava para o mirrado quartinho, nos fundos de uma pensão decadente, onde morava de favor. Ali tomava uma sopa rala e logo se punha a dormir, sem nunca deixar de orar a Deus e agradecer por mais um dia bem vivido.

Assim era aquela velhice peculiar de um homem pobre, solitário e que poderia ter todas as características de alguém infeliz; mas não, ele era um exemplo de alegria contagiante, o que abismava quem o conhecia mais de

perto. Por isso o dono do bar o recebia todos os dias, permitindo que ele se acomodasse no mesmo cantinho e ali acompanhasse o movimento. Os fregueses mais assíduos levavam doações a ele, como roupas usadas, calçados, cobertor, itens de higiene e até presentes, como doces e, particularmente, chocolate, seu quitute preferido.

Aceitar o próprio envelhecimento e suas limitações é benéfico, pois elimina qualquer ranço de revolta, algo que propicia o mau humor e desgasta a saúde. Nesse aspecto, Ginelson era especialista, pois ria de tudo o que lhe acontecia de ruim e adorava contar aos fregueses, que não conseguiam conter o riso com suas histórias melodramáticas, emolduradas pelas estridentes gargalhadas. Embora solitário, pois não tinha familiares ao seu redor, nutria particular prazer por estar entre estranhos, os quais eram todos seus amigos, na sua visão, o que elevava o seu Espírito, tornando-o mais leve, crendo-se querido e estimado pelos frequentadores do bar. A palavra *ranzinza* não constava em seu vocabulário e muito menos estampava suas atitudes.

Um dia, seu único desafeto, Gippeto, entrou no bar e de pronto estranhou a ausência de Ginelson. Aquele canto da lateral estava vazio. Segurou-se e não cedeu à curiosidade para não dar o braço a torcer de que poderia, de algum modo, ter-se preocupado com aquele *velho encardido*. Tomou o seu breve café, pagou e ia saindo, quando não resistiu e voltou ao balcão, encarando Petrônio que, prontamente, entendeu o motivo e foi logo dizendo:

— Quer saber onde está Ginelson?

Constrangido, mas sequioso pela resposta, balançou afirmativamente a cabeça.

— Morreu — proferiu o carrancudo dono do bar.

Gippetto sentiu o tremor nas pernas e agarrou-se a uma cadeira. Quase não acreditava no que ouvira e insistiu:

— Como assim, morreu?!

— Tal como lhe disse: morreu. Foi-se desta vida. Está enterrado. Acabou seu sofrimento, pois nunca mais vai encontrá-lo neste bar.

O italiano avermelhou a face, abaixou a cabeça, virou-se e saiu em passos rápidos.

Alguns dias se passaram, quando Gippetto retornou ao local.

— Petrônio, permita-me perguntar... Onde ele foi enterrado?

— Ele quem?

— Ora, Ginelson.

— Por que lhe interessa? Você o odiava.

— Não é bem assim — tentou amenizar.

— Como não? Quantas vezes pediu-me para expulsá-lo do meu bar?

— Eu nunca lhe pedi isso...

Edilene, que ouvia a conversa, franziu a testa e balançou a cabeça, mostrando a sua discordância àquela negativa.

— Está bem, pode ser que eu tenha falado isso num momento de raiva.

— Gippetto, meu velho, você me pediu isso inúmeras vezes.

Ruborizado, transpirando além da conta, consternado, não sabia mais como justificar-se e retraiu-se em silêncio.

— Por que tanta preocupação? Lembra-se do que disse a ele várias vezes? Que adoraria vê-lo morto e enterrado.

Era a prova derradeira de seu desprezo pelo velho Ginelson e, aproveitando o ensejo, Edilene completou:

— Ah, o senhor disse também que iria ao enterro dele como se fosse o seu melhor amigo...

— Foi uma brincadeira... — tentou desculpar-se.

— Acho que ele não entendeu desse modo, tanto que no dia em que passou mal, aqui no bar, antes de desmaiar, quando a gente chamou a ambulância e ele nunca mais retornou, saiu dizendo que o senhor iria ficar muito feliz, pois ganharia um grande amigo se ele morresse.

— Ele disse isso?

— Disse, sim, senhor. Ele nunca deixou seu bom humor de lado, até na hora em que passou mal.

— Mas ele devia ter-me amaldiçoado, isto sim.

— Seu Gippeto, ele não era desses não. Gostava de todo mundo. Acho até que gostava mesmo do senhor e não ligava para as suas grosserias.

O italiano ficou sem palavras e, de algum modo, a partida de Ginelson o abalara de verdade.

— O que houve, Gippeto? Está pálido...

— Eu não consegui tirar esse velho estúpido da minha cabeça tão logo soube da sua morte. Acho que tive pesadelos com ele durante a semana. Estou inconformado que ele se foi... Nem sei o porquê.

— Ah, isso é coisa de velhos — proferiu Edilene.

Gippeto olhou-a sem entender.

— Os velhos são assim mesmo. O meu avô critica o vizinho dele, tão velho quanto ele, o tempo todo e, chegando no fim de semana, os dois jogam baralho o dia todo. Se um viaja, o outro fica triste; se um adoecer, o outro fica doente também. Mas, durante a semana, xingam-se o tempo todo. Coisa de doido.

O italiano deu um sorriso forçado e jamais iria admitir que sentia algo positivo por Ginelson. Mas não conseguiu deixar o bar sem pedir a Petrônio o exato local onde ele foi enterrado. Sem mais questionar, o dono do bar lhe deu o paradeiro.

No dia seguinte, defronte à singela lápide colocada sobre o túmulo de Ginelson, o seu até então inimigo figadal ajoelhou-se, proferiu uma oração silenciosa e disse:

— Seu velho carcamano, devia ser tão italiano como eu, pois tinha a gargalhada que meu avô sempre expressou e eu tanto gostava... Nunca lhe disse isso, mas hoje venho aqui como seu *melhor amigo*, como havia prometido, para que saiba que sempre o admirei; acho até que o invejei. Desejava ser como você, alegre e extrovertido, animado e descontraído, mas nunca consegui. Vivi maus momentos por causa da minha ranhete; minha mulher me largou; meus filhos não falam comigo e eu vivo sozinho. Incrível, não? O rei da mortadela, como você sempre disse, é um homem solitário, sem graça e sem viço. Acho até que ia até o bar de Petrônio somente para encontrá-lo e desafiá-lo de algum modo, pois me sentia vivo, você me dava atenção e reparava em mim. Triste isso. Não posso dizer que sou uma pessoa religiosa, mas acredito que Deus vai lhe dar abrigo, pois você sempre foi uma alma pura e transmitiu alegria por onde passou, de

maneira resignada, como eu jamais saberia fazer. Obrigado pelas suas lições de vida, tão simples quanto úteis. Vou tentar imitá-lo se me permitir. Até breve, meu melhor amigo.

8. FELICIDADE

A vovó do xilindró

Um dia, fitando-me no espelho, percebi que a velhice batia à minha porta, sem dó nem piedade, trazendo-me medo do porvir. Além de todas as preocupações e obstáculos por que passei durante toda a vida, tive a certeza de, em breve, estar acometida de males físicos e mentais, impondo-me uma situação dramática, pois não tinha ninguém a zelar por mim. Era aquela solteirona do apartamento 43, que sempre reclamava nas reuniões de condomínio, mas não tinha nenhuma amizade no prédio, nem era visitada por ninguém. Enfim, uma reclusa.

Tinha-me acostumado a ser durona, fechada, de poucas palavras. Estava aposentada e minha única diversão era assistir a programas de televisão o dia todo. E, naquele profético dia, o espelho mostrou minhas rugas de forma vibrante e intensa, a ponto de eu perder a calma e me rebelar.

Chega de tanta solidão! Se era reclusa, então haveria de encontrar alguém em situação pior que a minha para me aproximar, sentir e conhecer algo fora do meu pequeno mundo, restrito ao apartamento. Abri minha mente para captar todas as informações que eu poderia receber do único veículo com o qual me dava: o aparelho de televisão.

Em alguns dias acompanhei uma reportagem sobre a situação dos presídios no país, o que me causou surpresa e melancolia, pois não sabia

que havia pessoas tão solitárias, embora estivessem juntas umas das outras em celas apertadas e insalubres. Fiquei consternada. Naquela noite, sonhei com aquele mundo hostil, cheio de grades, guardas por todos os lados, homens amontoados uns sobre os outros, alimentação insuficiente e toda sorte de mazelas penetrou minha mente. Acordei sobressaltada, transpirando muito, mas decidida. Iria conhecer um presídio.

Vou adiantar meu relato, evitando toda a burocracia por mim enfrentada para conseguir visitar um estabelecimento penal próximo de onde morava, especialmente sendo uma pessoa idosa. O que importa é ter finalmente conseguido fazer essa visita, conversar com alguns presos e ouvi-los contando seus dissabores e seus infortúnios. Senti-me abençoada e bem-aventurada diante de tanta desgraça que chegou ao meu conhecimento em tão curto espaço de tempo.

Terminada a primeira visita eu já tinha certeza de que meu destino estava delineado e eu tinha o dever de estar com aqueles detentos, tão solitários como eu, para nos completarmos e trocarmos experiências positivas. O diretor do estabelecimento tentou demover-me da ideia, alegando que eu já tinha *certa idade* e não iria aguentar o *tranco* daquelas visitas, além do que os presos eram perigosos e poderiam, de algum modo, colocar-me em risco. Olhei no fundo dos seus olhos e lhe disse que absolutamente nada mais nesta vida iria chocar-me ou colocar-me em risco e tinha todo o direito, como qualquer outra pessoa, de visitar e ajudar os presos.

A minha firmeza de posição garantiu-me a oportunidade de levar livros aos detentos e explicar a uns e outros o conteúdo de algumas leituras. Assim fiz.

Tornei-me a *vovó do xilindró* para os reclusos. Para alguns, que não tinham facilidade de leitura, eu lia em voz alta, sempre com meus óculos pincenê, mas voz segura e buscando interpretar o texto. Para outros, quando terminavam a leitura, trocávamos ideias e buscávamos um denominador comum quanto ao texto.

— Dona Gilda, eu acho que entendi este livro, mas não tenho certeza. A senhora pode me ajudar?

— Certamente, Zé. O que você conseguiu compreender? Vamos começar por aí.

— Ah, é a história de um cara que foi injustiçado; sei lá, era honesto, mas o patrão dele era má pessoa e acabou jogando ele num *trampo* que não era legal e ele foi preso; poxa, quem devia ter ido preso era o patrão, muito injusto tudo isso.

— Então, você entendeu a mensagem principal. A injustiça pode acontecer com qualquer um e, às vezes, ela nos ensina e nos mostra um caminho novo a seguir.

— A senhora acha que isso pode ter acontecido comigo?

— Não sei, Zé, nunca soube do seu caso. Nem sei por que foi condenado; nunca lhe perguntei.

— Eu sei, mas eu acho que fui injustiçado; eu *tava* com uns caras do mal, amigos da minha garota e eles resolveram roubar um bacana aí; eu disse para cair fora e eles não deixaram, daí fui no rolo e acabei preso. O juiz disse que eu era comparsa dos caras... Tomei mais de cinco anos de cadeia. A senhora acha isso justo?

— Como vou saber? Não sou juíza. Quero apenas ajudá-lo a passar o seu tempo aqui da melhor maneira possível. Mas já que me perguntou, vou lhe dizer algo importante. Eu reclamei durante anos nas reuniões de condomínio, aquelas reuniões onde a gente decide o que fazer no prédio onde mora, sabendo, várias vezes, que não tinha razão nenhuma. Mas eu fazia de propósito para futricar e me sentir presente; as pessoas notavam que eu estava ali. Não era justa a minha reclamação, mas eu fazia mesmo assim. Eu estava no lugar errado para reclamar da vida; no fundo, eu estava bagunçando a reunião somente para me sentir melhor. Nem sempre fazemos o certo e temos que sofrer as consequências.

— Mas a senhora não foi presa por causa disso.

— É verdade, porém existem várias formas de sanções. O que aconteceu comigo é que ninguém falava comigo no prédio ou me cumprimentava quando eu passava. Sentia-me sozinha e esquecida. Chorei muito à noite quando estava na minha cama. Sabia?

— Não... Achei que uma dona como a senhora não tinha problemas; só pobre tem rolo por aqui.

— Ah, meu filho, nem rica eu sou. Tenho um apartamento comprado com muito sacrifício e vivo da minha aposentadoria minguada.

— Mas não tá presa.

— De certo modo, estava. Fiquei muito tempo reclusa em meu apartamento, sozinha, sem ninguém para conversar e ouvir meus lamentos ou até sem algum momento de alegria que eu pudesse ter. Estou mais feliz agora que convivo com vocês.

— A senhora é uma pessoa livre e isso deveria bastar.

— Não pense assim, Zé. Você será colocado em liberdade dentro de algum tempo. Será que conseguirá se adaptar ao mundo para onde voltará? Será que vai se sentir feliz?

— Ih, nem sei. Não tenho para onde ir, porque meu pai me expulsou de casa assim que soube que eu estava envolvido num roubo; só minha mãe vem me ver de vez em quando, sempre que arranja um dinheirinho para a condução. Os irmãos se casaram e nem sei bem onde moram.

— Comece arranjando um trabalho...

— Quem dá trabalho para ex-detento?

— Não existe um programa para ajudá-los a encontrar um emprego?

— Dona Gilda, que eu saiba não tem nada não. Vou ter que me virar sozinho e aí podem acontecer mais injustiças na minha vida.

— Não tiro a sua razão por se preocupar. Vou conversar com o diretor para saber se existe alguma forma de lhe arranjar um trabalho quando sair daqui.

— A senhora é gente fina, dona Gilda. Mas as pessoas têm repulsa por quem já foi preso. Nem vêm ao presídio; visitas aqui só de parentes e amigos dos detentos.

— E da vovó do xilindró... — arrematou Gilda.

Entre risos, Zé e os que estavam por perto concordaram.

Passei os últimos anos da minha vida visitando regularmente os presos, levando-lhes livros e auxiliando-os nas leituras e nas interpretações dos textos. Admito que aprendi muito sobre a vida real, desligando-me daquela vida fictícia que eu tinha, enclausurada na repartição pública onde trabalhava e, depois, em meu apartamento. E tudo isso aconteceu no dia em

que o espelho me mostrou as rugas viçosas em meu rosto, atemorizando-me para o final solitário e triste.

Sou agradecida pelo lampejo divino que veio do céu para colocar-me em outra trilha; embora tenha principiado por puro egoísmo, visando a amenizar minha solidão, acabei apegando-me ao trabalho e aos presos, pois neles identifiquei seres humanos como eu, com erros e acertos, merecedores de novas oportunidades na vida, como eu estava tendo, mesmo idosa, para recuperar o tempo perdido e construir algo de útil na curta trajetória que todos temos. São algumas décadas de vida e partimos para um outro mundo, que, para mim, sempre foi obscuro e talvez inexistente. Mas isso nunca me deteve, depois que conheci um meio de ser uma pessoa prestativa e estimada por outros.

Constatarei que o amor-próprio é fundamental para termos força de viver e enfrentar tudo que se apresenta à nossa frente como obstáculo. Chega a ser paradoxal que eu, velha e aposentada, tenha descoberto um prazer real na minha vida quando já atingia a idade de ficar em casa, fazendo crochê ou cozinhando bolos; porém, acho que a minha vantagem é que não tinha filhos ou netos e ninguém mais para cozinhar ou tecer roupas.

Eu fui a vovó de inúmeros presos, pessoas lançadas para fora da sociedade porque cometeram erros, acima de tudo porque são pobres, visto que não tive um único detento de classe média ou alta para auxiliar ou até mesmo para conhecer. Todos os meus *meninos* eram de classe baixa e sofreram toda espécie de discriminação e preconceito que se possa imaginar, até que tropeçaram e foram presos. Nunca fui cega, nem obtusa a ponto de imaginar que ali estavam *santos* ou *injustiçados*; alguns até

poderiam ter sido injustiçados, mas a maioria precisava pagar pelos seus desvios; o que me incomodava era o elevado número de pessoas pobres presas, mostrando, ao menos para mim, um desnível muito grande na Justiça do meu país, pois não podia acreditar que somente os miseráveis cometiam crimes.

Outro ponto que me incomodou muito era o descaso das autoridades com esses detentos, tanto durante o cumprimento de suas penas quanto no momento em que deixavam o cárcere. Eles saíam dali com a roupa do corpo e nada mais. Muito triste isso.

Sofri muito durante os anos em que passei pelo presídio como visitante assídua, mas obtive mais alegrias do que dissabores, pois sentia que estava cumprindo a minha parte, como ser humano, como irmã em Deus dessas pessoas enclausuradas. Essa atividade retirou-me a solidão e quando, um dia, passei mal e fui parar no hospital, recebi muitas flores e cartões, todos encaminhados pelos meus *meninos*, que ficaram inconformados com a ausência da *vovó do xilindró*.

Cada pétala de flor enchia o meu quarto de luz e assim eu parti para o mundo espiritual, feliz, repleta de amigos sinceros, o maior sonho que eu sempre tive.

9. CULTURA

Tire o pó dos livros

— Esses livros estão nessa estante há tanto tempo, ninguém mais usa. Por que não doamos a uma biblioteca?

— Eram meus livros de estudo na faculdade, Cristina.

— Mas o senhor não usa mais, vovô!

— De vez em quando, gosto de revê-los. Além do mais, não somente os livros técnicos da minha graduação estão ali; você vai encontrar também belos romances, compêndios de arte, livros de história, entre tantos outros.

— Ah, vovô, tudo cheio de pó... Não presta para nada.

— Então, vamos promover um jogo... que tal?

— Um jogo?

— Sim, quem retirar mais pó dos livros ganha uma recompensa.

Os olhos da adolescente brilharam.

— Pode ser um celular novo?

— Sem dúvida, mas com uma condição, além de tirar o pó.

— Qual? Diga-me qual e eu vou vencer.

— Você terá que ler alguns desses livros e me dizer o que achou. Se eu vencer, a missão será a mesma: ler alguns livros. Concorda?

— Está bem. Tudo por um celular novo — gritou entusiasmada a neta.

Durante dois dias seguidos, por várias horas, Cristina e o avô tiraram o pó daqueles livros. Enquanto isso, conversaram sobre o conteúdo daquelas obras tão relevantes, propiciando ao culto professor aposentado explicar à neta temas e assuntos inéditos, o que acabou por despertar seu encantamento por aqueles velhos livros alocados na estante.

Terminado o trabalho pesado, o avô proclamou vencedora a neta, exigindo-lhe, no entanto, o cumprimento do acordo. Juntos, eles começaram a folhear os livros de arte, voltando no tempo e passeando pela história, enquanto Cristina ouvia as explicações e absorvia tudo, entusiasmada.

Depois, ela se recolheu para ler alguns livros indicados pelo avô, romances clássicos que agradariam, certamente, uma adolescente.

— Vovô, estou impressionada com essas histórias. Admito que lacrimejei em várias delas. São incríveis.

— Que bom que apreciou, Cris. Quer discutir algo comigo?

— Sem dúvida. Pode ser agora?

Passaram outro fim de semana inteiro debatendo o conteúdo dos romances lidos pela adolescente e, com isso, outros passos foram dados rumo aos livros de história e de assuntos variados. A biblioteca amealhada pelo avô era farta, mas carecia de algum interessado para desbravá-la, conferindo um estímulo ao idoso para que retomasse o seu prazer àquela altura esquecido: a cultura adquirida por meio dos livros.

— Vovô, por que o senhor gosta tanto de livros? Hoje, obtemos informação pelo celular, sabia disso?

— Disseram-me — respondeu sorrindo.

— E então? Nunca quis ter um aparelho celular? Ou acesso à internet?

— Sei o que tudo isso representa, minha neta querida. Seus pais insistem em presentear-me com um celular e, por vezes, eu até acesso a internet pelo computador do seu pai. Mas isso não me satisfaz.

— Mas, por quê? Garanto que a notícia da internet é mais atual do que aquela que o senhor obtém nos seus livros.

Sorrindo, o idoso disse:

— Cris, há que se separar a informação atual, que podemos chamar de *as notícias do momento*, da cultura, o conjunto de conhecimentos que se pode

adquirir ao longo da vida somente por meio dos livros clássicos de todos os temas e assuntos.

— Mas o senhor não quer ser bem informado do que está acontecendo no mundo?

— Lógico que sim, por isso leio jornais e revistas de informações. Mas isso não é simplesmente auferir cultura.

— E o que tanto interessa essa *cultura*?

— A cultura é a arte do saber, do conhecimento de tudo e de todos. Com ela, você alcança os hábitos das sociedades através dos tempos, o desenvolvimento da religião, os movimentos intelectuais, as ondas artísticas, a sucessão das sociedades com características peculiares, os grupos políticos que dominaram o mundo, a fiel expressão da evolução do ser humano ao longo de toda a sua existência neste mundo onde hoje vivemos. Você não tem curiosidade de conhecer tudo isso?

Cristina estava absorta pelas palavras do avô e respondeu:

— Naturalmente que sim.

— Então, minha querida, nada contra o seu celular, nem a sua integração às redes sociais, mas nunca deixe de lado os livros, pois somente esses lhe darão a cultura que tanto lhe fará bem.

— Por que não posso adquirir cultura na internet?

— Pelo que eu sei, a informação que circula nessa rede mundial não é tão confiável como a que você vai encontrar num livro. Adquirir conhecimento inautêntico é pior do que não tê-lo.

— Mas eu posso, hoje, baixar livros para ler no computador.

— Sim, é verdade. Se o fizer de *sites* confiáveis, pode ler e adquirir cultura.

— Mas é chato...

— O que é chato?

— Ler coisas sérias na tela do computador. Sei lá, estou acostumada a ver coisas rápidas e engraçadas ou mensagens curtas e diretas. Acho que não aguentaria ficar concentrada na tela lendo um belo romance. Penso que sempre imaginaria que, a qualquer momento, chegaria uma mensagem de um amigo, interrompendo a minha leitura e provocando-me uma resposta. (risos)

O avô sorriu e disse:

— Cris, na minha idade, eu realmente jamais trocaria um livro por uma tela de computador. Mas não descarto que jovens como você possam fazê-lo. A minha única preocupação é que o conteúdo auferido da rede mundial de computadores possa ser fielmente assegurado como ao desfrutar de um livro físico em nossas mãos. Mas eu sou velho, como vocês dizem, ultrapassado. (risos)

— Vô, depois dos momentos que passamos juntos, lendo os livros *sem pó* (risos), eu gostei bastante e vou continuar a fazer isso. Quero preservar a sua biblioteca como se fosse minha.

— E ela será, minha querida. Fico feliz por saber disso.

— Vou ensinar meus filhos a dar valor à cultura. Se ela vier dos livros físicos será bem-vinda. Se, um dia, vier também por meios eletrônicos confiáveis, faremos o possível para absorvê-la. Mas acima de tudo é

fundamental cultivar a cultura como meta de nossa vida. Nisso o senhor tem toda razão.

— Um velho saudosista como eu ainda precisa — e gosta — de tirar o pó dos livros, mas não me oponho à cultura vinda por outros meios mais modernos. Tudo, minha querida, é uma questão de confiabilidade. Se a fonte for fidedigna, vamos desfrutar do bom conhecimento.

— Ganhei meu novo celular?

— Sem dúvida. Quer ir à loja escolher um ou prefere acionar a internet para isso?

— Cartão de crédito o senhor tem, *né*, vovô?

— Ora, sou um velho moderno. Vamos às compras.

10. MÁGOA

Preciso desferrar a minha ira

Nasci, cresci e fui educado sem religião alguma; não porque meus pais fossem ateus, mas pelo fato de que eram católicos por mera formalidade. Então, fui batizado e nada mais. Passei minha adolescência sem qualquer orientação religiosa, a não ser o que amalhei de colegas, amigos e familiares, porém tudo esparso e sem nexos. Na faculdade, um colega de classe convidou-me a acompanhá-lo a um centro espírita, onde havia uma roda de conversa instrutiva no tocante ao espiritismo kardecista; depois, quem quisesse e pudesse, poderia participar da reunião mediúnica. Aquele convite acirrou-me o ânimo de descontar a minha raiva, após ter perdido meu pai, sustentáculo da família, para uma enfermidade que julguei

oportunista e injusta, obrigando-nos a passar necessidades materiais por muito tempo.

No início da reunião, realizada a tradicional prece, feita a leitura de um trecho de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, teve início a conversação.

— Por que precisamos reencarnar? — perguntou o condutor dos trabalhos.

— Para podermos evoluir! — bradou alguém.

— Brincadeira, *né?* Nessa terra de ninguém? — indagou outro.

— Você reclama deste mundo? Sabe que existem outros planetas menos evoluídos do que o nosso? — ponderou um participante.

O dirigente interveio:

— Cada um evoluirá a seu tempo, podendo reencarnar neste planeta ou em outro, conforme seu merecimento. Poderá, ainda, dirigir-se a mundos superiores, sem mais retornar à crosta terrestre.

Foi, então, que ingressei, com fel em minhas palavras:

— Para onde vai um sujeito que foi um bom pai de família, mas sofreu muito, em face de um câncer agressivo que lhe tomou a saúde e o discernimento, deixando todos ao seu redor entristecidos e amargurados?

Um dos participantes adiantou-se e disse:

— Depende. Se for considerado uma boa pessoa pode até seguir para planos superiores, mas não é somente porque sofreu uma doença difícil que terá *passé livre* para altas esferas.

— Nossa, temos aqui um julgador nato. Já sabe o que dizer, a despeito de minha informação de tratar-se de um bom pai de família acometido de uma

enfermidade muito agressiva. Parece que a avaliação pode ser feita diretamente neste planeta, por emissários do céu... É isso mesmo?

Antes que o dirigente dos trabalhos pudesse intervir, o outro participante respondeu:

— Não estou julgando seu pai; disse que ele pode ter sofrido a doença para expiar suas culpas do presente ou do passado e que nem por isso vai subir a esferas mais elevadas. Sofrer não é sinônimo de elevação espiritual.

— Mas Jesus sofreu e era um exemplo de elevação espiritual. Por que somente ele? — disse, já agressivamente.

O condutor resolveu responder:

— Não devemos jamais comparar a trajetória de Jesus à de qualquer outro encarnado, porque ele tinha uma missão específica para a humanidade. Quanto ao sofrimento de seu pai, meu irmão, não podemos dizer o motivo, mas queremos crer que Deus não confere fardo maior do que pode qualquer encarnado carregar. Devemos ter fé nos sábios desígnios divinos.

Fui ficando enfurecido.

— O senhor quer dizer que, primeiro, Jesus é imaculado e não pode ser julgado, apenas idolatrado; segundo, que meu santo pai pode ter sido um facínora e, por isso, Deus o fez sofrer o pão que o diabo amassou, se é que posso usar essa figura aqui; terceiro, que devemos até agradecer a Deus por ele ter padecido e levado seus parentes para o mesmo fim. A fé exigida é uma crença cega em um nada conclusivo, advindo da total falta de lógica ou racionalidade.

— Você deve entender que há várias reencarnações para a evolução do ser humano. Seu pai passou por uma delas e nesta ele deve ter tido a programação de enfrentar o sofrimento físico justamente para evoluir — proferiu um dos presentes.

— Ah, se bem entendo, devo aceitar que a lógica da reencarnação permite que qualquer um sofra demais porque é necessário... É isso?

O dirigente disse em tom brando e conciliador:

— Sim, a reencarnação é o espelho da Justiça Divina, visto que não há uma só vida material para o encarnado, mas várias delas; em cada uma, experimenta-se uma diversidade de obstáculos, tudo para o aprimoramento espiritual. Nada acontece por acaso.

Continuei fustigando:

— O que meu pai fez para merecer tamanho padecimento? Quem pode dizer isso?

Outro participante disse:

— Ninguém pode afirmar nada a respeito disso. O que a Doutrina Espírita explica, com lógica, é que ninguém sofre por acaso, tampouco vive a trajetória que teve sem uma razão. Tudo que nós todos passamos pela nossa vivência na crosta terrestre é fruto das nossas ações pretéritas — de outras vidas — ou presentes — desta vida.

Eu estava ficando sem argumentos, mas insisti:

— Vocês arrumam desculpas para justificar o sofrimento alheio... Duvido que façam o mesmo aos seus próprios. Quem, aqui, nesta sala, sofre de bom grado?

No canto da sala, uma moça levantou a mão e disse:

— Eu também tenho câncer. Estou, segundo consta, em fase terminal, com muitas dores e já desesperançosa. Sei que devo desencarnar em breve. Mesmo assim, venho a essas reuniões porque me sinto melhor; acredito que sofro porque fiz por merecer e isso não é simplesmente um castigo, mas uma forma de me recuperar do que malfiz no passado.

— Besteira. Vocês arranjam desculpas para justificar o padecimento; querem acreditar que vão morrer e ganhar o reino dos céus.

Novamente o dirigente interferiu:

— Longe disso, meu irmão. Sabemos, como espíritas, que o reino dos céus equivale ao mundo dos Espíritos perfeitos, muito distante de onde estamos hoje. Há muito a percorrer e essa trilha passa por várias reencarnações, muitas das quais se realizará neste mundo onde estamos agora, em situações diversas. O que temos certeza é de que nada acontece por acaso: nem o sofrimento, nem a alegria. Tudo tem uma razão de ser e, tendo fé em Deus, sabemos que há plena justiça.

Embora cético e contrariado, começava a perceber que o ponto fulcral da questão era a fé. Se eu não a possuía em meu âmago, não havia como prosseguir no debate.

— Vocês dizem o que querem sempre alegando que Deus isso e Deus aquilo. Cortam qualquer argumento lógico ou mesmo racional com a fé em algo fluido, inexplorado e talvez inexistente.

Um dos participantes obtemperou:

— Meu irmão, tudo é, de fato, uma questão de fé em Deus. Torna-se inviável discutir com um ateu a lógica da reencarnação ou qualquer outro raciocínio de justiça divina se faltar o principal, que é a crença firme em

Deus. Nada disso poderá fazer sentido em um Espírito fechado em si mesmo, sem abertura para compreender a sua pequenez diante do Universo.

Outro integrante do grupo voltou-se a mim e foi taxativo:

— Você é ateu?

Eu estava com raiva, mas nunca me havia considerado como tal. Ouvi lições católicas e outras orientações espiritualistas durante a vida, jamais fechando a porta para tais premissas.

— Não sei — respondi.

O dirigente ponderou:

— Melhor assim. Se não sabe, pode descobrir o que se passa em seu âmago, descortinando a sua fé e, com isso, apreendendo outros conceitos que lhe serão muito úteis para compreender tudo o que se passou com o seu amado pai e com todos os seus familiares.

Todos os presentes olharam para mim, aguardando minha reação. Eu estava tocado não somente pelas palavras ouvidas, mas também porque me sentia mais leve e, de algum modo, conformado.

— Pode ser. Preciso refletir melhor.

— Aproveite a oportunidade e participe da nossa reunião mediúnica. Você pode formar a linha de apoio e sentir as influências dos Espíritos que ali comparecerem.

— Obrigado pelo convite, mas não me sinto preparado.

Deixei o centro espírita, confuso e inquieto. Fui para casa e aquela noite passei em claro, pensando em todas as palavras que ouvi na reunião. Não me senti aviltado; ao contrário, percebi que realmente queriam me ajudar e isso acalentou meu coração.

Tempos depois, retornei ao centro espírita e, finalmente, participei da reunião mediúnica. O que ali senti foi suficiente para reacender, de forma definitiva, minha fé em Deus e na espiritualidade. Acho que era a resposta que eu tanto buscava para fundamentar, de modo justo, o sofrimento de meu pai antes do desencarne.

11. CONTRARIEDADES

Não sou carro, mas atropelo velhos

— É difícil sair de casa, pois, quando não são as dores físicas, é a falta de educação das pessoas.

— Do que você está falando, pai?

— Fui à feira agora há pouco. Meu Deus! As pessoas nos atropelam com tanta pressa e nem pedem desculpas.

— Será que o senhor não ficou parado no caminho das pessoas?

— Agora a culpa é minha... Não estava no caminho de ninguém, estava caminhando. Mas as pessoas não respeitam a nossa lentidão. Parece que estão apostando corrida!

— Pai, o senhor também já foi mais jovem e, também, era acelerado. Ah, reclamava dos velhos, lembro-me bem.

— Não me lembro disso. O fato é que hoje eu tenho prioridade, sou velho!

— Normalmente os idosos têm prioridade, a lei e o bom senso dizem isso, mas algumas pessoas não se preocupam com ninguém. Atropelam qualquer um, inclusive idosos.

— Um absurdo! Reclamei mesmo, até bati com a minha bengala no braço da mulher.

— Pai! Como assim? Você agrediu uma pessoa? Bastava ter falado a ela que você precisava ser respeitado.

— Eu sei que a mulher ficou muito brava. Foi uma confusão. Ela disse que não tinha me visto e só virou quando levou a bengalada. Por acaso sou invisível? Acham que velho não existe?

— Não é bem assim. Ela poderia estar distraída e não percebeu que esbarrou no senhor. Talvez não tenha feito por mal.

— Seja como for, não deixei barato. Ando devagar, mas não encho a paciência de ninguém. Cada um no seu ritmo.

— Acho melhor o senhor evitar lugares com muita gente, pai. Ou esperar para quando eu puder ir com o senhor.

— A culpa é minha, então? Não posso mais sair de casa porque sou velho e lento?

— Não é nada disso. Falei isso para o senhor se sentir mais seguro. Não quero que deixe de fazer suas caminhadas, ir ao supermercado, farmácia e todos os lugares aos quais está acostumado. Inclusive na feira.

— Mas não é fácil. Quando chega a idade, parece que somos discriminados, malquistos, abandonados. E pior, atropelados. Será que jovens e adultos não sabem que chegarão à velhice?

— Acho que muitos não sabem disso... São jovens. Esquecem que ficarão velhos.

— Sabe o que fui obrigado a ouvir de um rapazote, que carregava um carrinho de feira de alguém? Ele disse que não era um carro, mas poderia

atropelar velhos lentos... Fiquei transtornado.

— Pode ter sido brincadeira dele.

— Brincadeira? Falou bem sério e olhou bem nos meus olhos para indicar a sua próxima vítima. Fiquei com a bengala apontada para ele.

— O senhor foi agressivo, pai...

— E queria o quê? Deixar-me atropelar por um carrinho de feira?

— Papai, devemos promover a harmonia no trânsito, inclusive na feira.

(risos)

— Vá rindo... Um dia você vai ficar velho também.

— Pai, não estou tirando a sua razão. Quero apenas que você seja mais cordato.

— Não serei atropelado por um moleque sem dar-lhe bengaladas na cabeça.

— Violência atrai violência.

— E maldade com velhos também pode atrair maldade com jovens.

— Papai, por favor, seja razoável.

— Razoável? Sou absolutamente afável, desde que não mexam comigo.

— Mas as ruas não são apenas dos idosos. Todos têm o direito de andar por qualquer lugar. O senhor não pode dar bengaladas em quem quiser, impunemente.

— E o que devo fazer?

— Ter calma, antes de tudo. Quando alguém o “atropelar”, manifeste-se. Seja duro e crítico. Mas não precisa agredir ninguém. Haveremos de ter um mundo de respeito em breve.

— Em breve? Você, meu filho, é um sonhador. Os velhos são maltratados e deveriam responder com a mesma agressão.

— Os idosos acabariam perdendo a razão e não conseguiriam evitar o que sofrem.

— Estou muito chateado. Não vou mais à feira.

— Tem que ir e tem que aprender a defender seus direitos com calma e com racionalidade. Quer que eu vá com o senhor?

— Está bem. Se acha que vai conseguir algo melhor, vamos juntos.

— Farei isso com prazer, pois se alguém lesionar um idoso, serei o primeiro a chamar as autoridades.

— Hum, autoridades. Desde quando defendem velhos?

— Desde o momento em que perceberam que há leis protegendo os idosos e outras leis protegendo outras pessoas vulneráveis.

— Não é do meu tempo...

— Evoluímos, meu pai. Temos mais leis protegendo quem não se defende a contento. Vamos usar isso e não a agressão, ok?

— Está bem, meu filho. Mas quero que você se concentre naquele rapaz que disse que iria me atropelar com seu carrinho de feira.

— Farei isso, papai. Na semana que vem, vamos juntos à feira e não haverá nenhum atropelamento impune. Estou do seu lado.

O idoso sorriu e concordou. Tudo é uma questão de solidariedade e apoio às necessidades de quem sofre discriminação e qualquer agressão em razão disso. Os jovens têm esse dever. É o que os idosos esperam.

12. APOSENTADORIA

Garoto de compras

— Aposentar-me. Significa deixar o meu posto de trabalho. Estou preparado para isso? Quero mesmo retirar-me e descansar para sempre?

— Meu amor, você não precisa pensar dessa forma: tudo ou nada. Pode aposentar-se, porque já tem o seu tempo e, também, escolher trabalho. Por que não?

— Mas parece contraditório. Se eu me aposento é porque quero sossego e nada mais a fazer com obrigatoriedade, horários e essas coisas.

— Nem todo trabalho precisa ter todos esses fatores de horários e obrigações.

— Ah, é? Onde vou arranjar um trabalho flexível, podendo fazer meus próprios horários?

— Meu bem, há dezenas de empregos de horários flexíveis, além do que você pode dedicar-se à caridade, cujo trabalho é facultativo e não se exige tanto de quem o exerce.

— Caridade? Piada. Vou aposentar-me para virar um velho formalizado, um sujeito que só presta para a caridade.

— Meu querido, a caridade exige das pessoas compromisso. Não é simplesmente trabalhar sem compromisso.

— Besteira. Se eu estou ajudando algo ou alguém, posso fazer como quiser.

— É um entendimento errado o seu. Você não vai arranjar um trabalho promissor de caridade, realmente efetivo, se não se adaptar às regras. Caridade sem obrigação é sair por aí distribuindo roupas e dando esmolas na rua.

— E o que você entende de caridade? Nunca fez nada, que eu saiba.

— Meu amor, é verdade. Nunca pratiquei como deveria, porque fiquei em casa, cuidando dos nossos quatro filhos. Não era caridade, mas minha obrigação. Entretanto, isso não me fez perder a noção do que significa caridade e todas as responsabilidades que ela pede a quem se dedica. Tenho amigas que me contam, assisto a programas na televisão, sei o que estou falando.

— Bobagem. Tudo o que você obtém são informações superficiais. Caridade não vale nada como trabalho; acho que é somente um passatempo.

Com a maior paciência, típica de Espíritos mais evoluídos, a esposa lhe diz:

— Meu querido, não é assim tão simples. Um trabalho sério é sempre compromissado, seja ele remunerado ou não. Quando a gente se dispõe a ajudar de maneira organizada, chamando pessoas a auxiliar, propondo soluções e realmente tentando dar um prumo na vida de quem necessita, é preciso responsabilidade, a mesma que você levou anos para ter no seu emprego. Não se pode subestimar o trabalho caritativo como se fosse uma aventura, algo que se realize sem compromisso.

— Olha! O meu amor por você faz com que eu te ouça, embora me pareça um absurdo. Lembro-me do meu velho pai dizendo que caridade se faz dando esmolas. Simples assim. Mas se você diz o contrário, fico apreensivo pelo resultado disso tudo.

— Não se preocupe; não é tão grave assim... (risos) Basta que você compreenda o objetivo da caridade bem conduzida, que é ajudar com efetividade outras pessoas. Aliás, meu velho, para tudo é preciso

organização e responsabilidade. Estou errada? Precisamos todos cultivar o preparo e o planejamento para as coisas darem certo.

— Ok, nisso você tem razão. Mas aposentar-me para entrar num campo desconhecido?

— Meu amor, existem inúmeros trabalhos caritativos, em várias partes do mundo. Você nunca seria obrigado a integrar algum deles com o qual não se identifique e goste.

— Então, você acha que eu devo aposentar-me?

— Sim, acho. Já deu tudo de si pela empresa. Chegou o seu momento de mudar; arrumar outro trabalho; não quero que se sinta inútil e paralisado aqui em casa.

— Você acha que eu seria um estorvo aqui?

— Meu bem, eu te conheço há décadas. A minha atividade é cuidar da casa e dos filhos, que já estão bem grandes. Você se sentiria perdido no universo que nunca foi seu. Cada um sabe fazer as coisas no seu ambiente de trabalho; este é o meu, mas não é o seu. Simples, meu querido. Por isso, acho que deve aposentar-se e recomeçar. Você é forte e inteligente; saberá dar valor às suas qualidades agora para ajudar, sem remuneração, a quem precisa. Por que não?

— É... por que não? Mas um passatempo poderia suprir o meu tempo ocioso.

— Poderia. Mas será que é o que você realmente gostaria? Você é uma pessoa tão envolvida em causas sociais, tão enlevado com os triunfos de seus filhos, especialmente quando diziam respeito ao auxílio aos colegas e à escola, enfim, quando eles mostravam um lado caritativo tão importante.

— Vou colecionar selos... (risos)

— E se sentiria bem?

— Acho que não... É tão simplório fazer qualquer coisa que só daria prazer a mim mesmo, não?

— Esse é o meu marido. Uma pessoa empenhada em pensar no próximo e, acima de tudo, na sociedade, no que o mundo precisa, naquilo que você pode ajudar para amenizar as dores e as angústias de tantos seres humanos.

— Nossa, falando assim, até parece que sou um anjo... (risos)

— Meu amor, para mim você é um anjo, mas isso não vem ao caso. Quero que se sinta bem após aposentar-se, porque sei que jamais se contentaria em ficar descansando o dia todo, colecionando selos ou fazendo algo equivalente, sem nenhuma consequência social.

— Achei que poderia ser um *garoto de compras*. Toda vez que precisasse eu iria fazer compras e traria o que precisasse. Não é suficiente?

— Engraçado, mas você nunca fez isso de bom grado a vida toda. Por que iria fazer depois de aposentar-se?

— Verdade. Garoto de compras eu não sou mesmo. Então, parece que devo aposentar-me e adotar um trabalho caritativo. É isso, minha querida?

— Não faça nada por obrigação, nem por sugestão minha se não assimilada. Quero que seja feliz nessa nova etapa da sua vida. Acho que deve aposentar-se. Porém, o que vai fazer depois é livre-arbítrio seu.

— Nossa, livre-arbítrio... A última vez que ouvi isso foi do padre da minha escola na fase juvenil da minha vida.

— Mas não muda nada. Todos temos a liberdade de decidir em favor ou contra isto ou aquilo. Seguir um rumo ou outro é livre-arbítrio, nada tendo a

ver com o padre ou com quem quer que seja. Exerça a sua liberdade, meu amor, aceitando a sua aposentadoria e depois pensando em como você, tão ativo como sempre foi, pode ajudar quem precisa. Não é o ideal?

— Minha querida, o meu amor por você é infinito. Vou aposentar-me. Depois disso, quero ouvi-la bastante sobre o que devo fazer.

— Ok. Estamos combinados. Aposente-se e se retire do trabalho obrigatório. Vamos conversar bastante sobre o que fazer em seguida.

13. RUGAS

Os refolhos do tempo

— Dona Kátia, estou vendo a sua agenda. A senhora tem médico novamente hoje.

— Sim, Margarete, eu sei.

— Mas a senhora já esteve lá essa semana.

— E você com isso? Quem paga o médico?

— Desculpe. Mas fico preocupada. A senhora está doente?

— Oh, minha filha, eu que peço perdão. Ando muito nervosa. Estou indo ao médico para tentar eliminar essas rugas horríveis... Olha, estou muito feia, não acha?

— *Magina*, a senhora é a mulher mais linda que eu conheço. Verdade mesmo. Falo para a minha família que trabalho para uma dama, uma rainha.

— Só você para levantar o meu astral. Obrigada por mentir tão bem. Estou toda *pelancosa*, nunca fui assim, ficar velha é um horror. Nem queira pensar nisso.

— Dona Kátia, se eu fosse pensar nisso ficaria agoniada, porque pobre não tem nem médico para o básico, então, não teríamos nem para ficar mais bonita. Esta *belezura* aqui vai ficar velha, cheia de rugas e meu marido vai ter que me aturar. (risos)

— Eu não quero rugas. Odeio essas pintas e todas as gorduras que ficam balançando nos meus braços... Ah, não quero saber disso. Sempre fui linda e quero morrer assim. Você acha mesmo que estou bonita?

— A senhora está maravilhosa. Se visse as minhas amigas, ficaria decepcionada. A gente tem 30 e poucos anos e parece que tem mais de 50. Não temos dinheiro para cremes de beleza, nem médico para dar esse negócio de *botoexe* ou sei lá o quê. Nós somos mais velhas antes do tempo e os nossos homens não ligam para isso.

— *Botox*, Margarete. Toxica botulínica, para ser mais precisa.

— Sei lá, esse negócio que passa na pele e estica tudo. Se a gente dependesse disso... Xiiii, *tava* todo mundo frito. Lá na nossa comunidade, a beleza tá na *formosura*. (risos)

— Queria pensar como você, mas as minhas amigas ficam comparando o número de rugas que surgem todos os dias bem na nossa cara, um horror; o espelho nos mostra isso e não temos como negar. Sou muito infeliz.

— Dona Kátia, a senhora tem dinheiro, tem posição, tem casa para morar, tem *eu* para trabalhar para a senhora. Por que se sentir infeliz?

— São as rugas, Margarete, as malditas rugas. Troco tudo por um rosto lindo, liso, esticadinho. (risos)

— A senhora vai pagar uma consulta para isso?

— Lógico. Pago o que for preciso para eliminar esse pavor do meu rosto.

— Ai, Dona Kátia, dá esse *dinheirinho* para mim e eu elogio a senhora todos os dias. (risos)

— Não brinca com coisa séria, Margarete. Tenho aflição de pensar que estou cheia de rugas.

— É o tempo que passa e mostra *pra gente* que estamos mais velhas. Não temos como evitar isso tudo. Viva mais, curta mais, viaje, arranje um *coroa* bonitão para preencher o seu coração, porque a senhora merece. Não se prenda a essas rugas, são só rugas, que não mudam a sua pessoa.

— Você filosofa muito, Margarete. Tenho que parecer jovem para as minhas amigas.

— *Uai*, que adianta parecer uma coisa que a senhora não é?

— Margarete!

— *Tô* só falando a verdade. O tempo é a única coisa que nos iguala, Dona Kátia.

Essa frase foi um marco na conversa; um divisor de águas.

— Vou pagar para ficar mais jovem? Acho que não vai resolver... — refletiu a patroa.

— Isso mesmo, não vai adiantar nada porque a gente envelhece e deve dar valor ao que aprende com o passar do tempo. A senhora não tinha a experiência de hoje quando era mais jovem e o mais importante é ter experiência.

— Mas a velhice para a mulher é muito cruel. Somos cobradas diariamente para sempre estar bonitas. Com os homens por exemplo, a coisa é bem diferente. O homem grisalho é charmoso! A mulher grisalha é quase uma bruxa!

— Nossa, se a senhora for uma bruxa, o que serei eu? Pobre de mim.

— Você me dá força, Margarete. Tem razão, eu mesma não aguento mais tanta pressão. Quer saber? Vou cancelar essa consulta e não vou mais ao médico, a não ser que realmente precise.

— Agora, sim, estamos juntas *nessa*. Cada vez que eu vejo uma ruga nova, eu me considero mais mulher, mais forte, mais mãe, mais avó, enfim, *mais eu*.

— Parece simples...

— É simples. Vem aqui...

Kátia estranhou o convite e olhou fixamente para Margarete.

— Falo sério, vem cá.

— Aonde vamos?

— Até o lavabo. Quero que vejamos juntas o nosso inimigo número um... (risos) O espelho.

As duas se uniram e fitaram o espelho. Riram e nem mesmo precisaram explicar o que sentiram. Dali saíram e cada qual foi cuidar dos seus afazeres. Não tornaram a falar de rugas.

14. RESPEITO

Velho também tem seu espaço

— Mãe, onde está o vô?

— Foi para a academia.

— Que horas ele volta?

— Depois da academia ele vai almoçar com um amigo e, mais tarde, vai levar os exames que fez ao médico.

— Está com mais compromissos do que eu! Não consigo mais ver o vovô aqui em casa. Está sempre na rua fazendo alguma coisa.

— Deixa o vovô, filho. É bom ele ter essas atividades. Aqui em casa ele fica muito triste sozinho, desde que a vovó se foi.

— Mas eu queria falar com ele.

— O que você precisa?

— Tenho um trabalho da faculdade sobre política. Eu sei que é uma área sobre a qual ele tem conhecimento, de que gosta muito.

— Então, tem que esperar ele chegar! Melhor ainda, leve o vovô até o médico e vocês vão conversando. Eu o levaria, mas se você puder ir, melhor. O que você acha?

— Posso ir sim, mãe. Não tenho tantos compromissos assim. A senhora me avisa quando ele chegar? Vou continuar fazendo o meu trabalho lá no quarto.

— Combinado, mas, filho, preste bem atenção quando levar o vovô ao médico. Não o censure por suas ocupações; ele é idoso, embora tenha direito de viver a vida dele como quiser.

— Mas, mãe, ele anda muito ocupado... Isso é normal?

— Por que não?

— Ele é velho, tem que se preocupar com a saúde e acho que precisa ficar em casa.

— Ora, você gostaria de ficar em casa, sem estar com seus amigos, na faculdade ou mesmo frequentar a academia de que tanto gosta?

— É diferente. Sou jovem, ele é velho. As pessoas idosas devem ficar em casa, protegendo-se de problemas...

— Que problemas, meu filho? Você está sendo preconceituoso. Quer dizer que quando eu tiver um pouco mais de idade também terei que ficar em casa? Quem vai cuidar de tudo? Você?

— Mãe, você é mulher... Cuida da casa, é normal que faça isso. Não acha?

— Não acho, não. Agora, noto o seu preconceito duplo: contra idosos e contra mulheres. Deixe de ser machista, pois homens também podem cuidar dos afazeres domésticos, assim como os idosos podem e devem divertir-se e ocupar o seu tempo como bem quiserem.

— Eu? Logo eu? Sou super flexível. Acho que as mulheres podem trabalhar fora de casa, por exemplo.

— Nossa! Que vanguarda! (risos) Lembre-se de que você vai envelhecer e o tempo vai passar muito rápido. Vai querer ficar em casa? Quer que seus netos te controlem?

— Nem sei se terei netos...

— Isso não significa que não possa ter a sua vida controlada por outra pessoa. É preciso garantir a liberdade para os idosos, hoje e sempre, para que as gerações se sucedam respeitando esse direito.

— Está falando em causa própria? Acha que eu vou controlar a senhora daqui um tempo?

— Lógico que não, até porque não adiantaria nada. Farei sempre o que achar melhor para mim.

— Ok, vou levar o vovô ao médico e não falarei nada sobre a sua ocupação. Está bem assim?

— Ótimo, mas gostaria que você fizesse isso porque realmente acredita na independência das pessoas de mais idade e não porque estou pedindo.

— Vou perguntar a opinião do vovô sobre isso. (risos)

15. FAMÍLIA

Por que temos pessoas que se importam?

A família é o núcleo mais importante para qualquer encarnado, pois constitui seu centro de ligações afetivas e, principalmente, seu universo de inter-relações do passado com os quais há de lidar, a fim de evoluir, resgatando dívidas pretéritas e conquistando novos caminhos para o futuro. Ninguém *nasce* em um agrupamento familiar por acaso; há sempre dívidas a considerar e superar, além de resgates a alcançar; porém, estão presentes, igualmente, o amor e o natural carinho nutrido pelos parentes uns pelos outros.

— Eu acho que nasci na família errada, pois não me sinto atrelado aos meus irmãos, nem muito ligado aos meus pais. Pareço um estranho. Você não acha?

— Meu amor, você é bem-aventurado por ter pais amorosos e irmãos que se preocupam com você.

— Diz isso porque é minha esposa e sei que se importa comigo.

— Não, eu realmente acredito nisso. Minha família também tem os seus problemas e nem por isso eu me considero uma estranha ali dentro. Creio que todos somos interligados por laços afetivos, aqueles advindos do simples fato de termos nascido no mesmo núcleo familiar.

— Mas estou doente agora, e só você se preocupa comigo.

— Em primeiro lugar, você me proibiu de contar aos seus familiares. Por que fez isso?

— Não quero piedade de ninguém.

— Mas isso não representa piedade; apenas uma informação importante, que pode ser, também, um pedido de ajuda. Por que não? Olha o orgulho...

— Orgulho eu deveria ter se minha família prestasse.

— Você deveria, sim, ter orgulho da família que tem; por outro lado, não deveria ter a soberba de sentir-se superior e não querer ajuda. São duas coisas diferentes.

— Você é muito rigorosa; quer que eu seja perfeito. Não sou. Acho que posso ser crítico em relação aos meus parentes, porque nunca ligaram para mim. E logo agora, que estou doente, vou contar com a ajuda deles?

— Eles também contam com você. Família é assim mesmo: quem precisa, pede ajuda do outro. Eu não sou rigorosa com os meus parentes.

— Você é muito condescendente.

Ernesto era o irmão mais velho de três; achava que os pais colocavam muita pressão em relação ao seu sucesso profissional e, desde cedo, sentiu-se injustiçado, inclusive porque tinha que ajudar seus pais na educação dos mais novos. Assim que custeou o estudo dos mais novos, a contragosto afastou-se, melindrado. Sua esposa, Melânia, era o oposto, apoiando seus pais sempre que podia e fornecendo suporte material e emocional à irmã mais nova, que apresentava problemas psiquiátricos desde cedo.

Não há fórmula única para que as pessoas atuem, por bem ou por mal, em seus núcleos familiares, embora o ideal seja manter a perseverança e a

resignação, visto serem os encarnados imperfeitos, necessitando mais de compreensão do que de críticas destrutivas.

Os males físicos por vezes chegam para aproximar familiares, justamente provocando o auxílio recíproco, auxiliando a retomada de convívio e o perdão de contrariedades do passado.

Hospitalizado, Ernesto recusou-se a receber a visita de seus familiares. Terminou concordando com a presença dos parentes da esposa, mas sofreu com isso, pois são seus idosos pais que tanto desejavam vê-lo. Os irmãos mais novos, agradecidos pelo que sempre obtiveram dele, também queriam visitá-lo e não conseguiram.

— Meu bem, você não foi justo na sua decisão de impedir seus velhos pais de visitá-lo; muito menos de vetar a presença de seus irmãos. Por que tanta raiva e amargura?

— Eu sinto assim e não tenho que lhe dar explicações.

— Agora se volta contra mim? Se meus parentes puderam visitá-lo e não têm o mesmo vínculo afetivo por você, é injusto vetar os seus familiares.

— Não quero brigar com você; estou muito fraco para isso.

— Não se trata de brigar, Ernesto. Eu quero preservar a sua família, especialmente nessa hora tão delicada. Eles desejam vê-lo; que mal há nisso?

— Eles vêm aqui para mostrar piedade, porque sabem que estou morrendo. Quando eu estava bem e saudável não me visitavam.

— Não visitavam porque você não queria contato. Achou-se injustiçado por ter que contribuir para os estudos de seus irmãos, mas isso foi um

acordo feito com seus pais desde cedo; quando era jovem, você concordou com isso. Por que mudar de opinião e ainda os culpar?

— Os pais devem sustentar os filhos e não obrigar irmãos a fazer isso. Por acaso, você acha certo?

— Meu bem, não há certo ou errado; foi um acordo familiar para que seus pais pudessem pagar seus estudos na melhor faculdade e, depois, obtivessem o seu auxílio para custear a formação de seus irmãos. Nada demais.

— Diz isso porque não foi você que padeceu anos para custear dois ineptos, que não gostavam de estudar. Foi um abuso querer formar quem nunca quis. Meus pais cobraram um trato imposto unilateralmente e isso eu não perdoo.

— Ernesto, você tem noção de quantas famílias brigam por coisas muito mais sérias que essa bobagem a que tanto faz referência? O que lhe custou ajudar seus pais a pagar o estudo de seus irmãos?

— Ah, deixa para lá. Só eu sei o quanto me custou. Não quero mais falar sobre isso.

O tempo passou, Ernesto piorou e seu estado chegou a ser considerado terminal. Mesmo assim, amargurado pela enfermidade, terminou descontando sua ira na família por mágoa tola do passado. Sofria, dia após dia, a falta de seus parentes mais próximos e deixou seu orgulho dominá-lo por completo. A esposa era a única que tinha acesso a ele, mesmo assim cuidando das palavras, pois ele era muito suscetível.

Um dia, em delírio febril, reclamava em voz alta não ter tido filhos por causa dos cuidados que teve que destinar aos irmãos mais novos, mas era

desmentido pela esposa.

— Meu amor, você sabe que foi nossa opção não ter filhos porque eu tinha problemas uterinos insanáveis e nunca nos passou pela cabeça a adoção. Não culpe seus pais e irmãos.

— Você só os defende, mas nunca entende o meu lado. Se eu não tivesse tantos gastos, talvez pudesse ter custeado um tratamento para você. Não sei, mas não pudemos tentar.

— Era impossível no meu caso. E sabe bem disso.

Nas derradeiras semanas, Ernesto sensibilizou-se bastante, pois sabia que o fim estava próximo, ocasião em que pediu a Melânia para chamar seus pais. Eles vieram prontamente, sem pestanejar ou questionar. Viram-se por algumas horas, abraçaram-se, choraram juntos e, depois, os dois partiram para nunca mais retornar naquela existência física de Ernesto. Os irmãos só apareceram para a visita quando ele perdeu a consciência.

— Por que tinha que ser assim, Melânia?

— Não sei, meu querido, foi desejo dele, com o qual eu nunca concordei. Acho tudo bobagem que poderia ter sido simplesmente esquecida.

Eles fizeram uma oração em conjunto e foram embora.

Melânia permaneceu em seu posto de esposa dedicada, amorosa e muito atenciosa. Os poucos amigos surgiram, apenas para uma última visita de despedida.

Numa noite chuvosa, Ernesto desencarnou, levando consigo mágoas e ressentimentos que jamais mereciam ter povoado o seu coração quando em vida. O simples perdão deveria ter norteado sua trajetória e a reaproximação familiar era o caminho ideal. Se assim não foi, eis o ponto fundamental da

reencarnação. Haverá de ser, pois resgates não permanecem jamais em aberto.

As pessoas que se importam precisam ser valorizadas, em especial quando são familiares. Os idosos merecem sempre receber de seus descendentes o perdão, por pior que tenham agido, sob a óptica de filhos, netos ou bisnetos. Os passos ideais de quem padece uma enfermidade é se permitir ser uma voz contrária aos seus próprios reclamos de recalcitrância, amargor e raiva; precisa cultivar a benevolência, mesmo que lhe seja até então desconhecida; necessita recompor-se com os pais, os irmãos, os filhos. Abrir o coração para permitir o brilho do amor é o trajeto da paz e do equilíbrio no final dos dias no plano físico. Deixar as pessoas que se importam atuar e mostrar os seus sentimentos, visto que a concordância e a paz são instrumentos a iluminar o desencarne, é, sem dúvida, a razão mais certa para qualquer um.

Capítulo XIV - Regeneração

A VELHICE, embora possa ser gratificante pela experiência e sabedoria alcançadas para quem souber encará-la como um bem — um estágio positivo e necessário — é *sem qualquer dúvida* a fase mais complexa dos sentimentos humanos.

Ser e estar *velho* pode significar o incremento do orgulho e do egoísmo para muitos; pode representar a perda da flexibilidade no campo da reforma íntima; por vezes, simboliza o período da teimosia decorrente da falsa interpretação do que vem a ser *sabedoria*; pode acarretar imensas perdas, pois o livre-arbítrio é pleno e não diminui com o passar dos anos. Enfim, pode simbolizar um percurso difícil em matéria sentimental; igualmente, pode representar passos mais complicados no campo físico.

Entretanto, acima de tudo, consagra-se a regeneração, indicando a mais profícua oportunidade para a reforma íntima, visto que a compreensão do mundo ao seu redor se encontra acurada e mais bem preparada, fruto da experiência.

Nota-se a possibilidade de a velhice representar uma fase de mais erros do ser humano, como também de mais acertos, tudo a depender de *quem* está lidando com esse estágio derradeiro da existência humana na crosta

terrestre. O livre-arbítrio está sempre presente em nível integral a partir dos 16 anos, logo, terminará ao lado do idoso em seus últimos suspiros.

Velhos, eis o chamado: não se apeguem à idade avançada para fazer algo que não fariam antes — de aspecto negativo — quando jovens, mas, ao contrário, valham-se desta fase para empreender atividades antes não entabuladas por razões variadas, de aspecto positivo, que também não fizeram em outras idades.

A idade traz serenidade, visto que o corpo físico decai mas a mente continua ativa, acumulando experiências, conhecimento e sabedoria. Portanto, é muito natural que os idosos se dediquem à caridade; não como uma válvula de escape, pretendendo galgar o “reino dos céus” por conta disso, mas muito pelo fato de que compreendem a necessidade do semelhante, diminuem o egoísmo e aderem à fraternidade. Natural. Correto. Justo.

É preciso assinalar o óbvio: o Espírito não envelhece jamais.

Diante disso, o corpo material decai, mas o Espírito permanece jungido à sua obrigação natural de reforma íntima, desde o início da juventude, coroada pelo livre-arbítrio, até o último dia de sua existência na materialidade, nunca abandonada pela liberdade de ação.

Regenerar significa construir algo novo e é justamente isso o que a velhice propicia no âmbito espiritual. Se, quando jovem, o encarnado constrói muitas coisas ligadas ao materialismo, envelhecendo pode dedicar-se a aprimorar o lado espiritual, erguendo algo novo, até inédito, sob o ponto de vista da solidariedade e da fraternidade.

Essa fase derradeira da vida material é um estágio de *resgate*, entendido este como a total libertação das amarras do materialismo, do tão sofrido *status* social, das mazelas das aparências. Ser natural, ser autêntico, ser bondoso, ser uma pessoa de consenso e de afetividade é, sim, o maior e melhor objetivo do idoso. Não se transformar em ser mais desprezível do que quando jovem, somente para protestar em face do envelhecimento do corpo físico, é o horizonte a ser perseguido por todos.

A velhice não confere imunidade a ninguém, entendendo-se como a viabilidade de fazer o que bem entende, mesmo ferindo pessoas e lesionando bens importantes. São tolices apregoadas por quem não nutre fé e muito menos credulidade na vida eterna.

A idade avançada proporciona o auge da reforma íntima, pois as cobranças profissionais diminuem e as familiares são mais compreensivas. É momento de demonstrar, amigos idosos, a sua verve para inspirar os jovens a serem afáveis, compreensivos, cordatos, cultores da amizade sincera, fraternos. É fase de evidenciar aos mais jovens que a maldade não ergue nada salutar, que a vingança é prato frio e indigesto, que o mau humor não produz nada efetivamente positivo, enfim, demonstrar que a bondade, à luz do exemplo de Jesus, é e sempre foi o melhor e mais profícuo caminho a seguir.

Os que conseguem atingir a condição de avós, pais dos filhos dos filhos, a par de dedicar muito amor e afeto, precisam ser exemplos e verdadeiros modelos de boa conduta aos seus netos. Estes, com certeza, não terão outros exemplos mais adequados em vida material do que seus avós. Nem mesmo seus pais, ainda jovens, atarefados e, por vezes, impacientes.

A velhice é, de certo modo, *mágica*, no sentido de ser encantadora, extraordinária e atrativa a quem se dispuser a ceder a tantos bons atrativos. O idoso é um ser humano experiente, sábio por isso, merecedor de respeito, mas, acima de tudo, quando sua conduta se pauta pela bondade, um visível exemplo a ser seguido.

A fase da regeneração do Espírito não se confunde, em absoluto, com a eventual expiação do corpo físico. Muitos velhos podem padecer enfermidades graves, embora nunca percam a viabilidade mental de expor a resignação, a aceitação aos desígnios divinos e, sobretudo, de dar o exemplo aos que estão ao seu redor.

Não há nada mais triste do que uma velhice mal-humorada, reticente, arredia, sombria e promotora de maus exemplos. Por que isso? Para fazer um protesto? Para demonstrar contrariedade? Porém, quem é o espectador disso tudo? Os filhos, os netos, os amigos, os conhecidos, todos eles não darão nenhum valor a esse protesto tolo; ao contrário, visualizarão um mau exemplo, temendo a velhice no futuro, o que é negativo e insensível por quem assim propaga.

Um velho de bom humor é algo raro? Para muitos, sim. Justamente pelo fato de que a velhice tem sido associada a uma fase desgraçada da vida, o que não corresponde à realidade. Afinal, se isso se deve a enfermidades, é preciso lembrar que as doenças, graves inclusive, estão presentes em todas as faixas etárias. Mas, quando acometem um jovem, logo segue o julgamento de “injustiça”. Quando envolve um idoso, naturalidade, mas nunca “injustiça”. Erro duplo. Enfermidades graves são expiações ou provas e abrangem jovens e velhos, indistintamente, devendo provocar o

olhar crítico construtivo de quem está ao redor. É a vontade divina, nada mais que isso. Precisa ser enfrentada com altivez, fé e confiança.

Não se deve, contudo, separar a enfermidade do jovem e a doença do velho como se fossem coisas absolutamente diferentes: o velho a merece por força da idade; o jovem foi injustiçado. Eis o absurdo de quem é incrédulo e, certamente, não crê na vida eterna. Pois, se assim acreditar, nada mais há de diferente entre ambos os casos. As provas e expiações permeiam jovens e velhos.

É momento para *respeitar* os velhos. Dar a eles o valor que efetivamente têm. Mas também é fase para exigir dos idosos o *respeito* à vida e, portanto, o cultivo dos bons sentimentos e das boas atitudes, independentemente da idade.

É preciso cessar a ideia vetusta e errônea de que velhos podem fazer o que bem entenderem por serem idosos. Errado. Idosos precisam continuar a ser tão cristãos e devotados a Deus como sempre foram desde cedo. Se, porventura, não tinham fé, eis uma boa etapa da vida para se dedicarem a Deus e à vida eterna, que, em breve, os envolverá.

Idosos, seus paradigmas são os mesmos de um ser humano de qualquer idade abaixo da sua. Nutrir bons sentimentos. Lutar pelo bem. Perdoar sempre. Ser resignado. Amar a Deus. Enfim, ser uma pessoa bondosa e crente.

A regeneração *final* é a mais importante porque, com o conhecimento adquirido ao longo da jornada material, pode ser facilitada e mais adequada pelo amplo acesso à família constituída ou aos amigos feitos ao longo da vida. Quem, porventura, passou uma jornada solitária, sem família e

amigos, tem a oportunidade de rever seus valores e cultivar novas amizades, demonstrando sua importância e, principalmente, sua vontade de estar com outras pessoas próximas no momento do desencarne.

Não se pretende findar uma obra tão valiosa como esta com uma mensagem negativa. Não podemos considerar, portanto, qualquer idoso que se tenha recolhido totalmente e não tenha família, nem amigos. Ele agiu de modo equivocado e vai arcar com a força justa da lei universal de ação e reação.

A todos os demais idosos, nossa recomendação é utilizar o seu bom humor natural, adquirido pela experiência, utilizar sua sabedoria e encantar seus filhos, netos e amigos, nos bons e nos maus momentos, para que todos percebam a luz brilhante e maravilhosa que a velhice pode trazer a todos os encarnados.

Velhice é vida.

Velhice é luz.

Velhice é sabedoria.

Velhice é fraternidade e solidariedade.

Velhice é bondade.

Velhice é amor.

Velhice é fé.

Velhice é força.

Velhice é horizonte infinito.

Velhice é felicidade pela missão cumprida.

Velhice é o passaporte para a vida eterna.

Livros da série “Alvorada Nova”

I. Em português, pela Casa Editora O Clarim:

Alvorada Nova, Cairbar Schutel;

Conversando sobre Mediunidade — Retratos de Alvorada Nova, Cairbar Schutel;

Eustáquio — Quinze Séculos de uma Trajetória, Cairbar Schutel;

Minha Vida em Geração, Caio Mário;

Crônica de um Despertar — Meu Retorno ao Além, Afonso;

Fundamentos da Reforma Íntima, Cairbar Schutel;

Baviera — Saga Secular de Amor e Ódio, Rubião;

Guerra no Além — Interação entre os Dois Planos da Vida, Cairbar Schutel e seus Emissários;

Reforma Íntima — A evolução em fase regenerativa, Cairbar Schutel;

Umbral — projeções mentais, testemunhos e resgate espiritual, Cairbar Schutel;

Velhice — fase de regeneração do espírito, Cairbar Schutel.

II. Em português, pela Editora Alvorada Nova:

Contos — Retratos de Vidas Passadas, Cairbar Schutel e seus Emissários;

Imagino que Você Queira Ser Feliz, Caio Mário;
Memórias de um Anjo Guardião, Caio Mário;
Inquisição — A Época das Trevas, Cairbar Schutel;
O Peregrino das Ilusões, Henrique;
Eutanásia — Salvação do Corpo, Aflição do Espírito, Rubião
História de Amor, Rubião;
Reforma Íntima — Teoria e Prática da Evolução Espiritual, Cairbar Schutel.

III. Em espanhol, pela Editora Espírita Allan Kardec (Málaga):

Alborada Nueva;
Conversando sobre Mediumnidad;
Eustáquio — 15 Siglos de una Trayectoria;
Mi vida em gestación;
Crónica de um despertar — Mi retorno al más allá;
Imagino que usted quiere ser feliz — Memorias de um ángel guardian;
Inquisición — La época de las tinieblas;
Baviera — Saga secular de amor y odio;
Eutanásia — Salvación del cuerpo, aflición del Espiritu;
Cuentos.

IV. Em esperanto, pela Casa Editora O Clarim:

Nova Auroro.

Velhice — fase de regeneração do espírito é a 19ª obra da série de Alvorada Nova, a Colônia Espiritual coordenada por Cairbar Schutel. É um convite à reflexão sobre este decisivo período — o último estágio material do encarnado — que reserva inesperados aprendizados e deve nos preparar para um retorno harmônico à espiritualidade.

A reencarnação é oportunidade constante de amadurecimento espiritual. O Espírito pode evoluir através dessas vivências em toda e qualquer ordem cronológica.

Entre mensagens teóricas, relatos e histórias de alguns moradores de Alvorada Nova, aborda temas como evolução, fases da vida, trabalho, materialismo, sexo, rugas, solidão, lógica do envelhecimento, doenças, asilo, luto e regeneração.

É um estímulo à busca da almejada felicidade no convívio com idosos e em nossa própria velhice, quando rugas contam ou contarão histórias e passos lentos refletem ou refletirão firmeza e vivência interior.

A velhice é um presente incontestável.

CASA EDITORA
O CLARIM

A boa mensagem sempre
encontra seu destino

